ANNALISA VOLGARINI



"Todos nós usamos máscaras, mas
às vezes são elas que revelam nossa
VERDADEIRA FACE"

Felícita

NOMEADA PELO CRIME

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Felìcita

NOMEADA PELO CRIME

1ª edição
2015

ANNALISA VOLGARINI
FELÌCITA – NOMEADA PELO CRIME

© Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia da autora.

Edição, diagramação e design de capa:
Annalisa Volgarini

Imagem disponibilizada por:
Faestock

Revisão textual:
Rafaeli Oliveira
Nadja Helena

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos aqueles que me incentivaram para o término desta obra, pois todos sabem a dificuldade que sinto em terminar os projetos que inicio. A vocês, meus parentes e amigos, obrigada pelas dicas, pelo apoio e, principalmente, por aturarem as minhas ideias malucas (Mannuelly, Edvaldo, Fernando e Jessika, vocês são minhas maiores vítimas nisso, então continuem com o bom trabalho).

Agradecimentos especiais para minhas primeiras leitoras: Nadja, Janielle e Rafaeli. Sem vocês eu não teria chegado até aqui e o livro não passaria do terceiro capítulo. São responsáveis pelo que escrevi tanto quanto eu.

"Curioso não saber explicar como alguém tem o dom avassalador de ser o nosso ponto fraco. É como se eu estivesse em dieta e ele fosse a minha sobremesa

predileta, armadilha, veneno e antídoto simultaneamente... inexplicável e irresistivelmente. É como se eu admitisse que existiam mais gentis, mais bonitos, mais inteligentes e até mais sinceros, mas ninguém conseguia a façanha de ser minha paz e minha loucura ao mesmo tempo, ninguém conseguia ser a razão e as contestações sobre todas as leis inventadas pro amor... a não ser ele, ele que me desarma, ele que estraga o meu show, ele que é único."

Yohana SanFer

PRÓLOGO

— Outro *Dry Martini*.

A voz dele é grave, mas tem um toque suave como de um cantor romântico. Senta com elegância, tem ombros largos e as costas retas. Atento para um charme executivo, daquele de homens poderosos que têm o mundo na palma da mão. O rosto é como o de um galã de cinema, um deus moderno esculpido por um mestre grego nos tempos clássicos, o sonho de qualquer garota. Olhos inteligentes e cor de mel, nariz reto e perfeito como os lábios, uma sedutora barba por fazer e cabelo de corte um tanto rebelde, combinando com a cor dos olhos. Repara que estou encarando, mas parece não se importar.

— Noite difícil? — indaga despretensiosamente.

— É. Nem queira saber.

— Ah eu sei, senhorita Wells. Traição realmente é algo... desagradável. — leva um tempo intencional para proferir a última palavra.

Assusto-me. Um estranho sabe o meu nome e o lamentável incidente que acabo de presenciar. Um turbilhão de pensamentos incoerentes passa em minha mente, tento formular uma explicação lógica para o que está acontecendo. Supermodelos não são raptores ou traficantes de órgãos. Há quanto tempo ele está me seguindo? Não sou assim tão bonita para que ele esteja apaixonado a ponto de me perseguir, nem tenho dívidas. Só as do cartão de crédito, mas quem não tem? Já estou pagando.

— Assisti sua *performance* de hoje cedo, foi bem convincente como Natale.

A conclusão vem como um raio me partindo ao meio: ele é da máfia. Devo tê-los ofendido em alguma coisa durante a minha cena e agora querem vingança. A taça treme um pouco em minha mão, coloco-a sobre o balcão. Analiso o restante do local, as mesas estão vazias, não há mais ninguém além do barman impassível.

— Deve estar se perguntando o quanto sei sobre você. Audrey Wells, 21 anos, natural de Cincinnati, Ohio. Filha de John e Elizabeth Wells, já falecidos. Sei até que quando tinha sete anos escreveu uma redação afirmando que quando crescesse queria ser mestre em karatê para bater no vizinho Kevin. Mesmo Kevin que foi seu par no baile de formatura. Dos quinze aos dezoito anos foi criada pelos tios até que veio para Cleveland, onde se sustenta trabalhando com

tecnologia da informação enquanto tenta ingressar na carreira de atriz. Mesmo com muito talento, ainda não conseguiu grandes papéis pela falta dos contatos certos. É por isto que estou aqui: pelo seu talento.

Ocorre-me a ideia de correr, porém algo me diz que não tenho muitas chances. No cinema, quem corre sempre se dá mal. Recomponho-me e recorro a uma coragem que não tenho.

— Quem é você?

— Pode-se dizer que sou um ator. Um ator social. — por um momento ele tão somente desliza o dedo sobre a borda minha taça — Suponho que já ouviu falar da obra de Goffman?

Permaneço muda. Provavelmente estou bêbada no quarto drink.

— Ele compara a vida quotidiana ao mundo do teatro, onde nós representamos e somos público. Todos nós usamos máscaras e representamos papéis. Somos um e somos muitos. Nossas interações com os demais no palco da vida são de acordo com as máscaras que usamos. A máscara de pai, filho, estudante, amigo, marido, amante ou mentor. Uma infinidade delas. — muda para um tom um pouco mais baixo como quem confidencia um segredo e apoia o braço relaxadamente sobre o vidro — Somos seres racionais e egoístas, é da natureza humana. Assim como no teatro, atuamos, agimos de modo dissimulado de acordo com cada cenário e esperamos uma determinada reação que nos convém. É de acordo com essa certeza que vou atrás do que quero, senhorita Wells. Quem sou eu? No momento sou um estrategista com uma ambição, conversando com um alguém que ele espera ter o que é necessário para satisfazê-la.

As palavras parecem não fazer sentido, um discurso evasivo que não diz nada do que quero saber. Nem é uma resposta. Abro a boca para fazer emergir meus protestos, ele volta a falar.

— Ouça. Neste exato momento você está morta. Cinco minutos atrás houve um inesperado vazamento de gás em seu apartamento e ele explodiu.

— O quê? — grito.

— Calma ninguém se feriu. Mas em algumas horas encontrarão os restos do seu corpo queimado no banheiro.

— Ai meu Deus!

— Rezarão a Deus pela sua pobre alma, para que descanse em paz.

Como ele pode dizer isso tão casualmente, da mesma maneira que diria as horas a alguém? Minha respiração fica irregular, o coração já disparado quer sair do peito. Nunca senti tanto pânico. Procuro pelo barman, que também não está

mais aqui. O que acontece agora? Vai me jogar em um rio depois que conseguir o que quer. Adeus mundo.

Ele põe meu cabelo atrás da orelha e segura suavemente meu queixo com uma mão grande e quente, parece que me analisa. O toque na minha pele me faz estremecer.

— Você não será mais Audrey Wells. Quero que use a máscara de Felìcita Del Vecchio.

— Quem?

— Felìcita é a herdeira de uma das famílias mais poderosas de Nova Jersey. Quero que interprete um papel. Esqueça sua vidinha de drama adolescente de quinta. Você agora está ao meu serviço.

— É um absurdo, não faz sentido.

— Você terá dinheiro e quem sabe fama. Pode até conseguir os melhores papéis se quiser continuar no ramo. Não me importo. Para o seu mundo, você não existe mais. Não tem nada a perder, já perdeu tudo.

— Por que eu faria isso? Vá se...

— Eu não terminaria a frase. Não estou pedindo e nem faço ameaças. Se tiver bom senso, fará o que eu digo. Não apenas sua vida está em minhas mãos, como a de todos que você conhece. Suas amigas, o patético do seu namorado e até mesmo seus primos e tios amorosos.

Realmente o irritei, fita-me de maneira fulminante, com um fogo intenso nos olhos. A qualquer minuto irá apertar minha garganta. Engulo em seco. Então abre um sorriso brilhante de anúncio de creme dental. Sinto-me irritada como jamais estive, uma sensação de impotência e uma espécie de falta de dignidade e humilhação me invadem sem permissão.

— Entre no carro.

Ele se volta para frente e dá um gole no *Martini*, entendo que a conversa acabou, assim como a minha vida do jeito que eu a conheço. Junto minhas forças para sair andando de forma decente, mas as pernas não obedecem e a cabeça começa a girar. Tudo é irreal. Viro-me para trás e o homem está me espiando por sobre o ombro.

— Um passo em falso e você morre. Entendeu?

Não há como não entender a mensagem, é uma corda em volta do meu pescoço. Há dois homens grandes parados na porta de um carro preto estacionado na entrada do bar. Um deles abre a porta e entro. O percurso que faz ou o tempo que leva, não sei. Meu corpo parece dormente, não sinto braços nem pernas, somente a cabeça ainda dando voltas. Por que isso está acontecendo...?

Capítulo 1

Entro lentamente na sala de estar, um passo de cada vez. Não quero estar ali, porém é uma situação que não pode ser evitada. Regras existem porque são necessárias. Mantenho a cabeça baixa, até que encaro os sapatos do homem sentado à minha frente. Olho direto nos seus olhos, não hesito. Por um instante, seu desespero é quase tangível, posso senti-lo, embora tenha uma expressão vazia no rosto. Retiro a arma do meu casaco. O peso dela desta vez é bem maior, é o peso do dever e das minhas convicções.

— Antonio.

— Sabia que você viria. Nunca me decepciona. — ele diz, voltando-se para um quadro pendurado na parede à direita. Uma praia de areia branca, céu limpo e aves voando em bando, emoldurado em dourado. Também queria estar ali agora, com nada além do vento no rosto e a espuma da quebra das ondas nos pés.

— Por que fez isso? Por que me roubou? Achei que fôssemos mais do que isso, Antonio. — tenho remorso na voz, tento usar um tom duro, mas a voz sai rouca como se não fosse minha. — Sempre te considerei um irmão.

— Não faça perguntas das quais já sabe a resposta.

Ponho a mão em seu ombro caído. Retiro-a no mesmo instante, não há lugar para sentimentos. Ele me traiu, não há volta. Crescemos juntos, nos conhecemos bem o suficiente e sabemos como as coisas funcionam nesse meio. Encosto o cano da arma em sua testa. Faço isso de propósito, para que não veja totalmente o seu rosto.

— Onde está o dinheiro?

— Doei para a caridade. Quem sabe eu seja perdoado por meus pecados. — covinhas se formam sem suas bochechas, está sorrindo com desgosto, fala a verdade.

Com isso, uma lágrima rola pela minha face, mas minha expressão plácida não desmorona. É assim que eu sou e não posso demonstrar fraqueza. Os fracos caem cedo, os fortes duram alguns dias mais. Mesmo que mais ninguém da família esteja vendo, quero mostrar para mim mesma que sou forte e esta é só outra pedra no meu caminho que também ultrapassarei.

— Quais suas últimas palavras?

— Vivi como quis, morri como quis. Mande colocarem isso na minha

lápide.

— Adeus, Antonio. — sussurro e aperto o gatilho. Então chegam aos meus ouvidos os aplausos da minguada plateia.

— Ótimo, Audrey. Captou bem os sentimentos da personagem. Falaremos sobre a psique da Natale mais tarde para o teste de amanhã. — elogia um deles.

— É, foi bom. Mas novamente faltou-lhe postura. Trabalhe nisso. — repreende outro — Próxima!

Procuro não transparecer como estou chateada, com uma pontada de frustração. O professor Jones só me diz isso. Postura, postura. Até já andei com livros na cabeça e também sobre uma corda bamba, o que mais tenho que fazer? Talvez deva desistir dessa classe, existem outros professores. Algum deles deve conseguir melhorar a minha "postura". Já estou no início do segundo ano e não consegui nada além de um ou outro papel secundário em peças que não fazem sucesso. Existe algo de errado comigo. Não tenho talento, estou na carreira errada. Se não conseguir nada, vou desistir. O colega de palco pega na minha mão, atrasando minha saída.

— Ei! Encontro com você mais tarde? — pergunta.

— Tá. Manda uma mensagem depois.

— Próxima!

Saio apressada. Este professor me tira do sério, tem algo contra mim. Se a arma fosse de verdade, atiraria nele. Tudo bem, não atiraria. Mas também não atiraria no meu namorado Aiden. O que ele tem de talento, tem de beleza. Esse aí vai longe, até já conseguiu um papel em uma série de TV que começará a ser filmada em breve. Sinto inveja, mas fazer o que, né? Ele brilha como ouro, não sei como consegui um namorado tão bom. Isso se ele não estiver me traindo, mas não acredito em fofocas de bastidores. Aiden é perfeito. Enquanto não me der motivos reais, não posso afirmar o contrário. Preciso acreditar nele.

Olho para o celular, quatrocentas e sete notificações serão ignoradas. Tenho quase quatro horas até a próxima aula, pouco dinheiro e muito trabalho. Caminho apressada pelos corredores da faculdade, dando sorrisos ou acenos corteses para aqueles de rosto conhecido. Detecto minha arqui-inimiga Emily do outro lado do estacionamento. O termo não se encaixa bem para nossa relação, não somos heroína e vilã, estou apenas tentando ilustrar minha narrativa. Mas ela é alguém que realmente detesto. Não é da minha turma e nunca estive sequer a menos de dez metros dela, só que o gênio dela e o meu não se batem. O jeito de menina rica, a cara de orgulho e os olhos que veem todo mundo de cima me chateiam. E esteve de olho no meu namorado. Só em outra vida eu poderia

gostar dela.

O dia está agradável, o sol de início de verão me dá ânimo. Entro no meu velho Kadett amarelo com adesivos pretos, herança de família. Giro a chave e o motor solta um som de tosse e vai morrendo. Praguejo e tento novamente.

— Vamos lá, Pikachu. Não faça isso comigo...

Às vezes fico constrangida, não por falar com o carro, mas por chamá-lo de Pikachu. Foi batizado pelo meu priminho Ashton e acabei conservando o nome. O carro me atende e logo adentro a *Public Square*, em direção a um dos meus clientes mais problemáticos, L & J Associados. Antes de passar pela porta giratória do prédio, ponho meus óculos. Não preciso deles, mas as pessoas confiam no visual geek de quem trabalha com TI, faz parte. Ninguém desapega dos estereótipos. Nunca tenho problema com a segurança, entretanto. Todos já me conhecem aqui e seria um paranoico quem desconfiasse da nerd que conserta os computadores.

— Então, Marrie, o que temos aqui? Tsunami, bomba nuclear ou apocalipse zumbi?

— Audrey! Ainda bem que você chegou. Chefe já tá pra matar um aqui.

A secretária é realmente uma figura. Baixinha, de seus trinta e cinco anos, olhos grandes e o nariz quase sempre vermelho como em um eterno resfriado. Às vezes tem batom nos dentes e procuro não rir. Fala sem parar enquanto trabalho nos computadores. Otimização de bancos de dados, esse é o meu ramo, embora eu saiba também mexer aqui e ali.

Alguns anos atrás, passei por uma fase bem ruim da vida e me recolhi no quarto, com um computador e nada para fazer além de me perder dentro da minha própria tristeza. Foi assim que entrei nesse meio e por enquanto vivo disso. Foi um momento complicado onde encontrei também minha verdadeira paixão: atuar. Creio que o real motivo tenha sido sair de mim, fugir de alguma maneira. Não posso fugir de mim mesma, contudo atuando posso ser outra pessoa e estar em outro lugar. Claro, a expectativa de pessoas me aplaudindo e admirando meu trabalho e trazer um sorriso ou arrancar uma lágrima fazem parte do meu interesse pela atuação, só não é a essência dele.

Enquanto não fico rica com isso, dou um jeito de pagar as contas que se acumulam como neve no telhado. É impressionante o quanto conseguimos descobrir sobre a vida de alguém somente fuçando o computador. Marrie, Marrie, você está tendo um caso com o seu advogado. Quem diria? O segredo está guardado comigo. Isso só me faz refletir como não conhecemos as pessoas, existe muito mais embaixo daquilo que conseguimos enxergar.

— Prontinho.

— Ai você é um anjo, garota.

— Também te amo, Marrie. Envie o pagamento pra conta de sempre.

Gosto de ajudar as pessoas com essas coisas, entretanto, como expliquei, preciso me sustentar. Viver de aluguel não é fácil, mesmo dividindo com mais duas pessoas. O apartamento é pequeno, mas aconchegante e perto da universidade. O melhor que se pode conseguir nessa parte de Cleveland com o que ganho, um verdadeiro achado. Entro, jogo a mochila num canto e a mim própria no sofá.

— E aí? Como foi no pré-teste?

— Sei lá. Jones me odeia.

— Ele odeia todo mundo, A. Deve odiar até ele mesmo, com aquela barba ridícula e sobrancelhas de taturana. E as camisas havaianas? Ele pensa que é algum diretor de cinema. A amargura dele é falta de mulher, isso sim. Nem se preocupe, você vai arrasar, tem talento, flor.

— Ah, obrigada Amber.

— Que nada. Pra que servem as amigas se não pra se unirem e falarem mal do professor?

Ambas rimos. Ela tem esse jeito estranho de fazer as pessoas se sentirem bem, como se os problemas desaparecessem por um momento. É isso que mais gosto nela, está sempre relaxada e feliz não importa o que aconteça. Pode parecer estranho, mas se alguém perguntasse “Quem seria sua companhia em uma ilha deserta?” eu a escolheria sem duvidar.

— É mesmo? E se eu falasse mal do Morrison? — provoco. — Desse professor também?

— Pare com isso, A. Eu não estou a fim dele. — cruza os braços com um porte de séria.

— Ah, não? Pensei ter visto uns olhares suspeitos lançados entre vocês mês passado, naquele evento de encerramento da temporada. Percebi, hein. Acho que ele tá interessado. Se eu fosse você, investia.

— Que conselho é esse? Acha que eu devo assediar um professor?

— Por que não?

— É? E por que você não assedia o Jones? Tenho certeza que ele aumenta sua nota. — joga a alfinetada.

— Que nojo! Quer me fazer perder o apetite, sua louca? Logo quando você vai fazer o almoço.

— Colocar no microondas conta como fazer?

— Hummm. Conta.

Amber vai até a cozinha conjugada, balançando seu rabo de cavalo loiro de um lado para o outro. Cruzo as pernas em cima do sofá, ponho uma almofada no colo e ligo a TV.

...confirmada morte do governador. Aos quarenta e cinco anos...

— O que o Jones falou? — berra da cozinha, como se fosse distante.

— A história da postura.

...polêmica em torno da prisão de um dos mais conhecidos traficantes de armas de Nova Iorque...

Ela senta ao meu lado e me entrega um dos pratos.

— Maravilha. Lasanha congelada!

— Não está mais congelada. — faz uma pausa, engole uma garfada e retoma — Sabe, acho que o que ele quer dizer é que a postura não tem a ver só com as costas retas, tem a ver com confiança. A postura de cada personagem é diferente, mas temos que ter a confiança de que ela é assim. É assim que queremos que seja a personagem a qual estamos dando vida. Tem que ter confiança de que está fazendo do jeito certo, porque o que você define para si própria é que é o jeito certo.

— Então a postura tem a ver com a confiança na pose? — enfatizo a última palavra.

— É, acho que é por aí. Pra mim, funciona.

Continuamos a comer caladas, saboreando a refeição instantânea.

Em depoimento o traficante confirmou as suspeitas de que não apenas sua organização como outras das mais perigosas estão subordinadas a um único líder, conhecido como "O Scorpion", que ganhou fama nos últimos anos. As autoridades desconhecem maiores informações, mas investigações apontam que seu controle sobre as atividades do submundo tem abrangência pelo menos de Ohio à Vermont, ultrapassando as fronteiras de vários estados...

A porta se abre e entra a última moradora do nosso humilde palacete: Emma. É do tipo que chega como um furacão e de repente desaparece, mas sempre marca presença em tudo. Engraçado como nós três nos damos tão bem sendo tão diferentes e iguais. Não poderia pedir amigas melhores.

— Começaram a festa sem mim?

...representa um grande perigo, considerada uma nova forma de crime organizado, agora em rede...

— Pegue um prato e se junte a nós, senhorita Harper. Ficaremos honradas com sua ilustríssima presença. — brinco.

Não é tão comum nos reunirmos nós três para o almoço ou qualquer outra refeição, cada uma tem seus mil afazeres do dia a dia. Conheci as duas assim que entrei na faculdade e gosto de pensar que foi amizade à primeira vista.

— O que você acha do Morrison, Emma?

— Morrison? Professor Morrison? — ela é pega de surpresa pela pergunta, arqueia uma sobrancelha.

— É.

— É até bonito. Principalmente aqueles olhos verdes e o jeitão bom moço. Eu pegava.

— Tá vendo, Amber?

Olho para ela e parece emburrada, sei que é apenas charminho.

— Desde quando você é cupido?

— Desde que eu vi que você está in-te-res-sa-da.

— Acho que você não é bom cupido. Tem dedo ruim pra homem. — acusa Emma.

— Não tenho não!

— Tem sim. — as duas dizem em uníssono, e Emma continua — Aquele seu namorado não é legal, A. Só você não quer ver. Ele pode até gostar de você, mas caras como ele não ficam só com uma, amiga. Vai por mim, ele tem outra.

— Ou outras.

— Pois é. Eu vejo como ele olha pra elas nas aulas que temos juntos. É um galinha!

— E a Emily?

— Não, acho que ela parou de se jogar em cima dele. Mas isso não quer dizer que não há uma fila.

E agora a previsão do tempo para Ohio...

Saio e encerro o assunto. Sinto que, se discutir sobre isso, perderei o namorado ou as amigas.

A sala de aula lembra o tempo de escola, tem todos os elementos: carteiras, quadro e giz e um professor que luta para envolver os alunos em torno de alguma discussão. Estou quase voltando ao colegial. A diferença é que o Morrison é um excelente professor. Se eu não tivesse o Aiden, também me perderia nos seus olhos verdes.

— Vocês já estão cansados de saber que temos que entrar na mente da personagem. Não é fingir que é. É ser. É sentir. É trazer à tona alguém com um passado, um presente e um futuro, moldado por experiências das mais diversas. Com desejos, expectativas e valores, assim como vocês. Tiveram uma infância

feliz ou não, um determinado tipo de educação, tem preferências por isso ou aquilo. Ninguém existe a partir do nada, mesmo que seja de ficção. Apreender esses aspectos e exteriorizá-los, transportar a audiência para esta realidade é o trabalho de vocês. Tiveram três dias, agora pergunto: quem é a Natale?

— Uma chefa da máfia italiana. — balbucia alguém, expressando o óbvio.

— E quais são os princípios de alguém da máfia?

Segue-se um silêncio. Ninguém quer arriscar ser o primeiro e o professor insiste.

— E o que aprendemos com a máfia?

— Não sonegue impostos!

— Al Capone. Bem lembrado, David. Lembrarei-me desta séria participação na sua nota final.

— Lealdade. Honra. Palavra.

— Bom. O que mais?

— Dinheiro!

Alguns dão risada. O professor esboça um sorriso.

— Isso também. Mas o que mais fundamenta a máfia italiana?

— Família. — respondo.

— Exatamente. A meu ver, já passou no teste hoje Audrey. Parabéns. — sinto vergonha e satisfação ao mesmo tempo. — É este o conflito central de Natale. Lealdade, honra, palavra e dinheiro pesados numa balança contra a família. Era isso que deveriam ter nos mostrado hoje. Como ela pensa? Como se sente sobre isso? O que ela quer fazer? O que deve fazer? Como demonstrar ou não demonstrar este conflito? O que fará daqui pra frente? É o que vocês responderão na avaliação prática de amanhã, quando Natale janta com sua família após ter matado o Antonio. Agora falaremos sobre o Paollo, personagem dos rapazes...

Saio da aula nas nuvens. Elogio e reconhecimento são como uma droga que pode nos deixar em um estado entorpecido. Tento não alimentar minha vaidade, a última coisa que desejo é ser uma futura celebridade com "personalidade inconveniente". Um simples parabéns e já estou me imaginando uma celebridade. Balanço a cabeça para afastar os pensamentos. Talvez seja tarde demais, mesmo assim continuo alegre. Nunca sou elogiada dessa forma, então tenho que aproveitar o instante de glória. O celular vibra no bolso de trás do jeans.

"Vamos ao *Midnight Sun*?"

"OK. Encontro você lá às 8." Envio.

Em casa faço um exercício de visualização para me preparar para a avaliação que vale metade da nota do semestre. Fecho os olhos e imagino uma sala de jantar com um grande lustre no meio, grandes janelas com cortinas vermelhas e uma mesa longa e farta de pratos sofisticados. Sento à cabeceira da mesa, meu lugar de honra. Ao meu redor homens de rosto tenso aguardam algum movimento.

Um silêncio prolongado se segue, esperam que eu fale alguma coisa, porém permaneço em um estado paciente. Pego os talheres de prata e inicio minha refeição como se não estivessem ali. É um teste de resistência, quero ver quem será o primeiro a se dirigir a mim. Por eu ser uma jovem mulher, alguns não me temem, mas deveriam. É isto que quero mostrar a eles: são perigosos, mas eu sou mais. Vão se submeter a mim, querendo ou não. Dou um gole no vinho branco, um deles limpa a garganta, mas é o homem à direta que fala.

— Sobre o Antonio... — ele vacila, talvez não saiba exatamente o que perguntar.

— Está morto. — ajudo-o sem qualquer comoção. É hora de manifestar o que desejo que fique gravado na alma de cada um deles. — Devo dizer que estou desapontada com o comportamento de vocês, senhores. Preciso fazer mais alguém de exemplo? Confesso que não gostaria disso.

Enfio o garfo bem entre os dedos daquele sentado à direita e encaro os rostos um por um.

— Se alguém aqui acha que não sei dos seus passos ou das suas conspirações, engana-se. Mas somos uma família, darei outra chance a vocês para que...

Uma mão bagunçando meu cabelo quebra a concentração.

— Droga, Emma. Na melhor parte.

— É muito esquisito quando você faz isso. Tava com uma cara... Fiquei com medo.

— Só estava produzindo um filmezinho na minha mente pra amanhã. Deixa pra lá.

Ponho um vestido azul turquesa bem colado, que valoriza minhas curvas. Sandálias de salto alto fino, maquiagem e o look está perfeito. Miro o espelho e dou uma última ajeitada nas minhas mechas vermelhas recém-tingidas. Não posso contar com o Pikachu, ele morreu de vez. Para minha felicidade, o táxi chega rapidamente, não mais que cinco minutos.

O clube noturno *Midnight Sun* é um dos melhores da cidade, não há filas e o preço é acessível a estudantes que moram de aluguel. O segurança, um careca

que dá três de mim, marca minha mão e entro. As familiares luzes, música alta e gente animada preenchem o ambiente fechado. Boates me dão esta inebriante emoção de um caos controlado. Deixa-me animada e descontraída e alerta ao mesmo tempo. Um cara começa a encostar em mim e saio de perto.

Avisto Aiden perto do bar, ele também me nota e vou a sua direção. E aí acontece. Em um instante o meu mundo desaba. Uma garota aparece e o beija do nada. Eu a reconheço, ela vive fazendo comentários atirados no facebook e é da turma dele. O estômago revira, sinto a garganta seca, o sangue me sobe à cabeça, os músculos se contraem.

— Audrey! Espere, Audrey. Não é o que você está pensando.

— Ah, não? É o quê?

— Foi ela quem me agarrou.

Aproxima-se e segura o meu braço. Dou um grande puxão e começo a driblar as pessoas até a saída. Aiden segue meus passos.

— Você acha que eu sou idiota de beijar outra se marquei de encontrar você?

— Não quero saber. Agora não. Só me deixa em paz.

— Audrey, espera...

As lágrimas querem despontar e luto contra elas. Entro em um táxi convenientemente estacionado, é o mesmo em que cheguei. Bato a porta e o deixo falando sozinho.

— Pra onde vai, moça? – pergunta o homem ao volante.

Vejo pelo espelho sua expressão. Está acostumado a este tipo de situação, suponho. Nesta profissão deve ter visto muito de muitas coisas.

— Pra onde o senhor recomenda?

— O bar. Depois de umas duas ou três doses, vai se sentir melhor, moça. Só não exagere.

— Então para o bar, por favor.

A viagem é silenciosa e curta. O único barulho é das ligações do Aiden que rejeito até desligar o celular. Penso que mesmo que não quisesse ser flagrado naquele momento, o fato é que não é inocente. Eu não queria ver, queria viver no meu conto de fadas com o meu príncipe encantado, mas o impacto da cena abriu meus olhos. No fundo eu sabia, não sou burra. Ou sou. As forças vão se esvaindo de mim aos poucos, como a areia de uma ampulheta que vai se espalhando pelo deserto da depressão.

O piso e o teto negros do estabelecimento requintado, conjuntamente com a decoração cinzenta, ilustram perfeitamente meu estado de espírito. Recosto a

cabeça sobre o balcão frio de vidro e peço um *Blue Moon*, depois outro, mais um e ainda outro, enquanto curto minha decepção comigo mesma e o fim da minha ilusão. Não percebo o homem de terno ao meu lado, até que ele se pronuncia. Esse homem vira meu mundo de cabeça para baixo...

Capítulo 2

Abro os olhos e me deparo com um teto branco, espio em volta. Duas janelas com cortinas creme, uma mesinha entre duas poltronas azuis com almofadas listradas. Espelho, penteadeira e cadeira combinando. Criado-mudo, cômoda, e abajures. Não reconheço nada disso, a cabeça dói. Sento-me na cama e recordo a noite anterior. O taxista, a bebida, o homem de terno. Com certeza ele me drogou, só que não dá para assimilar bem as informações. As questões ficam pairando no ar e fazem a minha cabeça doer ainda mais.

Não sei o que pensar, o que fazer. Entro numa espécie de desespero contido. Onde está minha bolsa? Meu celular? Dou tapas na testa para ver se os neurônios pegam no tranco. O que fazer em uma situação como essa? Primeiro: entender. As palavras da noite anterior retornam.

“Para o seu mundo, você não existe mais.”

“Quero que use a máscara de Felìcita Del Vecchio.”

“Um passo em falso e você morre.”

Será que é verdade? É demais. Não é um sequestro nem querem me matar. Muito menos é pegadinha. Estou presa por um lunático numa espécie de plano doentio. No espelho me vejo diferente. Os cabelos estão pretos, como um dia já foram, cortados poucos centímetros abaixo dos ombros e com uma franja. Parecem mais cheios, completamente diferentes. Começo a abrir as gavetas, procurando algum tipo de explicação. É inútil, não encontro absolutamente nada. Um jornal com a data de hoje sobre a mesinha chama minha atenção.

Se não ler, ainda posso manter o fio delicado da falsa esperança de que

nada do que estou pensando é verdade. Vou folheando as páginas e lá está minha sentença. “Vazamento de gás causa explosão em apartamento no centro de Cleveland.” Corro a vista pelas linhas, pulando partes. “Ainda não foi confirmado, mas tudo indica que o corpo encontrado pertence a estudante Audrey Wells (21)”. Oh, não! Não! Não!

Passo os minutos seguintes me preocupando apenas em respirar. Inspiro, expiro. Digo para mim mesma que não entre em pânico. Continuo explorando, abro a porta do armário. Encontro quatro malas grandes, duas cheias de roupas que custam os olhos da cara. Chanel, Lanvin, Gucci, Guess, Dior, Prada. Desisti de olhar as etiquetas. Definitivamente valiam uma fortuna. Nas outras há sapatos, bolsas, cintos e joias. Deve ter milhões neste cubículo. Se eu pegasse tudo e corresse... Espanto a ideia. A pior que tive até agora.

Estou relutante em sair do quarto, não sei o que espera por mim do outro lado. Só penso no filme Jogos Mortais e outros do gênero. É no que dá gostar de terror, cogitamos as piores possibilidades. Tomo coragem, é agora. Vou girar a maçaneta, a porta se abre e surge uma mulher. Inspeciona-me dos pés à cabeça, reprovando-me com um leve torcer dos lábios finos. Retribuo o gesto e a inspeciono minuciosamente em desafio.

Segura uma pasta grande, dá-me a ideia de que é uma senhora da alta sociedade, o popular estilo senhora glamourosa que participa de chás beneficentes e frequenta o clube do livro. Entretanto, não está aqui para um chá, pressinto muito mais. As bochechas estão rosadas e os cílios alongados no seu rosto de pele esticada. Aposto que metade dele é botox e que ela percebeu que percebi. Abre um sorriso apreciativo demonstrando que venci um jogo onde não conheço as regras. Então tenho uma daquelas epifanias, a profunda compreensão que vem de repente e abala as estruturas do seu ser, como se fosse um frágil castelo de cartas em meio a um vento furioso.

Estou no jogo da máfia, simples assim. Ela está aqui para se certificar de que eu faça as coisas do jeito certo, seja lá o que elas forem. As lições e tudo que aprendi ao longo dos meus estudos, em especial os dos últimos dias, voam desordenados pela minha mente, tentando tomar o espaço uns dos outros. Não se pode demonstrar medo ou hesitação com esta gente, é acrescentar lenha na fogueira. Tenho que manter a compostura e conquistar respeito, se é que é possível para uma refém. Bato o pé e não recuo. Vou fingir que ela é a senhora do chá, de certo dirá por que estou neste quarto e outras coisas mais que ajudarão a me situar. Não preciso esperar muito.

— Bom dia, Audrey. — enuncia já se encaminhando até a mesinha, onde

pousa a pasta e abre as cortinas com movimentos firmes.

— Bom dia, senhora...

— Hines. Teresa Hines. Pode me chamar de Tess. Tem muitas perguntas, não é mesmo?

Senta-se em uma das poltronas e cruza as pernas com estilo. Acompanho-a e sento na outra, relaxadamente, para encobrir a tensão que penetra até os ossos. Ponho os cotovelos nos braços da poltrona e junto as pontas dos dedos de maneira natural. A intuição me diz “blefe o quanto puder”. Melhor ser uma gatinha com ego de leoa do que um peixe que não nada e se afoga no próprio medo.

— Pode fazer a gentileza de me poupar o trabalho de formulá-las e explicar a situação, Tess?

Ela não esboça nem simpatia nem desconfiança. É mais um robô com a cara congelada de botox.

— Pois bem, serei direta.

— Ótimo!

— Sua existência antiga se foi e agora tem uma nova identidade. — despeja na minha cara a notícia mais normal do mundo — A pessoa que suponho tenha conhecido ontem, escolheu-a para realizar seus interesses. Quais? Não cabe a nós discutir. Se foi apontada por ele, significa que tem a capacidade necessária, então agora vem os detalhes. Esses cabem a mim e não tolero qualquer discussão.

Na mosca! Sabia que era um tipo de instrutora e carrasco. Mantenho o semblante neutro, aceitando tudo.

— Prepararei você para que possa encontrar sua nova família e execute o que nosso contratante precisa.

O modo como fez soar a palavra “contratante” me dá a impressão que o despreza, mas não quer me mostrar isso. Gosto de pensar que sou boa em ler o implícito, entender as entrelinhas. O que está no ar é “odeio ter que fazer isso e não tenho outra opção”. Parece que Tess e eu já temos algo em comum. Pergunto-me se esse homem não avalia currículos e marca entrevistas como alguém normal. Provavelmente não é o seu estilo. Está mais para “faça o que eu digo ou morre”.

— Em dois dias viajaremos para Trenton. A família Del Vecchio controla todo o estado de Nova Jersey e o chefe da família morreu há três semanas. Você será a herdeira, Felìcita. Não se preocupe com os pormenores. Ela está morta e dados sobre ela não existem mais. Toda a sua nova documentação será

providenciada e qualquer informação que requeira, venha até mim. Neste dossiê encontrará tudo que seja relevante. Há algo mais que queira saber?

— Na verdade, sim. Poderia me responder algumas questões secundárias?

— Pois bem. Diga.

— O meu cabelo...?

— Foi tratado enquanto estava adormecida para economizar tempo.

— Onde está o "contratante"? — a palavra é um prego na minha boca.

— É ocupado, deve ter voltado aos seus afazeres, o encontrará em breve.

— As malas no armário? São da falecida?

— Não, comprei tudo nos últimos quatro dias com base em suas medidas. O restante já foi despachado para Nova Jersey.

Perco a compostura novamente. Quatro dias. Minhas medidas. Os neurônios trabalham e correlaciono os fatos: o teste da faculdade, o papel de Natale, o meu carro morrer de vez, a garota beijando o meu namorado me fazendo ser guiada pelo taxista até o bar onde estava aquele bastardo. Tudo um plano perfeitamente orquestrado por um maestro diabólico.

— A minha família e as minhas amigas? Eles estão bem?

— Não tenho detalhes sobre sua vida anterior nem sobre os critérios para sua seleção.

Falar com uma máquina daria no mesmo, a mulher não tem empatia. Levanta e destrói qualquer vínculo que poderíamos ter tido. Volta a ter o olhar reprovador.

— O almoço será servido em meia hora. Tome banho, troque-se e depois tire o resto da tarde para entender e ser esta nova pessoa. Quando eu voltar, não quero encontrar "você". — faz que vai embora, contudo me alerta — E nada de maquiagem escura, querida, não fica bem. É muito bonita, use o melhor que você tem.

Quando se vai e fecha a porta, desabo, deixo cair a cabeça para trás e dou um grito mudo. O que será de mim agora? Inesperadamente evoco uma lembrança antiga, minha mãe me repreendendo por ir à escola com uma maquiagem forte. É uma marca registrada. Fez-me tirar tudo e fiquei parecendo outra pessoa, uma versão mais nova dela própria. Os *waffles* naquela manhã tinham gosto de amor. Foi a última vez que vi minha mãe com vida.

Vou tomar banho chorando baixinho depois de ter constatado que não tem como fugir. Aliás, nem faz diferença, estou presa na teia daquele homem infeliz. Tento me forçar a acreditar que nada é verdade, que não estou nas mãos de criminosos. É impossível. Ele pode acabar comigo a qualquer instante, tenho

convicção de que não está brincando. Nenhuma arma foi apontada, não sofri nenhuma tortura, mas a intimidação e a violência estão aqui, em tudo. Está tomando tudo de mim. Não há opções, é fazer o que ele quer e ponto. Com muita sorte, posso não morrer. Suspiro. A quem eu quero enganar? É a máfia! Claro que vou morrer. Quem é tão descarado para enganar a máfia? Ele é louco e me arrasta para a loucura dele.

Engraçado como as lembranças vêm. Lembro-me de meu pai, meus tios, momentos com minhas amigas que nunca poderei ter novamente. Não aproveitarei com elas as férias de verão desse ano, que logo se iniciarão. É uma despedida, um enterro. Estou sendo enterrada e não há flores para mim. Talvez tenha flores para o outro alguém que terá uma lápide com o meu nome. Despeço-me de mim também enquanto encaro o reflexo no espelho. Decido entrar de cara no jogo, apostando meu tudo meu e nada. Já estou morta.

Não quero morrer. Não vou morrer. Não vou ser uma vítima. Não quero ser uma vítima. Não há lugar para lágrimas. De alguma forma, farei as coisas darem certo. Tenho uma vontade insana de pisá-lo, socá-lo, arrancar os seus dentes perfeitos e jogá-lo no rio onde afundasse e nunca mais aparecesse de novo. Saio do banheiro com um ódio sem precedentes e visualizo o rosto sexy dele como um saco de pancadas. É isso que ele merece. Escolho um vestido verde drapeado e saio do quarto depois da meia hora mais dramática que passei.

Desço escadas, prestando atenção ao redor. Uma casa bem decorada, estilo conservador com traços mais ousados pelos quadros nas paredes. Um tipo de segurança alto e de terno preto age como se eu não estivesse ali o tempo todo. Fico irritada, porém não deixo transparecer. Não é como se fosse conversar sobre meus problemas com ele. A mesa está posta, mas não há ninguém à vista, afora o meu carcereiro. Será que ele sabe quem eu sou? Provavelmente. Faço a refeição insípida em um silêncio mortal e volto para o quarto onde estudo a pasta que vai definir o meu futuro.

O primeiro contato é uma foto de criança. Se não soubesse, diria que era a mim mesma aos cinco ou seis anos de idade. Os mesmos olhos azuis, o nariz pequeno e inclusive as mesmas covinhas que aparecem quando sorri. A imagem seguinte é uma versão adulta, já de aparência não tão semelhante a minha, embora tenha traços em comum.

As próximas horas são passadas comigo debruçada sobre as páginas. Histórico médico, ficha dos pais, avô, outros familiares e os negócios da família. Confesso que aguardava estar herdando uma rede de restaurantes chiques, não uma carteira de negócios que inclui um banco, uma grande empresa

farmacêutica e uma das maiores importadoras do país. A máfia dona dessa combinação não cheira bem. Drogas, armas ou pessoas podem ser o que importam. No fim de tudo um relatório resumindo a vida dela.

Felìcita é filha única, a mãe morreu quando ela era pequena, o pai sofreu um ataque cardíaco recentemente. Aos cinco anos, seu avô Vincenzo Del Vecchio a trouxe para Ohio e a criou. Ele também faleceu de ataque cardíaco. Imagino quanta verdade há nesses laudos, porém continuo numa leitura atenta. Não há dados muito notáveis, ela parece ter sido uma pessoa reservada e não teve nenhum contato com a família que deixou, somente o pai a visitava uma ou duas vezes por ano. Será que ela também morreu de ataque cardíaco?

Vincenzo é uma autêntica lenda, o mais perigoso de todos os listados na família, o incontestável pai do crime. Ler organizando as partes é montar um quebra-cabeça, as pequenas peças vão se encaixando e formando algo maior. Uma clara imagem vai surgindo e me conduzindo ao nascimento da minha Felìcita. Inicio a construção de um castelo, pedra por pedra, a partir de suas fundações até o telhado e as muralhas. Parece-se com Natale, tem os mesmos princípios e valores, as mesmas aspirações, mas me aprofundo em sua consciência de tal maneira que meus pensamentos se tornam os dela e os dela os meus.

Tiro o vestido verde e ponho calça jeans e espartilho preto de rendas sobre uma camisa branca de punhos folgados. Dou um laço impecável nos cordões e calço um scarpin vermelho. Pego a valise de maquiagem e pincelo um visual neutro no rosto. Para completar um par de brincos pouco chamativos, contudo incrustados de delicadas pedras vermelhas escuras.

A mulher retorna e me descobre recostada em uma das poltronas de pernas cruzadas e cabeça apoiada em uma das mãos.

— Então, como foi a tarde? — pergunta com nuances de uma amiga de longa data. Ela é outra pessoa, assim como eu.

— Tediosa. — emito com desdém, sem olhar para ela.

— O que gostaria de fazer esta noite?

Entrou no jogo, sabe que não está diante de Audrey desde que entrou no quarto. Olho para ela agora.

— Gostaria de estar apreciando um belo jantar em um restaurante, desfrutando de um *Château*, quem sabe na companhia do Sr. Um Metro e Noventa e Terno Preto, que avistei recentemente. — levanto-me com a graciosidade e autoridade de uma rainha e paro alguns passos ao lado dela — Mas receio que ficaremos aqui e teremos uma produtiva conversa. Estou correta,

Tess?

Um suspeito sorriso se forma em seu rosto, é a personificação da malícia e astúcia. Cogito o que está atrás dos olhos perspicazes.

— Sim. Começaremos com uma sessão de fotos. Gosta de fotos?

— Não de pousar.

Tess captura diferentes ângulos de mim em frente a uma parede imaculadamente branca. Mudo inteiramente a aparência e as roupas, e então mais fotos. Assino algumas vezes uma folha de papel quase transparente em minha caligrafia arredondada habitual. Tiro as digitais de todos os dedos e ainda das pegadas.

— Você conhece a minha família, Tess?

— Conheci seu pai e seu avô há muitos anos. — declara depois de sorver um gole de vinho enquanto jantamos.

Desconheço o título do prato servido, apesar de boa parte dos ingredientes estarem bem visíveis. A mistura, para não usar o termo “gororoba”, é similar aos acidentes gastronômicos e experimentos de Amber na cozinha. Sempre me fazia de cobaia do seu laboratório particular.

— A família em Nova Jersey não vai me receber de braços abertos.

— Eles não têm alternativa, você é a dona de tudo, seu avô garantiu isso. Por ter sido criada à sombra dele, não sabem o que esperar. Agora eles temem o seu nome e o legado que acreditam que recebeu de um legítimo mestre. Analisarão cada palavra, cada gesto, procurando as suas fraquezas e quando encontrarem será o seu fim.

Teresa Hines sabe como animar alguém dando a sentença de morte. Desperto certa simpatia por ela.

— Antes que façam isso, tome as rédeas da situação. Mostre quem é e porque devem andar na linha, dançar ao som da sua música. Use a espada da argumentação e o escudo da diplomacia. Impacte-os de vez em quando. Mesmo o mais resistente dos homens por baixo de sua couraça esconde um cristal frágil. Basta que tenhamos a chave que abre o caminho para chegarmos até lá.

O comentário me causa um gelo na espinha pela forma com que fala. Não é direcionado a mim, a senhora parece ter sua própria guerra em vista, enxerga além das paredes que nos cercam e encara o vazio.

O dia seguinte é mais estranho que o primeiro. Não há nenhum outro residente na casa além de nós três, nem vizinhança em volta, é o meio do nada. Tess exibe do lado de fora uma coleção de armas e balas. Grandes, pequenas, pretas, prateadas. Sinto-me em um real filme de ação. Agora a coisa ficou séria.

Ela vai explicando sobre mira e me manda atirar em alvos aleatórios, o que é incrivelmente difícil. Esforço-me e rezo para nunca precisar acertar nada vivo.

À tarde, quando menos espero, chuta atrás da perna do homem, chamado Isaac, e ele cai sobre um joelho. Uma das cenas mais incríveis que já presenciei em toda a vida, bem estilo Bruce Lee. Obriga-me a fazer igual, golpeá-lo no ponto certo. Isaac é boneco de pedra que não se move, não emite um som. Várias tentativas depois ele vai, quando já estou suada.

Mostra-me pontos onde acertar o estômago, o pescoço e embaixo do queixo. Esqueço até do que aprendi no início e a pena pelo inflexível Isaac me invade. A mulher não hesita. Vejo-a como uma máquina de matar, não há rastros da senhora do chá.

— Um dos alvos favoritos do seu avô eram os dedos. Em um segundo ele os quebrava com uma magnífica perícia. Ninguém se dava conta do que tinha acontecido até ser dominado pela dor.

Dito isso, num rápido movimento puxa o dedo médio da mão de Isaac para trás e ouço um estralo.

— Você precisa compelir além da sensação de desconforto. Não é necessária muita força, é um movimento certeiro e de uma só vez.

Fito o rosto de Isaac, não saiu nada de sua boca, mas dói. Vejo que dói.

— Faça!

O instante de minha humilde existência em que paro para refletir sobre o bem e o mal, o certo e o errado.

— Agora. — é resoluta.

Ele estende a mão e jogo seu dedo indicador para trás, não desejo trazer sofrimento a ninguém, contudo tenho um lampejo do rosto do meu “contratante”, do que quero fazer com ele, e a fúria me consome. Ouço um *crac*.

— De novo.

Crac.

— Mais rápido.

Pego o mindinho.

— É mais fácil quebrar o mindinho ao puxar para o lado de fora da mão.

Quebro o mindinho e me dá certa satisfação porque acredito estar descontando a frustração no outro. Vou quebrando os dedos da outra mão. Quando o encontrar, já terei a prática.

O dia termina com um gosto amargo. Demoro a pegar no sono, pois quando o amanhã chegar me levará de vez para outro universo. Posso não viver até amanhã à noite, mas pelo menos agora tenho uma meta. Não me iludo

achando que me libertarei das garras daquele maldito ou que conseguirei jogá-lo no rio. Quebrarei o mindinho dele!

Capítulo 3

Entendo o quanto o crime é organizado quando chega a minhas mãos identidade, carteira de motorista, passaporte e cartões de crédito, entre outras coisas. O novo celular toca.

— Alô?

— Olá, Felìcita.

É ele. A voz de cantor de trilha sonora de romance é inconfundível. Aconselho-me “não diga nada estúpido”.

— Seu miserável, desgraçado! Bastardo fodido! — ponho para fora o que está engasgado sabendo que não é a melhor decisão que tomei.

— Parece que alguém não está tendo uma boa manhã. Há algo que possa fazer por você, querida?

Ele me irrita, tira-me do sério. O sarcasmo só aumenta minha raiva insana que não pode ser controlada. Como posso me sentir assim? A tecnologia nos permite sermos mais corajosos por não estarmos cara a cara, mas agora que tenho a chance, só consigo pensar em insultos.

— O que você quer?

— Ora, não me trate de forma tão áspera. Demos início a uma relação que será proveitosa para ambos. É melhor para você que ela seja.

A advertência surge e me coloca no meu lugar. Odeio isso.

— Estou ligando apenas para dizer que você chegará aqui em um voo comercial. No aero...

— Voo comercial? Achei que eu merecia um voo particular pelo menos.

— Ah, merece. — diz zombeteiro — Mas queremos chamar a atenção dos Del Vecchio, deixá-los saber de sua chegada. Eles a aguardam ansiosos e estarão no aeroporto para levá-la para casa. Estão organizando um jantar em comemoração por ter retornado. Família adorável, não acha?

— Claro, adorável como abutres rondando carniça.

— É este o espírito. Você não irá com eles. Dirá que tem uma suíte no Hotel Havere e que comparecerá ao jantar. — penso que não está mais na linha, então prossegue — Estou ávido para vê-la, Felìcita. Até logo.

Não retribuo, desligo na cara dele e saio. O já conhecido carro preto estaciona a distância de uns quinze metros.

— Agora faça o seu trabalho. — Tess sussurra ao meu lado.

Desce quem presumo ser um dos capangas dele, vem em minha direção. O aviso de Tess revela que deste instante em diante estou por minha conta e risco e ninguém sabe minha identidade. Faz sentido, quanto menos pessoas sabem de algo, maior as chances disso ser mantido em segredo. Olho com indiferença para quem se aproxima. Tem um porte físico avantajado, caminha com firmeza e tira os óculos escuros.

— Bom dia, senhorita Del Vecchio. — não respondo, dou a velha checada de corpo inteiro. — Sou Gregory Larson, seu novo guarda-costas.

Meu próprio guarda-costas. Quem liga pra quem ele trabalha? Contanto que não me ponha no porta-malas e queira me entregar como um pacote, posso me acostumar com isso.

— Bom dia, Gregory. Pegue as malas, sim?

Não parece se importa em ser rebaixado a carregador de bagagem, as pessoas ricas provavelmente fazem isso o tempo todo com quem não compartilha do mesmo status. Posso me acostumar com isso também. Recrimino-me pela asquerosidade do que passa em minha mente. Um minuto e já fui corrompida pela riqueza. Ainda bem que nasci pobre. Subitamente sinto falta do Pikachu. Espanto a Audrey, ela morreu.

Desembarco no aeroporto de Trenton com Gregory na minha cola. Tess é a cortesia em pessoa, a dama perfeita, de risadinhas e fofocas de celebridades comigo. Separamos-nos e ela toma seu rumo. Tenho a sensação de que se eu sobreviver, não verei a mulher nem tão cedo.

Identifico dos arquivos no dossiê meu primo Viktor, quem enviaram para me recepcionar. É um rapaz de dezenove anos, magro, com piercings e alargadores e de cabelo arrepiado. Belo retrato da máfia italiana.

— Viktor...

— Felìcita? — indaga.

Dou-lhe um abraço leve e beijos no rosto. Sinto seu corpo tenso, está nervoso. Continuo andando, fica parado lá no canto e depois de alguns segundos me acompanha.

— Como foi a viagem?

— Maçante. Obrigada pela preocupação, primo.

— É... Então... — gagueja várias passadas depois.

— Como vai o tio Filippo? — corto.

— Bem. Toda a família vai bem. Estão esperando e me pediram para vir buscá-la.

Paro, viro-me e descanso a mão sobre o peito dele delicadamente. Ele tem intenção de recuar, mas evita. Apreendo os seus batimentos que vão se tornando cada vez mais fortes sob a camisa. Pela primeira vez nos últimos dias quem está de coração acelerado não sou eu. Isso é bom. O que ele pensa de mim?

— Volte e diga a todos que fico feliz pela consideração, mas descansarei em minha suíte no Havere. Aparecerei em minha casa à noite.

Deixo-o para trás com cara de bobo. Ao menos deduzo que está com cara de bobo, pois não olho novamente. Entro no táxi com o guarda-costas e indico meu destino. Julgo não ser viável um diálogo com ele enquanto estou às cegas. Minutos depois paro na suntuosa entrada no Hotel Havere. Com a fachada cheia de janelas escuras em quarenta e cinco andares, é tão imponente quanto nas fotos das revistas. Não é uma construção tipicamente reta e cinza como os também enormes prédios ao redor, tem arestas brancas e finas e o meio é uma grande reentrância, o que faz parecer de longe que são dois edifícios separados.

É um hotel premiado, assim como outros da rede espalhada por todo o país. Imagino que celebridades e figuras ilustres estejam lá dentro. Carregadores pegam as malas e adentro o local. O lobby é um espaço amplo com colunas decoradas que sustentam um teto dourado e arredondado. O piso é de um mármore lustroso que reflete o dourado do teto em diferentes tons. Bem no meio, vários sofás, poltronas e mesas em conjuntos distintos, alguns ocupados. Em um canto mais próximo da entrada está a recepção, em frente um magnífico painel de vidro com o logotipo do hotel. Aproximo-me de uma das garotas da recepção, entretanto, outra toma seu lugar polidamente. Tem estampado um sorriso permanente e olhos grandes e vivazes.

— Senhorita Del Vecchio, seja bem vinda ao Havere. Seus pertences chegaram hoje cedo e já foram organizados como pediu.

— Ótimo, Nora. — leio o nome no crachá.

— Sua suíte fica no quadragésimo andar, número 402.

Assino o registro e recebo minha chave eletrônica. O cartão exibe em alto relevo dourado um “VIP”. Se não fosse por minha instável condição de “posso não dormir sequer uma noite aqui”, aproveitaria melhor a estadia.

Repentinamente sinto o peso do mundo sob os ombros. É impossível compreender o que aquele homem quer armando tudo isso. Se ele tem dinheiro e é tão gato, por que não vai aproveitar a vida?

O quarto é um sonho esplendoroso. Toda decoração é de branco, preto e prata, dividido em ambientes. Sala de estar, sala de jantar e a porta dupla que leva ao ambiente seguinte.

Muito bem acomodado no sofá, de pernas cruzadas e laptop no colo, está o causador de todo meu conflito, objeto de toda minha malquerença. Se não fosse um anjo das trevas que me traz a morte, estaria caidinha por ele. Parece ainda mais gato visto pela segunda vez, numa pose de “mesmo não tentando, sou incrivelmente sexy”.

E aí está o sorriso de um milhão de dólares em 5, 4, 3, 2...

— Felìcita.

Gregory dá um passo à frente, pelo visto serve para alguma coisa.

— Dispense-o, sim? — fala tranquilo, sugerindo, mas sei que é uma ordem.

— Pode ir, Gregory. — ordeno, enquanto meu íntimo grita para que ele não me deixe sozinha.

— Ela não necessitará de seus serviços até o fim da tarde.

O guarda-costas me observa, esperando uma confirmação. Anuo com a cabeça e ele se vai. O homem me encara e o encaro de volta. Permanece o sorriso agora em seus lábios cerrados. Põe o laptop sobre a mesa de centro. Continuo de pé e cruzo os braços demonstrando que não estou nada suscetível ao que ele tenha a me dizer. Destilo toda a minha hostilidade com o olhar, contudo a expressão de antes não se desfaz. Ele não é normal, fico assustada como um animalzinho com um simples movimento de suas mãos.

— Não precisa ter medo de mim. Não sou um assassino, sou um homem de negócios.

Se as circunstâncias chegaram até este ponto, vou enfrentar. Foi o que decidi. Afinal, sou Felìcita Del Vecchio.

— Pesquisas apontam que a maioria dos negócios em que o envolvido está de pernas cruzadas não acaba bem. O que acontece quando uma reunião de negócios não sai como você deseja? Corte de pessoal? — sigo com a analogia.

— Não entro em batalhas cujas vitórias não estejam garantidas. — replica plenamente convencido do que diz. — Durante nossa conversa, perceberá as vantagens de se ter minha amizade. Ademais, já estava nesta posição antes de sua chegada. Deve ter se perguntado por que a escolhi. Esta é uma das razões,

sua leitura das pessoas e interpretação dos detalhes. Edward Morrison viu muito potencial em você.

Professor Morrison? Ele é da máfia? Ou será a velha troca de favores? Dou de ombros. Aponta-me um lugar ao seu lado no sofá e me sento. Ele tem um cheiro sutil e marcante, de um mistura amadeirada com um toque cítrico, imagino que este perfume representaria o frescor de uma primavera nos trópicos. Ou então são os feromônios que ele emite. É gostoso.

— Eu me chamo Amon Cavanagh.

— O dono do Grupo Havere. — manifesto meu espanto semicontrolado em voz alta. Nunca imaginaria. Também não imaginaria o Morrison trabalhando para ele.

— Isso e outros negócios...

— O crime é um negócio? — indago boquiaberta.

— É. Administrar uma organização criminosa é como administrar uma empresa. E sabe qual é a intenção de todo administrador? — não tenciona receber uma resposta, inclina-se para mim e prossegue — Fazer sua empresa crescer.

Com isso minha mente começa a percebê-lo mesmo como um homem de negócios e não um criminoso. Faz mais sentido. A racionalidade sempre quer associar conceitos a imagens e a de Amon não é a de senhor do crime. Em alguma curva do destino, deve ter pegado o caminho errado. Quantos anos ele tem? 30? 32? Em segundos, invento hipóteses de um passado triste e um jovem oprimido com complexo de inferioridade. Daria um bom drama.

— Parar de crescer é dar carta branca para os concorrentes, o que nesse meio cedo ou tarde leva à morte não somente do negócio. Entende o que quero dizer?

Faço que sim com um gesto da cabeça.

— Tenho um projeto de expansão. — faz uma pausa calculada, suponho escolhendo as palavras — Quero controlar os canais de distribuição e para isso precisarei de sua ajuda, Felìcita.

Dá-me um tempo, antecipando que procurarei compreender seu plano sem que me explique. Serve-se do uísque sobre a mesa de canto. Projeto de expansão é aumentar seu campo de atuação no crime, conseguir mais território, dominar novos mercados. Controlar os canais de distribuição está relacionado a tomar os “negócios” dos Del Vecchio. Ou seja: ele quer que eu entregue os Del Vecchio a ele. Se a família é quem manda em Nova Jersey, que tem um dos mais influentes portos do país e estão por trás de tudo que acontece no submundo, ele pode

dominar uma parte da costa leste, dependendo de onde ele já tem estabelecidas suas operações. Não vai dar certo.

— É impossível. Por que eles iriam se submeter a você? — disparo. Ele definitivamente é louco. Vira a cabeça para mim com ar de divertimento.

— Eles sabem quem eu sou e o que posso fazer para persuadi-los. Mas não gosto de obter nada pela força e quero conservá-los trabalhando para mim e em prol de meus interesses, então estou delegando esta tarefa a você.

— Acredito que no ramo empresarial você chamaria isso de “transferência de riscos”. E por que eu arriscaria meu pescoço por você?

— Dinheiro, poder, talvez fama. Desfrutará o restante da vida de boa riqueza. Viaje, vá para a Europa. É isso que você quer, não é? Quem não iria querer? Admito que meus métodos possam não ter sido dos mais educados, porém se estivesse em posição de escolher, poderia ter recusado, perdendo uma grande oportunidade. Neste momento você é uma pessoa rica, tem a fortuna do avô e ontem o seu advogado, Dr. Zimmerman, finalizou toda a papelada, os bens de seu pai já estão em suas mãos. — aproxima-se ainda mais e sussurra — Tudo que precisa fazer por mim é ir até a família que depende de tudo que agora é seu, impor sua autoridade legítima sobre eles e se entregar a mim.

O modo como disse “se entregar a mim”, com entonação mansa e hipnótica quase me desmancham. Como uma mulher negaria um pedido dele, falando dessa maneira? Mas não, charme irresistível não pode me fazer caminhar para uma morte certa.

— Nã... — começo a retrucar e ele põe o dedo em meus lábios.

— É algo possível. Como eu disse, não entro em uma batalha que não possa vencer. Confio em suas habilidades. Tornarei tudo possível e sua vida está garantida enquanto estiver sob minha proteção.

— Sua proteção? — pergunto indignada — Eles vão tentar me matar assim que eu disser algo sobre isso. Aliás, antes vão me torturar, quando fizerem um teste de DNA.

— O DNA é a primeira coisa que farão quando terminar o jantar de hoje. Providenciarei a confirmação de sua identidade. Hoje nada farão contra você, só querem conhecê-la.

Ainda não me sinto totalmente convencida, contudo ele emana uma aura de *chairman* que sabe o que está fazendo e sempre obtém resultados. Os olhos até brilham.

— Mesmo que acreditem, e se eles não concordarem? Não dirão simplesmente “de bom grado trabalharemos pra ele”.

— Faça a sua parte. Se em uma semana não der certo, tenho um plano B. A parte mais importante é a que irá executar: distinguirá quais deles estão a favor e contra, qual tem supremacia sobre os outros, o que cada um pensa, e punirá os que não a aceitarem.

Arregalo os olhos sabendo o que isso significa.

— Não precisa matar ninguém, só imponha respeito. Seja o que esperam que você seja. E a partir de amanhã, mantenha o careca sempre com você.

— O Gregory? Pra quem ele trabalha? — questiono deixando transparecer meu alto grau de curiosidade.

— Para você, Felìcita Del Vecchio. Contratou-o ontem e soube que tem boas referências.

Ele vê o contentamento estampado em meu rosto. A ideia de ter um guarda-costas próprio é muito legal.

— Só não o faça carregá-la nos braços ou cante *I Will Always Love You*.

Ambos rimos. Percebo que se fosse realmente um anjo das trevas não teria senso de humor. Sarcasmo talvez, mas não promoveria um momento descontraído como este. Aqui estão seus dedos ao meu alcance. Acho que fiquei viciada nesta coisa. Não me conformarei até quebrar um dedo dele, é uma vingança minimizada.

— Ah, é? Por que não? — tento distrai-lo enquanto aproximo minha mão da dele.

— Eu ficaria com ciúmes.

Amon continua brincando, os ombros estão relaxados. Chance! Quando vou pegar o mindinho, estende a mão.

— Temos um acordo?

Aperto a mão dele com certo rancor, não muito. O que mais poderia fazer? Seguro o dedo dele e se desvencilha facilmente. O semblante se torna ainda mais amigável, fita-me com o mesmo brilho nos olhos e depois de um instante se pronuncia.

— Gosto do seu jeito. Não estarei redimido até que tenha descontado o que fiz você passar, não é? Um dedo quebrado não é um preço justo para tudo o que deixou para trás.

— Oh, você me entende...

— Claro. Façamos outro acordo. Se nos próximos dias conseguir quebrar um dos meus dedos, darei qualquer coisa que pedir. Desde que não vá de encontro ao meu projeto de expansão e os meus negócios.

— Ok, *business man*. Aceito.

Capítulo 4

Amon Cavanagh vai embora e me deixa com mais dúvidas do que nunca a respeito de seu caráter. O modo como age, como pensa, não consigo compreender. Ora o homem que arquiteta um esquema complexo para aumentar seu poderio no submundo do crime, ora o homem charmoso e agradável que faz o meu sangue esquentar. O que sei é que ele está me subestimando e pedirei algo surpreendente. Conceberei algo incrível, embora criatividade não seja o meu forte.

E o Morrison? Não acredito que ele fez parte de algum tipo de conspiração. Não dá para continuar negando tudo que está acontecendo, logo terei que encarar gente perigosa. Talento não resolve nada. Amon fala como se fosse fácil. “Vá lá e mostre quem manda”. Se eles tentarem alguma coisa, um dia atirando a esmo e derrubando Isaac não farão diferença. Pensar mais sobre isso só me faz sofrer prematuramente.

Sinto-me solitária como uma criança perdida. É exatamente o que sou: uma criança perdida em um mundo de adultos. Quero chamar de volta a pessoa mais confiável disponível, algo me diz que tenho o número de Gregory Larson.
E quem é o primeiro da lista de contatos do celular? Amon Cavanagh. O maldito deve ter me ligado de outro telefone mais cedo. Acha que é o rei do mundo. A irritação não desapareceu, só tirou uma folga e já voltou. Alguém teve muito trabalho para adicionar o número dos membros da família, Gregory, Tess, Nora Walsh, provavelmente a recepcionista, alguém chamado Capitão Richmond, um Médico Howell e até meu advogado dr. Zimmerman. Crime organizado é outro nível.

Ainda sentada entre as almofadas, analiso a mesa de centro. Ele levou o laptop. Se eu tivesse alguns minutos, descobriria os segredos dele e o entregaria à polícia. Não, óbvio que tem a polícia no bolso. Publico tudo online, faço se espalhar como um vírus e poderei voltar para casa. Excelente, finalmente elaboro algo decente. Ele tem o plano dele e eu tenho o meu. Chaves de carro e um panfleto do hotel. Ponho-me a explorar o panfleto, o mapa daqui me servirá bem. Você está acabado, “contratante de merda”. Daria uma risada maligna agora, mas tenho uma pontada de tristeza.

A publicidade revela que meu status de VIP dá acesso ilimitado a todas as comodidades oferecidas pelo hotel. Dois salões de festas, salão de jogos, salas de reuniões, piscinas, academia, restaurante, área de lazer infantil, SPA, entre

outros. Os ricos sabem como viver, o lugar é imenso. Será que o carro é um dos meus pertences que chegaram?

O quarto é um cômodo espaçoso, também seguindo o padrão branco, preto e prata. Tem uma janela enorme e escura com cortinas de veludo, poltronas requintadas, móveis de muito bom gosto e uma cama imensa e alta, toda branca e cheia de travesseiros. A cabeceira é de um material espelhado, com desenhos prateados, e vai até o final da parede, chegando ao teto. O closet está impecavelmente organizado. Bolsas arrumadas em prateleiras em uma paleta de cores, assim como os sapatos. Pendurados, vestidos dos mais simples aos de gala. Várias gavetas cheias de uma infinidade de coisas. Uma cadeira redonda em frente uma penteadeira. Tudo um luxo. Quanto custa uma diária aqui? Não faço ideia. Tenho uma vontade louca de provar tudo, sair pelo hotel, tirar fotos e postar nas redes sociais. A legenda seria “morram de inveja meninas hahaha”. Pena que eu morri. Ninguém posta fotos do além. Há boas chances de que a Felìcita não tivesse nem facebook, se tinha acho que não tem mais.

No fim da tarde, depois de eu ter tomado um delicioso banho de banheira e vestir um roupão, o guarda-costas reaparece. Considero-o agora meu melhor amigo no mundo. Faço-o se sentar no sofá.

— Então, Greg... De onde você é? — pergunto de maneira despretensiosa.

Ele parece desconfortável, rígido.

— Daqui mesmo de Nova Jersey. Atlantic City.

— Farei uma pergunta e espero uma resposta clara. — junto as mãos sobre a perna e arqueio uma sobrancelha — O que sabe sobre a minha família? Seja sincero. Eu saberei se estiver ocultando algo.

Tenta esconder o nervosismo e limpa a garganta. Imita uma estátua de pedra, está meio pálido. Percebo que esse é o efeito Del Vecchio em um residente de Nova Jersey. Permanece calado.

— Você sabe quem sou, não é Greg? — ele assente e uso um tom mais informal — E aceitou trabalhar para mim, uma Del Vecchio? Tenha mais coragem homem. Não devia ter medo deles e sim de mim. Fale!

— Não sei muito, só o que se sabe nas ruas.

— E o que se sabe nas ruas?

— Eles têm a mão em tudo que acontece de importante por aqui. — tira os olhos do chão, mas não os mira em mim.

— Continue. — pressiono mesmo desconfiando que não dirá mais do que já sei.

— Eles têm seus representantes por todo o estado, todos têm a ficha

impecável. Por fora são uma família comum, mas são capazes de muita coisa. Quem fica no caminho deles desaparece, não importa quem. Eles têm influência com políticos, juízes e várias figuras de poder. Não sei quais, mas todo mundo sabe que recusar algo é uma sentença de morte. Nos últimos dias vários dos que estavam espalhados vieram para a capital e a cidade está tensa. Muitos acham que estão tramando algo, sabem que alguma coisa está acontecendo.

— Serei direta com você, Greg. Esta noite jantarei com minha família. Estou assumindo os meus negócios agora que meu pai morreu. — ele me olha com olhos esbugalhados, imaginei que ele não soubesse e esperava essa reação — Pode ser que a partir de amanhã tentem me matar, o que quer dizer que estou contando com você. Esteja atendo a tudo.

Deixo-o com seus pensamentos e dilemas e procuro no closet a roupa adequada para a situação, algo que diga “família, cheguei para abalar”. Escolho um vestido vermelho no estilo grego, pouco acima do joelho, que deixa um ombro de fora, marca a cintura e tem uma das pontas longa. Sandálias abertas de saltos médios e finos, colar grande e brincos, batom vermelho bem leve e uma bolsa Louis Vuitton. Invade-me uma estranha sensação de que estou poderosa e posso tudo. Recordo a última vez que me arrumei para sair e a garota beijou Aiden. Foi em outra vida. Hoje sou alguém completamente diferente e como pelo rio não correm as mesmas águas, jamais serei a de antes. Não fugirei, se fugir, na certa é *game over*.

O careca e eu encontramos minha Ferrari branca na garagem e ele vai guiando o veículo. Está mais centrado depois de nossa conversa. Não se demitiu, o que é bom sinal, porém o clima entre nós evoluiu de gelo para iceberg.

— Espero que não se demita, Greg. Gosto dos seus serviços. Mais ainda se eu não estiver na companhia de uma pedra. Sorria de vez em quando ou pensarão que está sendo maltratado.

Indícios de um sorriso vão se formando.

— Viu, não é tão ruim assim. — dou uma batidinha em seu braço.

Quando atingimos o nosso destino, estou surpreendentemente calma. O que tiver de ser, será. Os portões se abrem e paramos na entrada da mansão, uma construção grande e tradicional, com um belo e bem cuidado jardim e uma fonte iluminada.

— Volte daqui a duas horas. Obrigada, pode ir. — dispenso o guarda-costas.

Não conquistarei respeito me escondendo atrás de um armário, isto é fato. É só um jantar, a expectativa é que sejamos civilizados, sem esfaqueamentos

nem garfadas na mão. Eu estaria morando aqui se não estivesse no Havere sob a duvidosa proteção de Amon. É a minha casa e agirei como quiser, ando de cabeça erguida. Empregados me recebem com uma simpatia forçada e tentam me conduzir até onde estão meus parentes reunidos, quando um deles vai descendo as escadas.

— Primo Giovanni. — volto-me para o mordomo — Pode deixar, meu amável primo me mostrará o caminho.

— Claro, prima Felìcita. Pra onde você quiser...

Giovanni Del Vecchio, embora tenha a idade de Felìcita, 23 anos, é um dos cabeças da família, pressinto que seja um dos mais perigosos. Tem os cabelos compridos amarrados para trás, queixo fino e profundos olhos azuis, presente da genética dos Del Vecchio. Esses olhos me estudam tanto quanto estudo seu proprietário, diria até que ele também é um ator, sei reconhecer caras e bocas milimetricamente calculadas. Pego o braço que me oferece, seguindo um protocolo de simulada gentileza mútua.

— Você está linda.

— Ah obrigada. Você também não está nada mal.

O peito está estufado, as costas eretas, passa a língua nos lábios discretamente e fixa em mim. Está flertando! Ora, que indecente, Giovanni. Deve estar querendo assegurar o controle dos negócios me conquistando e ficando com meus bens. Sinto muito, querido, não tem chances. Já entendi o que pretende, tente novamente em dez ou quinze anos quando aprender a ser menos transparente.

Adentramos uma sala de estar apinhada de pessoas que conversam animadamente, é praticamente uma festa. De repente, todos os rostos se voltam para mim. Encaro tudo com um sorriso superior, soltando-me do braço de Giovanni e indo aos cumprimentos. Boa parte do tempo é passada com beijos e abraços, perguntas educadas e elogios discretos. Estão presentes realmente todos, tios e tias com maridos, esposas e filhos, inclusive alguns agregados. Crianças correm de um lado para o outro. Um alívio, ninguém mata ninguém com crianças por perto. O inquérito mais interessante é feito pelo tio Francesco, pai de Giovanni.

— Por que não veio ao enterro de seu pai?

Ele tem a voz muito grave e soa como se tivesse algo preso na garganta. Lembra-me um cachorro bulldog, cheio de dobrinhas e pele, com os olhos baixos e sobrancelhas caídas. É um homem perspicaz, bem mais à frente do filho.

— Estava viajando, tio. E nenhum dos meus adoráveis parentes aqui presentes se deu ao trabalho de me procurar para dar a triste notícia. Mas agora estou aqui para despedir-me de meu pai.

Não é regra que a melhor defesa é o ataque, porém é um ótimo recurso que cala a boca de muitos. Não do tio Francesco, é raposa velha. Creio que o mais apto para tomar o lugar deixado em aberto.

— E onde esteve?

— Fazendo turismo de compras em Nova York.

Convenceu-se com facilidade. Aparentemente fiz várias compras em Nova York nas últimas semanas. Amon sabe como planejar os detalhes.

Depois de mais conversa fiada em grupos aqui e ali, a quase idosa tia Adalina se senta ao meu lado enquanto me sirvo de vinho. As pessoas ao redor falam baixinho, outras param para escutar.

— Você é ótima. Emite uma energia linda. — balbucia.

— Obrigada.

— Assim que entrou percebi. Você é como eu na sua idade, uma flor em pleno desabrochar que trará um delicioso perfume.

Adalina é uma figura intrigante, já previu o que estou prestes a fazer. Crio forte e instantânea simpatia pela mulher.

— Sim, é isso. Não precisa dizer nada, eu entendi. Tem o meu apoio, menina. Use-o bem. — cochicha enquanto levanta e apoia a mão em meu ombro nu.

A visita transcorre melhor do que esperava até aqui. Tudo na base da cordialidade. Os mais velhos são sérios, não tão desconfiados quanto pensei. Os mais jovens são abertos e curiosos. Giovanni continua lançando olhares suspeitos, assim como o primo Dorian. Entre eles paira uma espécie de nuvem cinzenta, evitam-se e quando se encaram só falta saírem faíscas. São possíveis rivais. Se um disser sim, o outro dirá não.

A mesa da sala de jantar é extensa o suficiente para todas as pessoas. Francesco segue em direção à cabeceira e encontra o cunhado Marcus. Ambos disputam pelo “trono” que representa o comum objeto que é a cadeira. Tem faíscas aqui também, a mesma situação de oposição ferrenha.

— Com licença, senhores. — digo, abrindo espaço entre os dois, e me sento.

Os dois ficam perplexos, bem como o restante da família. Desviam o olhar entre si e não se movem, como se qualquer outro movimento fosse fatal. Uma simples atitude que tomo e trago fim do mundo, causo um efeito devastador,

rompo o frágil estado de paz que é assegurado por laços de sangue e hierarquia. Senti-me bem com isso, confesso. Os rostos confusos eram engraçados.

— É... Felìcita... Esta cadeira... — procura explicar o apaziguador tio Stefano.

Irmão mais novo, enxergo-o como aquele em cima do muro, não sabe de que lado ficar. No final escolhe o que ganhou. Só é leal a ele mesmo.

— Esta cadeira era a de meu pai e agora é minha. — uso tom bem audível, para que não restem dúvidas — Acaso esta casa não é minha? A cadeira é minha também. Todas são e escolho a que me aprouver para sentar.

Com isso finalizo a discussão e todos se sentam. Tio Francesco, ao meu lado, está vermelho como um tomate, penso que terá um ataque a qualquer minuto. Tia Adalina se senta do meu outro lado. A ordem em que estão posicionados diz muito sobre os Del Vecchio. Um silêncio mortal domina o cômodo e então se iniciam os ruídos de talheres. Como prazerosamente do prato requintado. Faço de conta que nada aconteceu e que não estão me olhando de soslaio, examinando cada pedacinho de mim. Stefano tenta retomar a conversa e acalmar os ânimos.

— Então, Felìcita, como era viver com o Vincenzo?

— Era um grande homem. De poucas palavras, mas um grande homem. — dou um gole na bebida e continuo — Era bastante rígido e aprendi muito com ele.

E novamente a troca de olhares entre todos. É um campo minado. Devem se interrogar o que aprendi.

— Ele era realmente obstinado. Acho que herdei isso dele. — acrescento.

— Ah era exatamente assim que papai era. — afirma Adalina com determinação e todos concordam.

— Ele falava sobre nós?

— Não, ele dizia que não gostava de vocês. Mas no fundo os amava da maneira dele.

A inquietação vai se desfazendo aos poucos e os diálogos voltam timidamente. Mas o cara de bulldog não está conformado.

— Quais os seus planos para o futuro? — dirige-se a mim.

— Serei honesta tio, vou assumir os negócios da família. — solto a bomba.

Estimo que se não estivessem todos sentados, metade da família cairia para trás com a notícia, tamanha foi a reação. A outra metade já esperava. Alguém se engasgou e começou a tossir.

— Não. Eu não aceito. — proclama ele.

— Nem eu. — somam Giovanni, Marcus e mais vozes.

— Isto não é uma votação. Não se preocupem, tenho plena capacidade. Falaremos sobre negócios amanhã à noite. Hoje aproveitemos a refeição.

O jantar terminou com expressões das mais variadas. Permaneci imponente e saí sobre meus saltos finos, certa do estrago que deixei para trás.

Se o professor Jones tivesse me visto, jamais me daria uma nota baixa. Foi épico. Eu mesma tive medo de mim. Meus maiores problemas são Francesco e Marcus, ficarei de olho neles.

Demoro a pegar no sono pelo entusiasmo da noite. Apesar de ter me excedido no vinho, não consigo pregar os olhos. Repasso tudo na mente diversas vezes. Brincar com a máfia me preencheu de altivez, como se eu pudesse caminhar entre as estrelas do céu. Fez-me sentir viva, consciente da importância de cada infinito dentro de um segundo.

Capítulo 5

O dia se inicia com uma ligação de Amon Cavanagh me chamando para tomar café da manhã em seu quarto. Um convite petulante e inoportuno como ele próprio. Não paro de sentir por ele a irritação persistente, deixa-me alterada como uma adolescente rebelde. Subo até o quadragésimo quarto andar, suíte 445. Fixo o número em uma nota mental. A porta está entreaberta, entro e dou uma batida leve atrás de mim. A sala está vazia.

— *Por aqui, Felìcita.*

Sigo a voz e deparo-me com ele de pé no meio da sacada. Um forte vento carrega meus cabelos para todos os lados.

— Venha, quero mostrar a vista.

Quando dou os primeiros passos, olho para baixo. O chão é inteiramente

de vidro, é como se tivesse somente ar sob os pés. Vejo o que deve ser a rua, bem distante. Tenho uma vertigem. O sangue me foge, tenho falta de ar. A fobia toma conta de todos os sentidos. Não consigo mais ir para frente ou para trás. Penso que vou cair a qualquer instante. Digo a todos que andei na corda bamba, mas estava a pouco mais de um metro do chão. O que vejo aqui é vários andares. Vou morrer de ataque cardíaco também. Ou isso ou uma queda fatal.

— Não se pode parar no meio do caminho. — ele diz. — Nem se deve voltar o que já foi percorrido. Venha.

Levanto a cabeça e vejo a mão dele estendida.

Continuo parada como um poste, luto para não perder o equilíbrio e resgatar o comando do meu corpo.

— É assim que eu vivo. Não olho para baixo, almejo apenas o topo. É este o meu mundo. — abre os braços em um gesto que abrange tudo — E você já faz parte dele. Ouse, arrisque-se. Viver já é um risco, por que não arriscar tudo então?

Certo. Agora ele está mais insano que antes. Trocou a personalidade sociopata encantador pela *borderline*. Está aqui na minha frente de braços abertos. Tenho que fazer algo. Dois metros para frente ou dois metros para trás? A ventania só me faz oscilar. Corro na direção dele e agarro a única fonte de sustentação possível. Sinto os músculos rígidos de Amon sob a camisa, o cheiro que já é conhecido, e braços grandes em volta de mim. Odeio-o ainda mais.

Cerro os olhos. Sua respiração compassada, o subir e descer de seu peito encostado na minha cabeça, me acalma um pouco. Arrasta-me até o limite da sacada, com um braço rodeando minha cintura. Então, com o vento no rosto, contemplo um céu azul límpido e um sol ameno cujo brilho e calor me inundam. É como estar acima de tudo e ter realmente alcançado o céu. Ironicamente, sinto-me na cena do *Titanic*, porém sem a água.

— Eu estou voando, Jack!

Não quis revelar meus pensamentos, quando percebi já tinha saído essa comparação ridícula. Quero um buraco para me enterrar e nunca mais sair de tanta vergonha. O que Amon Cavanagh pensará de mim? Ele cai na gargalhada, acha graça de mim e me solta. Deve estar me achando louca e brega.

Depois de eu ter apreciado a vista e enxugado minhas emoções, guia-me de volta pela mão. Este homem me faz mal. Ele é um mal incomparável. Entendo que mais do que nunca preciso pegar o laptop e me livrar dele, antes que seja tarde demais.

Em meio a torradas, sucos, geleias, frutas, bolachas e pãezinhos, digo tudo

sobre a noite anterior e as primeiras impressões que tive de cada membro da família. Ele ouve tudo com ar aprovador, mas de vez em quando parece distraído e desvia de mim. O laptop está no sofá, tento esconder que o vi.

— Na reunião de hoje à noite, faça com que cada um diga se está do seu lado. Os que não disserem, instrua o Zimmerman para congelar o fluxo de atividade deles. Não mencione os nossos planos de expansão. Se eles perguntarem, mude de assunto. Só fale sobre os meus interesses amanhã.

— Certo.

— Você deveria sair hoje, conhecer a cidade, fazer compras, mostrar-se por aí. Talvez queira um vestido novo para a festa do filho do senador Westbrook, o Christopher.

— Eu vou à festa do Christopher Westbrook? — pergunto pasma.

— Se quiser.

— Eu quero.

— Imaginei que sim.

Claro que quero. Chris West é um dos maiores atores do cenário atual, meu ídolo, eleito o mais sexy do ano. Como eu perderia a festa que deve estar cheia de celebridades? Finalmente algo bom acontece. “#2 Morram de inveja meninas hahaha.”

Ele põe o paletó e ajeita a gravata, é a mensagem para que eu vá embora. Andamos juntos pelo corredor. Por três vezes tento inutilmente alcançar seus dedos. Ele é muito ágil, mas eu sou persistente.

— Tratarei de alguns assuntos hoje. Voltarei à noite. Qualquer coisa me ligue.

Chance! Ele deixou o laptop. O único inconveniente é a porta trancada.

Enquanto volto para meu quarto, absorta em ideias mirabolantes, choco-me com uma camareira que derruba o que carregava. Acredito estar vendo coisas, mas não. Reconheço a minha arqui-inimiga Emily. Nada mais faz sentido, tudo está de cabeça para baixo. Ela trabalha aqui ou é uma irmã gêmea? Apanha as toalhas que deixou cair no chão. Será que ela sabe de tudo?

— Perdão, não foi minha intenção.

Emily pedindo perdão? O universo prega grandes peças quando menos esperamos. É nítido que ela não sabe que sou a Audrey. Que reviravolta.

— Como se chama? — indago com o tom de prepotência da patroa. Tenho que aproveitar.

— Emily Mercer.

Acho que algo mudou dentro de mim, estou ficando maligna. No meu

cômodo, quebro um vaso, desalinho bastante a cama, jogo as almofadas no chão, derrubo cadeiras, viro um copo de bebida no tapete. Passou o furacão Audrey Wells. Telefono para a recepção e peço que Emily Mercer venha arrumar o meu quarto. Escuto a batida na porta com expectativa.

— Senhorita Del Vecchio, eu vim para...

— Entre.

Começa a ajeitar a minha bagunça comigo a observar.

— Você é daqui mesmo, Emily?

— Não. Sou de Ohio.

— Há quanto tempo trabalha aqui?

Pobre garota, acha que vai perder o emprego. Encara-me com olhos de filhote abandonado. Tenho um pouco de dó.

— É o meu primeiro dia aqui. Eu faço faculdade e nas férias trabalho em um dos hotéis Havere. Estou juntando dinheiro para me casar no ano que vem.

Quem vê cara não vê coração. E parece que ninguém via o de Emily. Quantas vezes praguejei e a xinguei de galinha? Fico sabendo que está noiva há dois anos, ama o noivo de verdade. Provavelmente mantinha a pose na faculdade por causa da carreira que almeja. Ou para espantar as pessoas. O remorso me corrói ao mesmo tempo em que encontro a resposta que eu procurava. Veio em boa hora, timing perfeito. A sorte está ao meu lado.

— Emily, deixe tudo que está fazendo. Vamos sair.

Minha ex-colega de faculdade faz uma expressão indistinguível, combinação de medo, curiosidade e insegurança. Nunca a imaginaria com essa cara.

— Mas... O meu emprego?

Pego o telefone. *Alô, Amon? Sabe a sua sugestão pra hoje? Pois é, estou saindo e vou levar uma funcionária sua. Ela vai tirar o dia inteiro de folga. Sim, vou levar ele também. Tchau.* Às vezes é bom ser a Felìcita, tem suas vantagens.

Visto Emily com uma das minhas roupas de grife, fica melhor nela do que em mim. Indico que deixe o uniforme aqui mesmo e pegue amanhã. Saímos e faço Greg de carregador de sacolas. Visitamos várias lojas pela cidade, compro roupas e acessórios para nós duas e até um smoking para o guarda-costas. Tem que estar bem vestido para que eu o leve à festa. Entre as compras estão um laptop, cartão de memória e tudo necessário para meu futuro acesso à rede. A manhã é agradável e descubro que Emily é uma excelente parceira de compras, ao contrário do grandão.

Se tudo pudesse ser diferente, se pudesse voltar atrás, poderíamos ter sido

boas amigas. Penso na minha vida antiga, tudo que fui e tudo que tive. Amon está certo, não se pode voltar o caminho já percorrido. Eu não vou ficar parada olhando para trás, nem para baixo. Ele quis me ensinar algum tipo de lição que creio estar entendendo. Estou vivendo agora a uma grande altura, o que tem sua atratividade e seu perigo. É preciso mais do que dar o primeiro passo para desfrutar da paisagem. É preciso antes de tudo ter a coragem e a determinação para continuar e ir até o fim, bem como autocontrole para assegurar o equilíbrio que me mantém de pé. A excitação de uma possível queda é que faz a beleza da altura. É assim que ele vive e quis me mostrar isso, literalmente.

Sentadas no carro, aguardamos Greg retornar com ambicionados sorvetes, indispensáveis no verão. Três homens armados nos abordam repentinamente. Membros de gangue, deduzo pelas tatuagens. Um deles encosta o cano do revólver bem na minha testa. Tudo bem, fazer meu guarda-costas de assistente não foi a melhor coisa que fiz. Descemos do carro e eles o levam cantando pneu. Os desgraçados levaram todas as compras também. Que ótimo!

O crime é definitivamente uma porcaria. Não importa quem está no nível mais alto da cadeia alimentar, na natureza sempre um come o outro. A criminalidade sempre existiu e infelizmente continuará existindo por um bom tempo. Mas que está acontecendo com esta cidade? Pensei que mafiosos não eram roubados. Traria mais indignação se tivessem me levado o Pikachu, mas não posso ficar sem fazer nada. Quando o Antonio roubou a Natale, ela o fez de exemplo. Minha nova personificação da maldade então concebe algo. Já não sei mais se sou a Audrey ou a Felìcita, contudo não me permito uma crise existencial. Farei o que é necessário. A lição de Amon surtiu efeito, com certeza.

À tarde telefono para o tio Francesco, justamente ele, porque quero irritá-lo. Sei que é contra mim. Tenho a impressão de que ele é do tipo que late e não morde. Vai latir até cansar e depois vai ceder e eu ponho uma coleira. Ou pelo menos torço para que seja assim.

— Felìcita, como vai? — ele diz do outro lado da linha com a voz de cachorro.

— Não tão bem, tio. Acredita que roubaram o meu carro? Três membrozinhos de gangue. Esta cidade precisa de mais disciplina. É uma Ferrari Branca. Cuide disso, sim? Quero ver os três à noite. Beijo, querido.

Desligo sem que ele tenha chances de dizer algo. Neste instante ele deve estar me amaldiçoando. Rio baixinho. Proteger minha segurança agora é a prioridade, é hora de executar o meu plano. Remexo os bolsos do uniforme deixado por Emily em busca de um passe que camareiras têm para abrir as portas

dos quartos e *voilà*. Visto o uniforme e faço um coque no cabelo. Hóspedes passam por mim e abaixo a cabeça, sou quase invisível, ando com passos comedidos. Rezo para que ninguém esteja lá, parece fácil demais.

Sondo o corredor, tudo limpo. É como nos filmes de espionagem. Destranco a porta, imaginando que pode soar um alarme e me prendam. Nada acontece. É a primeira vez que faço algo do tipo, se não der certo, nunca mais tentarei. O coração bate em ritmo frenético, as mãos estão suadas. O primeiro delito. Quer dizer, tem falsidade ideológica, mas esse não conta. Não foi culpa minha.

Ligo o laptop e claro, tem uma senha. Estico o pescoço para esquerda e para a direita, estralo os dedos. Faça sua mágica Audrey. O processo é complicado, nunca vi códigos semelhantes, não sou hacker. Suspiro fundo, perdendo as esperanças. Quebrar a segurança com minhas habilidades pode levar milênios. Mesmo as pessoas mais experientes que conheço teriam problemas. Parece impenetrável. Testo senhas aleatórias. O que um cara como ele usaria? *GostosaoAmon123*? Não. Preciso levar mais a sério.

Projetodeexpansao. Não é.

Empreendimento. Não é.

Goffman. Não é.

Esqueciasenha. Não é.

A vontade é de jogar o laptop bem longe. Prossigo testando, das mais prováveis às mais simples. Uma delas funciona. Nem acredito que com tanta segurança ele usa a senha “123456789”. Ou é muito esperto ou muito burro.

Fuço a máquina avidamente. Vejo uma agenda com diversos compromissos marcados em vários estados. Ohio, Pensilvânia, Nova York, Vermont e Virgínia. Está programado para muito tempo. Encontro fluxogramas que descrevem os pormenores do projeto dele. Tem um para cada estado, incluindo Massachusetts, Virgínia Ocidental, toda a costa leste. Tem até um mapa discriminando os estados que já estão sob seu controle, com porcentagens. É tudo “a cara dele”.

Tiro o cartão de memória do celular e mando copiar tudo. Nomes e endereços de centenas de pessoas, cada uma é um arquivo. Dados de contas bancárias, transações, arquivos criptografados, pastas. Jogo tudo no cartão, puxo-o e coloco dentro do sutiã.

Um programa se executa sozinho e abre uma janela em que é feito login automático. É uma espécie de leilão ou casa de apostas, com ícones de vídeos e embaixo opções com valores astronômicos. Não tenho tempo para ler, um vídeo

se abre sozinho e parece ser ao vivo. “Olá Scorpion, deseja fazer uma aposta?” é o que surge. Scorpion é o nome de usuário? De imediato, compreendo quem ele é. O Scorpion que esteve nos jornais e nos noticiários no último ano.

Minhas mãos tremem. As autoridades estão atrás dele. É mais astuto do que pensei. Finge ser um homem de negócios, mas é um dos mais procurados da América. Usa um disfarce, por isso se diz um ator. O que eu faço? Essas informações me garantem imunidade? Proteção à testemunha? A máfia sempre mata as testemunhas. Não estou segura em lugar nenhum. Amon está acima do nível da máfia. Trata-se de um megalomaníaco. E o projeto grandioso está dando certo! Como é possível? Quem é esse louco? Ele é verdadeiramente um mistério.

Não confio nele, vai me matar. Está me usando e quando não precisar mais de mim meu destino será o fundo do mar. E ele disse que os Del Vecchio sabem quem ele é. Sabem que estou aqui no hotel dele. É isso que ele chama de “estar sob sua proteção”? A situação está cada vez mais feia. Sou um ratinho em um ninho de cobras.

No laptop, tento fechar a janela do vídeo, outra se abre e um clique acidental é feito. O nervosismo faz as minhas mãos não obedecerem. Cinquenta milhões? Minha nossa! O que fiz com cinquenta milhões? Ouço um leve barulho que me tira do estado semicatatônico. Minha vista é só um borrão em meio a náuseas, mas o percebo parado na porta.

Meu primeiro delito perfeito e a carta na manga que poderia ter tido contra ele vão por água abaixo. Não há para onde correr, é de fato o meu fim desta vez. Respiro profundamente e raciocino enquanto fito seu semblante *business man*, parado. Ele precisa de mim, meu nome ainda está no seu esquema com setinhas, arrumado em caixinhas azuis. É metódico demais para se desviar do plano original. Preciso que ele seja.

Amon entra, tira o paletó e desabotoa e dobra os punhos da camisa, em uma cena bastante cotidiana, dada a habilidade com que executa a tarefa. Age como se eu estar aqui vestida de camareira com o seu laptop fosse algo normal. Levanto-me de fininho, na esperança de sair sem que ele interfira. Não funciona. O criminoso se volta para mim.

— Onde pensa que vai, Emily? — lê o nome no crachá e o diz com entonação acentuada.

Acabo recuando até bater as costas contra a parede. Mais alguns metros e eu teria tido sucesso.

— Merda.

Ele acha graça. Sou sua comediante particular. Ando de lado como um

caranguejo, bem devagar, na direção da porta. Em um segundo, está aqui, a centímetros de mim. Escora a mão na parede, impedindo-me de fugir. Está tão perto que quase encosta o corpo ao meu. Posso sentir o seu calor e, inevitavelmente, não tiro os olhos dos lábios atrativos que gesticulam enquanto fala.

— Não está satisfeita com apenas um papel? Já encontrou outro?

Sinto que só sairá besteiras da minha boca. Melhor ficar calada.

— Estou orgulhoso de você.

Ele sempre tem as reações mais imprevisíveis. Surpreende-me em tudo. Achei que conhecia todo tipo de gente, agora sei que existem casos raros como Amon Cavanagh. Ele é uma montanha russa, cheia de altos e baixos. A cada descida aguardo a iminente queda com um frio na barriga.

— Você fica bem até de uniforme. Poderia contratá-la. — sussurra em meu ouvido.

Sinto suas mãos pressionando minhas coxas, explorando enquanto olha em meus olhos. É o seu olhar hipnotizador que me desnorteia. As mãos quentes vão subindo até a cintura, delicadas e vagarosas, apesar de grandes. Deixa-me ofegante. Sinto-o chegar aos meus seios. Demora-se neles e abre os primeiros botões. O contato direto com minha pele me derrete, perco as forças, juntamente com controle de mim. Sua boca me convida para beijá-la. Ele começa a se inclinar e ergo a cabeça, fico na ponta dos pés para alcançá-lo. Então dou de cara com o nada. Ele pega o cartão de memória com precisão cirúrgica e se afasta. Permaneço encostada à parede, vazia e encabulada, sem reação. Quero que ele morra da pior morte possível. Duas vezes!

— Sente-se. — diz o canalha.

Como ele sentiu um cartão minúsculo? Abruptamente recordo quão perigoso ele é e faço o que ele diz. Não adianta fingir que não vi nada dos seus planos. Retomo a compostura. Não da Audrey e sim da Felìcita. A Audrey só me mete em mais problemas.

— Pensei que só voltaria à noite. — comento.

— Quis voltar antes para lhe dar um flagrante.

— Sabia que eu vinha? Ou tem câmeras aqui? — oculto meu assombro em um tom casual e um cruzar de pernas.

— Cogitei a possibilidade. Só não imaginava o seu plano “camareira”. Por isso estou orgulhoso. Se bem que poderia ter entrado aqui com a sua própria chave.

Tudo bem, agora ele aparenta ser mais estranho que nunca.

— É mesmo?

— Sim, pensei que tentaria isso. Então hoje mandei que providenciassem para que a sua chave eletrônica desse acesso a minha suíte.

— Por quê? Queria que eu entrasse aqui de livre vontade para se aproveitar de mim? — provoco.

— Não. Percebi que estou lidando com uma mulher que não navega por águas desconhecidas sem um bote salva vidas, senhorita *Titanic*.

Essa entrou para a História. Vai judiar de mim o quanto puder por causa disso. Queria apagar aquele momento desastroso.

— E por isso você colocou aquela senha? Para que eu encontrasse essas informações e depois as tirasse de mim?

— Quero que confie em mim, Felìcita. Não pretendo machucá-la nem agora nem no futuro. Quis lhe dar essa garantia. — lança o pequeno cartão para mim e ele aterrissa bem no meu colo — Ponho tudo que sou em suas mãos, mas preciso de foco. Preciso que esteja ao meu lado plenamente e esqueça todo o resto, ou não atingiremos nosso objetivo.

— Nosso objetivo? — indago perplexa — O que te faz ter tanta certeza de que não vou jogar tudo isso na rede e acabar com você?

— Não existem ganhos sem riscos. E você já provou do poder. É um vício. Uma droga que corrompe, aprisiona e liberta a humanidade. Quanto mais se tem, mais se quer. — faz um movimento de abrir longamente e fechar firme da mão — Temos a ilusão de que o temos, mas é ele que nos têm.

— É isso que está fazendo? Corrompendo-me?

— Oh, não. Apenas estou dando a oportunidade. Cabe a você fazer as próprias escolhas.

Ele mostra a tela do laptop. Uma mensagem em letras grandes e rebuscadas anuncia “Parabéns, você foi o único vencedor! Acaba de ganhar $ 500.000.000,00”.

— Você aposta alto, acabou de aumentar meu patrimônio. Volte para Cleveland, se quiser. Ou qualquer outro lugar. Sinceramente, gostaria que ficasse, já que me agrada. Porém a decisão é sua.

Capítulo 6

A hora marcada para o meu segundo encontro com a família se aproxima e uma infinidade de pensamentos conflituosos passa em minha mente. Por que tem que ser assim?

Fui arrastada para tudo isso e usar a máscara de Felìcita é me despedaçar aos poucos. Sou uma atriz que se confunde com a própria personagem. Não consigo tirar a máscara, ela vai se fixando ao meu rosto de tal maneira que me transforma por dentro. Tenho medo de que colocá-la agora signifique nunca mais tirá-la. Felìcita e Audrey parecem uma só. Mas quem está no controle?

A Felìcita surge em mim num piscar de olhos, em como penso, como sinto. Quando percebo, já está aqui. Amon Cavanagh só dificulta as coisas. Desperta a Felìcita em algum lugar mim. Ele me humilhou. Quero gritar, bater nele, quebrar todos os seus dedos e deixá-lo no chão. Fazê-lo cair não me daria a menor alegria. Nem mesmo dá-lo de comida aos tubarões. Só quero tirá-lo da cabeça de uma vez. Seus discursos me tornam cada vez mais diferente de mim. Estou me tornando uma criminosa de verdade. “Pegue minha mão e venha para o lado negro, Felìcita, quebrar ossos e se banquetear com sangue, nadando numa piscina de dinheiro”. É isso que ele diz, não necessariamente com essas palavras, envolto em beleza, luz ofuscante e aroma afrodisíaco.

Tenho esse caos em mim e a única certeza, cortante como uma lâmina, é de que, não importa o que eu faça, a decisão vai parecer errada. Não há uma resposta certa, apenas o que eu desejo e o que não desejo. Talvez esta mulher que se mostra confiante e ostensiva seja um lado meu que esteve oculto ou nasceu pelos delírios deste homem. Ela está aqui, lutando com ele, por ele e para ele. Voltar para a minha vida antiga é dar um passo para trás, do qual posso me arrepender. Seguir o contexto traçado por um manipulador profissional é me expor a uma queda fatal. O fato é que não sobreviverei ficando em cima do muro como tio Stefano. Não sei como ele está vivo até hoje.

Deixo dentro do carro alugado todas as minhas dúvidas e me concentro. Ou me liberto. A reunião dos Del Vecchio é realizada em um armazém-escritório, parte de meus bens herdados. Agora sim estamos falando da máfia. O lugar é amplo e de paredes extensas, com teto encurvado. Tem diversas caixas arrumadas por empilhadeiras e pacotes em estantes. São remédios e “algo mais”. Não fecho os olhos para este detalhe do que é transportado pelos caminhões à noite, que já estão saindo. É uma de nossas centrais de operação.

Boa parte do armazém está nas sombras, porém cerca de trinta ou trinta e

cinco homens estão de pé. A tenra luz lhes dá um ar fantasmagórico nos rostos sérios. Provavelmente estão todos armados. Abrem espaço quando veem minha intenção de passar entre eles. Greg vem atrás de mim, alerta a tudo. Certifiquei-me de que ele também estava armado. Só para garantir, mas ele sempre esteve. Está se tornando cada vez mais confiável como o guarda-costas de uma mafiosa.

No meio da construção estão dispostas uma mesa de escritório de mogno e um semicírculo de cadeiras de cada lado. Todas estão ocupadas pelos meus parentes, porém não obedecendo rigidamente a hierarquia que detectei no jantar. Os que não têm direito a uma cadeira estão entre os de pé. Separaram-se em facções. Meus aliados e meus inimigos. Pouparam-me o trabalho de identificá-los. Uma lástima, era a melhor parte do meu "serviço".

Tia Adalina inicia à esquerda e tio Francesco inicia a direita, seguidos respectivamente pelos filhos Dorian e Giovanni. Ainda na fileira esquerda estão os primos Filippo, Rebecca e Viktor. Acho que Rebecca está tentando competir comigo no visual "mulher fatal" ou começou a se inspirar em mim. Filippo parece um gângster saído de filme, tenho impressão de que ele é "o cara".

Viktor continua em seu estilo punk mesmo neste momento. Gosto da atitude dele de ser do contra. Dá um sorriso quando me vê, o medo deve ter passado de vez durante nossa conversa ontem sobre as séries da temporada. Depois de Giovanni, do lado da oposição, estão Marcus, Frederick, que é viúvo de tia Sarah, e tio Stefano. Certamente ele é o último por ter esperado demais, indeciso até o fim. 5x5 no placar. Isso é bom. Sinto-me extasiada com a expectativa do que virá.

Flutuo até minha cadeira atrás da mesa, ainda com Greg grudado em mim como chiclete no tênis. Observam-me atentamente, impassíveis.

— Boa noite a todos. Antes de darmos início aos negócios, gostaria de ter licença para resolver um assunto de certa forma pessoal, mas que não deixa de ser de interesse coletivo. — declaro, criando um tom *chairwoman*, resultado de tempo demais ouvindo os devaneios de um "alguém".

Levo os olhos ao tio Francesco e ele faz sinal com a mão. Três brutamontes guiam os membros de gangue que me abordaram e mais um. Todos eles estão com panos negros cobrindo as cabeças e as mãos amarradas às costas. Posicionam os elementos pouco antes das cadeiras. O autor da captura se levanta e deposita a chave da minha Ferrari sobre a mesa.

— Obrigada pela presteza.

Giro levemente a cabeça para avaliá-lo. Não está tão enfurecido como imaginei que estaria. Não é normal. Acho que está tramando algo.

Provavelmente planejou um ataque com argumentos contra mim que irá desferir daqui a pouco. Serão os latidos dele. Finjo que não percebo, uso a poker face. Vou sozinha até os cativos.

— Soltem-nos e tirem isto. — ordeno.

Estão todos de cabeça baixa, sabem que fizeram algo muito errado. Errado o suficiente para trazer grande sofrimento. O quarto homem deve ser o líder da gangue que foi trazido para assumir a responsabilidade. A máfia é bastante eficaz.

— Olhem para mim.

Vejo expressões amedrontadas. Só o líder me vê de verdade, os outros estão brancos como se encarassem a própria morte com uma foice e não uma jovem em macacão preto arrojado. A morte não está tão elegante quanto eu esta noite. Ando na frente deles, indo e voltando. Um comandante analisando o pelotão.

— Pois é. Hoje cedo vocês tiveram a má ideia de roubar o meu car...

— Desculpe. Nós não sabíamos. Sentimos muito. Não mexemos em nada. Quando vimos o nome nos documentos...

— Calado!

Dou um chute atrás do joelho de quem se pronunciou, como pratiquei. Ele cai sobre uma perna. Fico contente de ter feito certo desta vez, cheia de confiança. Quero mostrar que estou falando sério, não com eles e sim com os Del Vecchio. É uma ameaça direta. Preciso mostrar o que farei com quem ficar no meu caminho. Eles são o exemplo. Se eu mostrar fraqueza, não me aceitarão e tentarão me matar. É esses quatro ou eu.

— Vocês só falam se eu mandar. Eu cresci aprendendo a importância dos valores, da disciplina e do respeito. São eles que norteiam o nosso comportamento e nos tornam civilizados, são o que mantém a paz. Concordam?

Ninguém se manifesta, o armazém é só um grande silêncio. Reprimo um sorriso malicioso.

— Eu decidi que esta cidade agora é a minha casa. Uma casa é um lugar seguro que compartilho com minha família. — começo a alisar os cabelos do de joelhos enquanto discurso no mesmo tom. De uma só vez os puxo para trás com força — Não se espera que lhe roubem em sua própria casa, não é? É um grande desrespeito.

Dou batidas leves em sua bochecha. O sangue lhe foge do rosto e continuo caminhando. Paro diante do que me apontou a arma.

— Vocês me ofenderam. Confesso que fiquei chateada. O bom é que

geralmente as pessoas aprendem com os erros. E principalmente quando são punidos. Pensei “o que eu devo fazer com eles? Cortar todos os dedos de cada um?”. — seguro delicadamente a mão dele, como se segura a mão de uma princesa, e aliso os dedos com o meu polegar, sentindo a textura da pele e os nós — Mas eu não fumo charuto e nem me apego aos clássicos.

Quebro o indicador com maestria. Ele dá um gemido contido, porém vejo a dor sendo expressa em cada parte dele. Quebro todos os outros dedos da mão também.

— Não era isso que queria fazer. Deixe-me consertar.

Torço o dedo médio e o osso salta para fora, criando uma fratura exposta. Ele grita. O líder se compadece e dá um passo à frente, vacilante.

— Ah, quer defendê-lo? Também tem sua responsabilidade, mas não tenho nada a tratar com você no momento. Está atrapalhando.

Dou um golpe rápido e preciso exatamente no ponto do pescoço em que Tess me ensinou. Treinei repetidas vezes antes de chegar aqui porque, se conseguisse, causaria grande efeito. E consegui. Cortei o fluxo de oxigênio para o cérebro e ele caiu desmaiado. O treino de um dia com aquela senhora do chá matadora fez milagre, ela é uma professora e tanto. Não vamos esquecer a sorte de principiante. Tenho certeza que não conseguirei uma segunda vez, contudo sinto bastante imponência neste instante único. É hora de atingir a família.

— Não estou chateada pelo que roubaram. Um ou dois carros não fazem diferença. Mas você — giro nos calcanhares e me volto para o da fratura exposta — Você encostou uma arma na minha testa. Na minha casa! Interpreto a atitude como um atentado contra mim. A primeira vez que alguém foi estúpido o suficiente para ameaçar a minha vida. O que merece uma pessoa que fez algo sem precedentes?

Retiro do bolso uma pistola que encontrei em meus pertences enviados ao hotel. Encosto-a na testa do homem, que começa a tremer e está suando.

— Tem algo a dizer? — pergunto em voz baixa.

— Por favor...

— Você sente muito?

— Sinto. Eu sinto muito. — ele chora.

Aperto o gatilho. Nada acontece, não está carregada. A surpresa é geral. Posso não saber quem sou no momento, porém sei que não sou uma assassina, apenas uma atriz tentando sobreviver.

— Não vou matá-lo pela sua ignorância e estupidez. Não agora. Eu só quero que fique claro que qualquer um — enfatizo e olho em volta — Qualquer

um que tentar algo daqui em diante não terá um final feliz. Seja lá quem for. Não haverá desculpas. Então que eu não seja incomodada novamente.

Todos entenderam a mensagem, resta saber se tentarão me matar ou não. Minha intuição diz que leves intimidações não impedirão, mas não custa tentar. Os vilões são ousados. Sempre me chamaram atenção e até torço por eles de vez em quando. Eles têm uma presença marcante. Já os mocinhos, quase nunca são retratados como deveriam. Ninguém é bonzinho do jeito que querem passar no cinema. Y*ing* e *yang*, não é? A vida real não é como a ficção, onde dividimos cada um entre as colunas "mocinhos" e "vilões". Somos mocinhos e vilões em situações específicas. Quando estamos na pele do vilão, desejamos o seu sucesso. Tudo depende de quem é o protagonista. Se um vilão mata um dos mocinhos, carregará o ódio eterno dos telespectadores. Se o mocinho mata uma centena de vilões, jamais é visto com ódio. O mocinho se torna herói e é idolatrado. Eu não sou como eles. Sou uma pessoa normal e real. Não tenho vocação para vilã assassina ou mocinha que salva o dia. No máximo a vilã das pequenas maldades que visam manter as aparências. Devo me virar com o que tenho.

— Estão avisados. — declaro para os três e implicitamente para os Del Vecchio.

Sento-me novamente em meu lugar de honra. Tia Adalina parece contente, traz o aspecto de quem ganhou na loteria e está prestes a receber o grande prêmio. Giovanni continua lascivo, toca o rosto e os lábios. Não desistiu de flertar, chega a ser divertido. O que devo fazer com ele daqui para frente?

— Agora, vamos discutir nossos interesses.

Como previa, Francesco foi o primeiro a falar.

— Isso é um absurdo! Nós não aceitaremos uma criança, que acabou de chegar, numa posição de chefia desta família. Você não nos conhece e nem nós a conhecemos. Não há como você cuidar de nossos interesses. — uma veia salta de sua testa, está bastante irritado e procura conter seus impulsos — Estamos à beira de um colapso, a situação é crítica. Se não tivermos alguém forte no comando, seremos destruídos por aquele homem. Somos o seu alvo e temos que resistir. É uma questão de tempo até que ele venha bater em nossa porta. Já está aqui, todos sabemos.

Ele fala de Amon Cavanagh, ou melhor: o Scorpion. É esse seu argumento.

— Felìcita tem uma associação suspeita com o nosso inimigo. Ela não cuidará de nossos interesses. Ela nos trairá. Não percebem?

— Eu estou ciente das atuais circunstâncias, tio. Seus interesses são

também os meus interesses. Já estou tomando providências e tratando de nosso futuro. — afirmo, enérgica.

— Esta criança é mais esperta e mais capaz do que você, Francesco. — diz tia Adalina, mostrando as nuances de irmã mais velha — Deixaremos isso nas mãos dela. Foi criada pelo nosso pai e tem o que é necessário para nos guiar nestes tempos turbulentos.

— Não, ela não tem. Nunca esteve aqui e não sabe como as coisas funcionam. — discute agora Marcus, que até fica de pé e assume a postura de um político buscando votos.

— Todos sabem que, se esse homem estiver sério, não conseguiremos vencer. Ninguém venceu. O máximo que podemos fazer é minimizar as nossas perdas. Eu confio nela. — diz Rebecca.

Nota mental: talvez possamos fazer uma tarde de compras e ir a um clube noturno depois. Rebecca me faz lembrar de Emma.

— Ela precisa de alguém forte que lhe ajude e aconselhe. Alguém para dividir o poder de decisão. — Giovanni expressa o pensamento. Claro que isso só poderia vir dele.

— Parem de falar como se eu não estivesse aqui! — decreto — Já disse que cuidarei de tudo. Discutirei a questão da possível ameaça a nossa família em outra oportunidade. Quando já estiver resolvida. Voltemos ao que nos traz aqui esta noite: os negócios. Como estão nossas operações, agora que meu pai não está mais entre nós?

Fico sabendo que uma organização menor, subordinada a nossa, tenta aproveitar a oportunidade para nos fazer afundar. Estão sabotando nossos negócios. Destaco novamente a importância da disciplina e digo que tenhamos pulso firme, mas não incentivo execuções arbitrárias. Encarrego Filippo de colocar a organização rival de volta sob nosso comando. Aquele sexto sentido me diz que ele é o cara certo para a tarefa.

É detectada uma pequena falha em nosso novo esquema de lavagem de dinheiro que meu pai iniciou antes de morrer. Indico Stefano para estudar o problema e solucioná-lo. O perfil dele demonstra que trabalha nos bastidores e é formado em economia. Acredito que faço uma boa escolha.

Algumas de nossas mercadorias estão com certa alta de preços, sendo repassadas por um valor acima do que se considera “justo” pelos Del Vecchio. Não pergunto o que são essas mercadorias nem de onde vêm. Vejo no brilho dos olhos de Rebecca que está ávida para se envolver na missão. Tem indícios de ser excelente negociadora, deve ser a posição dela na família. Dou-lhe a

incumbência e imagino que método usará.

Começo a perceber que o que Amon disse sobre gerir uma organização criminosa como uma empresa faz bastante sentido. Designar a pessoa certa para a atividade certa, considerar riscos e oportunidades e arrasar a concorrência. Tão simples, acho que levo jeito. A reunião termina e causo boa impressão. Stefano se sente importante e passa discretamente para o meu lado, não que a diferença numérica faça diferença. Pela manhã, ponho um biquíni e vou aproveitar a piscina externa do Hotel Havere. Quero tomar sol, nadar e, principalmente, evitar que Amon Cavanagh me chame para uma visita ao seu quarto no café da manhã. Já basta o que me fez, mas vai pagar. Se ele quiser falar comigo, que desça seus quarenta e quatro andares e venha até aqui. Por enquanto quero ser apenas uma hóspede desfrutando das comodidades oferecidas. Gostaria de deixar toda a história de máfia de lado, mas não posso dar um passo sem Greg. É um lembrete de terno preto e gravata debaixo do sol da manhã de verão.

Ele me intriga, consegue passar o dia inteiro calado e com cara de poucos amigos. A pose dele aqui comigo acaba qualquer possibilidade que eu teria de contato humano saudável. Detecto os olhares que um homem me lança de vez em quando e retribuo. Quando ele vê o semblante azedo do guarda-costas, desiste.

— Greg?

— Sim?

— Você teve uma infância feliz? — indago.

A pergunta o faz parar para refletir, como se voltasse ao passado.

— Acho que sim. Foi normal. Cresci em uma família amorosa. Mãe, pai, irmão e irmãs mais novas. E um cachorro.

— Como você entrou para o ramo da segurança privada? Você é um lutador, não é? — arrisco com base em tudo que atentei em Gregory Larson.

— Era. Eu era profissional de MMA. Mas acabei me envolvendo com coisas erradas e perdi muito dinheiro. Tive que trabalhar para uns caras até pagar a dívida. Agora me livrei deles. Gostaria até de agradecer novamente pelo empréstimo que a senhorita me fez.

Nem sabia desse empréstimo. Então alguém, seja lá quem tenha sido, pegou um Greg normal e o arrastou para o submundo também. Ele é como eu, contudo deve saber mais golpes legais. Pedirei que me ensine mais tarde.

— Acho que você precisa de uma namorada.

Acertei o ponto certo. Ele cora e se desvia de mim.

— O que você achou da minha prima Rebecca? Percebi que você chamou

a atenção dela.

Ele coça o nariz, mas vejo que está tentando esconder que ficou feliz em saber. É muito fácil de entendê-lo quando não está no modo “estátua”.

— Um cara alto, sarado e que fica tão charmoso simplesmente parado e de óculos escuros quanto você deve fazer o estilo dela. Você está com tudo. — faço um sinal de curtida e ele finalmente sorri.

Creio que ele está interessado, pelo menos um pouco. Sou um excelente cupido, deveria abrir uma agência de encontros e me aposentar da carreira que iniciei ontem na máfia. Lembrar-me da fratura exposta no dedo me causa asco. Mesmo pessoas não violentas podem fazer coisas assustadoras. Não acredito que a verdadeira Felìcita fosse violenta. A hipótese de que o Scorpion tenha matado ela e o pai não é nula. Não tive muito tempo para esquadrinhar o plano que descobri, mas não sei se realmente quero saber se ele os matou. Apenas guardei o cartão de memória.

Dou pequenos goles por um canudinho no suco de uvas bem gelado. Noto uma figura de terno se aproximando. Está mais bonito que antes, se é que isso é possível. Vem com as mãos nos bolsos da calça, caminhando com seu estilo bem-vestido e relaxado. O sol deixa o seu cabelo mais brilhante, concorrendo com o sorriso marcante. Estreita um pouco os olhos cor de mel pela claridade. Sempre que o vejo tenho uma reação duvidosa. Esqueço que é um criminoso procurado. Por algum motivo esta atração magnética não se dissipa. Ele é um imã e tanto. Deixo escapar um suspiro. Chega até mim e forma uma sombra.

— Aproveitando a estadia, Felìcita?

— Bastante. Obrigada por perguntar. — retruco, observando-o sobre a parte de cima dos meus óculos escuros chiques.

— Podemos conversar?

— Claro, sente-se. — encolho as pernas na espreguiçadeira, dando espaço para Amon.

Não aparenta mais estar contente, é do tipo que não gosta de ser contrariado ou aceitar sugestões como essa. Estou irritando-o e me sentindo muito bem com isso.

— Como foram as coisas ontem? — ele pergunta como se quisesse saber as horas.

— Ah, foram bem melhores do que eu esperava. Tudo maravilhoso.

— Vamos conversar em particular, lá dentro.

— Eu estou bem aqui fora. O ar daqui me faz bem. — desafio, imitando uma criança rebelde e sorridente.

— Está insatisfeita por causa de ontem.

A dedução dele é uma facada, reabriu a ferida. Sinto-me frágil e humilhada novamente. O sorriso começa a ceder. A revolta me domina. Jogo o copo de suco nele e a camisa fica ensopada. Ele olha o estado do branco que virou roxo e puxa a camisa, desgrudando-a do abdome tanquinho.

— Ops! Que desajeitada que eu sou. Deixe-me ajudá-lo.

Pego uma toalha e dou a entender que limparei a bagunça. Aproveito a ocasião e agarro seu dedo, o reconheço entre os meus, mas escorrega para longe antes que eu possa fazer algo. Perdi-o mais uma vez.

— Boa tentativa. — diz, enxugando a própria camisa e o paletó com a toalha.

Ainda não desisti, óbvio. Quando conseguir, talvez peça os quinhentos milhões de dólares que ganhei. Ou quem sabe eu peça este hotel. Melhor: quero que ele se ajoelhe, e beije meus pés, dizendo que me ama... e depois me dê quinhentos milhões. É isso! Já me decidi.

Com o vestuário impecável agora arruinado, ele se levanta e se afasta para fazer uma ligação. Procuro expandir a minha audição ao máximo enquanto ele está de costas, quase caio da espreguiçadeira. Faço sinal para que Greg faça silêncio, embora ele sempre esteja mudo. A história parece se divertir com o que acontece. Alguém atende.

Samantha, preciso que adie o meu próximo compromisso em uma hora. Diga ao Kramer que ocorreu um imprevisto...

Não tenho êxito em me conter, solto uma risada escandalosa. Um Amon áspero se vira e me crava um olhar de censura. Creio que fui longe demais e o fiz perder a compostura, porém o enfrentarei. Não voltarei para Cleveland. Ontem à noite mergulhei de cabeça em um poço sem fundo, cuja saída é inalcançável. Foi ele quem me jogou aqui e, se estender a mão, eu quebro os dedos, arranho e ainda arranco as unhas. Vai se arrepender de ter dado origem a Felìcita Del Vecchio. Dou gargalhadas na cara dele. Não me importa que algumas pessoas estejam observando. Quero vê-lo humilhado também.

— Vamos continuar nossa conversa na minha suíte, Felìcita. — faz soar mais como “estou mandando você subir agora, mocinha”.

— Não.

— Pense novamente.

É hora de me impor, é o meu passo para frente. Os últimos resquícios da vítima se foram. Escolho viver no topo do fundo do poço sem fundo do crime, em queda livre. Isso existe? Se não existir, inventei agora. Descreve bem a

situação maluca em que me encontro. Estou tão insana quanto ele.

— Não.

Olha-me por um instante, considero que vá me bater. Não faço ideia do que se passa em sua mente, é indecifrável. Os braços fortes dele me erguem pela cintura como uma carga leve e me depositam no ombro largo. Perdeu de vez o bom senso. Sustenta-me com um só braço agarrado à parte de trás das minhas coxas. Ouço sussurros entre as pessoas ao redor da piscina.

— Largue-me seu animal maligno! — berro.

Está me raptando pela segunda vez, sem drogas na bebida. Começa a se mover. Volto a cabeça para trás e para o lado, tiro os cabelos da frente e procuro o guarda-costas.

— Greg, seu maldito! Vou demitir você! — aviso à medida que a piscina vai ficando cada vez mais distante.

Adentramos o hotel pela lateral, mesmo não vendo, sinto a atenção negativa. Os funcionários devem estar se perguntando por que uma mulher de biquíni, com a bunda para cima, está sendo carregada pelo proprietário. A fofoca vai rolar solta. Não sei se a cena é pior para mim ou para ele. Um é um milionário com reputação de homem sério de negócios e a outra está adentrando no mundo de socialites. É a espécie de notícia que adoram publicar. Se a família descobrir sobre isso, estou perdida Quando as portas do elevador se fecham, paro de lutar fisicamente.

— Babaca das cavernas.

No terceiro andar, as portas se abrem e alguém sobe. Sou cuidadosamente pousada e estremeço quando meus pés tocam o piso frio. O companheiro de elevador é um senhor idoso que não desvia dos meus seios. O cavalheiro galante, que rouba senhoritas seminuas, cobre-me com o paletó.

— Cuide bem dela, rapaz. — o idoso diz, dando tapinhas no peitoral do outro, e salta para fora no vigésimo segundo andar.

É a gota d’água que faltava para transbordar o copo da minha degradação. Ataco a perna dele, ele não cai. Dou um soco na cara e ele desvia. Tento chutar entre as pernas, ele me rodopia, segura meus pulsos e me comprime contra a parede fria. Tudo está se repetindo e traio a mim mesma. Amon roça em meu pescoço e sinto um arrepio que percorre o corpo.

— Meu sangue queima quando você fica selvagem.

Ele dá suaves beijos e vai subindo, morde o canto da minha orelha. As reações de nossos corpos falam por si próprias. Esqueço tudo, o desejo me possui. Sinto o desejo dele também. O corpo pressiona o meu cada vez mais.

Tudo esquenta em uma onda inebriante.

Chega assolador aos meus lábios, eu correspondo. Deixo que faça o que quiser comigo. Dou-me por vencida, sou toda dele. E ele sabe. Explora minha boca com um ardor desesperado. Pressinto que virá algo mais. Preciso que venha algo mais, numa fome urgente. As portas do elevador se abrem. Apanha o paletó caído e o põe sobre mim novamente. Me segura pelos ombros e me guia pelo corredor.

— Não precisa se ressentir pelo ontem. Viva o agora... — segreda em meu ouvido com a voz de cantor romântico.

Sento-me no sofá e aguardo enquanto tira a camisa. Exibe-me o físico perfeito que já imaginava que teria, bem oculto debaixo de terno e gravata. Por que não me tortura logo com ácido ou me joga numa vala? Faz um interrogatório rápido sobre ontem e me libera com um “até mais tarde”, depois de pedir que avisassem ao meu futuro ex-guarda-costas que trouxesse meus pertences. Preferia que ele voltasse a ser estátua do que se empenhasse em não me mostrar o ar de riso.

— Se der uma palavra, Gregory, eu corto a sua língua.

Capítulo 7

Procuro esquecer completamente o que se passou, mas não consigo tirar de mim a sensação do beijo. E que beijo! Confesso que jamais provei algo parecido. Queria devorá-lo. Apesar de tudo que me fez, de como me provoca, não o odeio. Deveria odiar a mim mesma por cair nos joguinhos do rei dos cafajestes. Quantas “máscaras” ele irá utilizar comigo? Uma coisa agora é fato: esse homem me deu um nome e estou aceitando tudo que vem com ele, seja a família, o dinheiro ou os sentimentos. Lidar com o que o meu “contratante” está fazendo comigo é mais difícil do que lidar com a máfia. Entendo porque seja tão temido.

Tenho ainda algum tempo até que o guarda-costas venha me buscar. Arrumei-me cedo, ansiosa demais para a minha sonhada noite entre celebridades. Encaixo os fones aos ouvidos.

Let’s go girls!

Come on!

Ouço a música da Shania Twain, *Man! I Feel Like a Woman*. Cabelo e maquiagem estão feitos por profissionais. Batom leve, olhar delineado e sombra cinza, prata e branca. Os cabelos estão ondulados, presos para trás e caindo em cascatas. A franja, criteriosamente atada de lado por uma presilha graciosa de sutis brilhantes. O vestido escolhido para a noite é um vermelho com corselete e de estilo sereia. Da parte exatamente abaixo dos seios até a cintura e seguindo a parte de trás até o fim da cauda, que não chega a arrastar no chão, é trabalhado em pedraria no tecido grafite. Brincos e uma gargantilha fina completam o visual e trazem um charme. É quase como estar indo para a entrega do Oscar. “E o prêmio de melhor atriz mafiosa vai para: Felìcita Del Vecchio”.

Sou uma espécie de noiva em trajes de cores pouco usuais. Talvez a noiva de um vampiro? Nunca me senti tão arrasadora e perfeita. Faço do celular o meu microfone.

I’m going out tonight

I'm feelin' alright

Gonna let it all hang out…

Deixo-me levar e danço aqui mesmo em frente ao espelho. Aumento o volume até o máximo. Canto alto.

[...] *No inhibitions*

Make no conditions
Get a little outta line
I ain't gonna act politically correct
I only wanna have a good time…

É a trilha sonora perfeita. Fecho os olhos e faço do quarto o meu palco, andando e dançando ainda mais.

[…] *Oh oh oh oh*
Go totally crazy,
Forget I'm a lady
Men's shirts, short skirts
Oh oh oh oh
Really go wild, yeah
Doin' it in style
Oh oh oh oh
Get in the action
Feel the attraction
Color my hair, do what I dare
Oh oh oh oh
I wanna be free, yeah
To feel the way I feel
Man! I feel like a woman…

Pronuncio o final do refrão esbanjando toda a sensualidade presa que quer se libertar e encontrar o par. Oh, não! A compreensão profunda acerca de algo louco brota mais uma vez. É a pior coisa que eu poderia compreender. Estou completa e perdidamente apaixonada! Paro imediatamente e retiro os fones. Encaro meu reflexo no espelho.

— Não. Sua estúpida! Esqueça. Termine o que tem que fazer e vá embora, antes que seja tarde... — aconselho a mim mesma, sabendo que raramente sigo meus próprios alertas.

Talvez minhas amigas estejam certas e eu tenha dedo ruim para homens. Dedo péssimo. Deve ser carma. Se fosse um milionário normal, tudo bem. Quem não quer um milionário gato? Contudo, ele é o Scorpion. Que futuro me aguardaria nutrindo sentimentos por ele? Evitarei contato visual e outros tipos de contato a qualquer custo, pensarei só no essencial. O essencial agora é uma *selfie* de diva!

Esperar é complicado, os minutos se arrastam. Resolvo ficar plantada na porta, quando me surpreendo com um Amon deslumbrante na sala.

— Você está encantadora esta noite. — declara.

— Há quanto tempo você está aqui?!

Será que ele escutou minha *performance*? É um vexame maior que o outro. O azar está me perseguindo. Não há como alguém ver tanto do mais ridículo de mim e fingir que não viu. Já basta a cena incrivelmente depressiva no bar por causa de Aiden, a do Titanic, a do cartão de memória e a do elevador. Não precisamos acrescentar mais nada.

— Acabei de chegar. Serei seu acompanhante.

— Não, não pode.

— É de suma importância que eu vá nesta festa. Possivelmente alguém bastante notável estará lá. — afirma, deixando transparecer o aspecto *business*.

— Quem?

— Lembra-se da sua aposta de cinquenta milhões?

— Lembro. Você está me devendo quatrocentos e cinquenta. Não aceito cheques. — brinco, estendendo a mão para receber o dinheiro.

— Pois é. Muitos veem aquilo como entretenimento, eu vejo como uma audaciosa fonte de captação de recursos. Infringimos as regras deles e eles descobriram. Eu não fui informado, mas eles fazem verificação de identidade por webcam durante login, para garantir que apenas membros apostem. O Wolf está aqui em Nova Jersey. Ele virá até nós para conversar e a festa de hoje é um lugar ideal.

— Wolf? Não estou entendo nada. Quem são “eles”?

— “Eles” são pessoas como nós, espalhadas pelo mundo. Pense neles como sócios seletos de um grupo de apostas. Wolf é o responsável por todo o sistema, quem nos reúne e controla as apostas. Eu não sei quem ele é.

— E você só me diz isso agora? — questiono, atônita com a revelação.

— Não se preocupe. Se ele aparecer, na pior das hipóteses, será para dizer que não receberei o dinheiro e que você não faça isso novamente. É muito possível que ele lhe parabenize e permita que você continue apostando. Em todo caso, não é uma ameaça. Mas estarei presente.

A situação não poderia ser mais complexa do que isso. Um criminoso de apostas ilegais internacionais que não vai fazer nada?

— Tudo bem. — aceito a companhia, relutante.

— O Wolf não vai fazer nada. Dê folga ao careca, ou ele interpretará isso como medo.

— O quê?! E se me atacarem? É você quem me defenderá, Bruce Wayne?

— É. Ele será só mais um convidado. Vamos aproveitar a festa. Só quis

explicar para que você não tenha reações inesperadas.

As dúvidas sobre Amon Cavanagh só crescem. Ele é mesmo o Bruce Wayne para não precisar de seguranças em um ramo tão “turbulento” ou está apenas blefando? Amaldiçoo-o por me meter em tudo isso. O coração bate acelerado. Respiro fundo e procuro assimilar o que está acontecendo. Aos poucos vou relaxando e organizando os pensamentos. Ele está plenamente convicto do que diz. Não morreremos hoje, nisso confio. Se esse tal de Wolf quisesse, já teria me matado. Se eu não for à festa, nada impede que ele venha até mim. É melhor ir à festa. E é isto, continuo em queda livre no poço sem fundo do crime e enfrentarei o chefão das apostas. Que venha o que vier.

O percurso felizmente é curto, não há como suportar muito mais estar sozinha com ele, tão lindo e elegante. Sou preenchida por uma sensação de desconforto sufocante. O silêncio me deixa embaraçada, pois abre espaço para a imaginação.

— Então... Há quanto tempo você está trabalhando no seu projeto?

Os traços do rosto sério esboçam a vaidade, tenho certeza. É quase imperceptível, mas está ali, escondida atrás das curvas de um sorriso. É a coisa mais importante de sua vida, definitivamente. Começo a me interessar de verdade pela estruturação do projeto faraônico.

— Cinco anos.

— E como funciona? Como você espalha esta sua influência em tantos lugares?

— Pode-se dizer que é como no Império Romano. Dividir e conquistar, assimilar o melhor de cada povo, nomear representantes confiáveis, doutrinar o meu exército e promover a minha imagem. Maquiavel disse que o ideal é ser amado e temido. Se não puder ser ambos, que seja temido.

— É o que quer? Ser temido?

— No fundo todos nós queremos ser amados e temidos. Mas prefiro não ser temido por você.

Espanto-me. Ele prefere ser amado por mim. Isso foi uma indireta? Pare de falar por enigmas e seja direto! Viro-me para o vidro da janela e observo as construções que passam como manchas e são rapidamente deixadas para trás. A conversa estável e despretensiosa morreu.

Amon para o carro atrás de uma fila de outros que também chegam e arremessa a chave para o manobrista. Abre a porta para mim e me oferece o braço, que pego com um sorriso de pura cortesia quando vejo que existem fotógrafos. Repasso em minha mente instruções básicas: a) não ataque a comida,

b) não beba mais que duas taças, c) não peça autógrafos, d) não pergunte sobre a vida pessoal de ninguém e a recentemente adicionada e) não procure pelo Wolf.

A casa do filho do senador Westbrook tem um design no mínimo peculiar, já vi em um especial de TV. Foi desenhada por um arquiteto de muita inspiração. O gramado é verde e cheio de palmeiras, transportando-nos para um cenário "Miami". As paredes do térreo são de vidro e é quase toda aberta, metade redonda e metade quadrada, não tem uma forma definida. Luzes roxas e azuis estão distribuídas na área coberta da piscina, onde parece ter certa concentração de pessoas. É tudo um luxo.

Dentro, o lugar é bastante amplo, tendo um devido salão de festas, com mesas em espaços reservados, buffet, bar e garçons. O modo como tudo é dividido faz parecer que são várias festas diferentes em uma só, abrangendo todos os gostos de convidados tão diversificados. Há os políticos tradicionais, atores, jornalistas famosos e gente que provavelmente patrocina as campanhas do senador. Esse último é um homem na casa dos cinquenta anos, de óculos antiquados e cabelos grisalhos. No instante em que nos vê, vem em nossa direção.

— Senhorita Del Vecchio, é uma honra termos sua presença esta noite. — ele diz polidamente e beija minha mão.

Pela maneira como se porta, a postura tensa e o baixar dos olhos para mim, entendo que sabe dos meus negócios e que me deve favores. Nesse momento sinto que sou o Don Corleone e que ele vai me chamar de "padrinho". Ou madrinha.

— A honra é toda minha, senador Westbrook.

— Senhor Cavanagh, bem vindo. — apertam as mãos.

Amon me arrasta de um lado para o outro pelo braço, apresentando-me a dezenas de pessoas enquanto beberica seu uísque. Não é que seja chato, sei que é pertinente ter boas conexões, porém me arrependo de estar com ele, não me solta para que eu procure as celebridades e pessoas interessantes. Vejo o Chris West passando, porém nada do meu acompanhante se mover quando faço menção de ir até o ator. Viro uma taça de champanhe e alguém toca em meu braço. É Giovanni, com a cara de sempre e um perfume tão forte que me dá náuseas. Chance!

— Primo Giovanni, querido. — cumprimento, trocando o braço de um pelo do outro.

O primo me dá a conhecida checada de corpo inteiro, mas não me incomodo, vale a pena para me livrar das garras do *businessman*.

— Vamos ali até o bar. — sugiro e saio puxando-o pelo braço. É bastante “móvel”, como carregar uma mala.

Saio em disparada, quero ver tudo. Viro outra taça de champanhe. E ainda mais uma. Começo a papear com Darrel Conner, um produtor de cinema que produzirá um novo filme sobre viagem no tempo e tento causar boa impressão. Giovanni é até bom em dialogar com os convidados, é alegre e experiente em festas como essa. Noto Teresa Hines toda sorridente entre o grupo de políticos, mistura-se muito bem. Ela nos cumprimenta amavelmente e volta para suas relações diplomáticas. É muito discreta, percebo que meu segredo está seguro.

Por vezes analiso as pessoas em volta, mas não vejo ninguém realmente suspeito. Talvez o Wolf não tenha vindo. No salão maior, casais dançam e meu primo, precipitadamente, guia-me até lá. Inicia-se uma música lenta. Não gosto disso, não gosto do cheiro dele, do rosto perto demais do meu e, principalmente, da mão dele que vai descendo pelas minhas costas. Se antes da música acabar ele tentar alguma coisa, sofrerá um golpe na perna que o deixará manco por um mês.

— Você é muito bonita, Felìcita. Não te doem as pernas? — ele murmura em meu ouvido.

— Não, por quê? — pergunto, prevendo escutar algo patético como resposta.

— Porque você foge dos meus sonhos à noite. Desde ontem penso muito em você. Gosto do seu jeito. Faríamos um belo casal, não acha?

Amon pega firme meu pulso e interrompe a dança. Esquivo-me e ele me puxa novamente, encara o meu parceiro de dança com tanta intensidade que penso que irá matá-lo só com o olhar. O rosto de Giovanni fica branco como papel e ele foge como o rato foge do gato. Eu poderia rir se o meu salvador não começasse a dançar comigo, de forma tão íntima. A simples proximidade me desperta e me fascina. Encosto a cabeça em seu peito e o deixo me guiar em passos vagarosos.

— Amon? — chamo em voz rouca.

— Humm?

— Você estava com ciúmes?

— Muito.

Afasto-me um pouco. Detecto todos os indícios do clima ideal para o beijo mais romântico e sublime da minha vida. Seus olhos parecem duas estrelas douradas que me iluminam por dentro. Eu o quero, seja homem de negócios, sociopata, borderline, sequestrador, cavalheiro, criminoso, cafajeste ou romântico. Eu o amo. Ele inclina-se, ambicionando minha boca.

— Preciso retocar a maquiagem. — ponho o indicador entre nossos lábios e afasto os dele.

Caminho às pressas para o toalete. Causar ciúmes no cara que eu gosto, numa festa, é algo que não faço desde os quinze anos. Tinha me esquecido como funcionava bem. Quase ponho a perder meu plano de evitá-lo. Se me beijar novamente, não conseguirei partir, mesmo que só me veja como divertimento e uma peça do seu plano. Onde está minha dignidade quando preciso dela? Saio e me sinto perdida, atordoada com a possibilidade de amar alguém tão... Não tenho palavras para descrevê-lo. Não posso amá-lo.

Sento-me em um banco próximo ao jardim, com uma nova taça de champanhe. A festa já não parece mais tão incrível quanto antes. Foi uma má ideia ter vindo. Foi uma má ideia ter aceitado tudo isso, mas nada de lamentações. Felìcita não se lamenta, mantém a pose até o fim. Percebo um homem a alguns metros que me observa atentamente. Não está flertando, tem a expressão introspectiva. Ele me sonda e eu o sondo de volta. É o Wolf, não há duvidas. Tem intenção de vir até mim.

— Oi.

Chris West se senta ao meu lado. O homem escuso não está mais aqui, desaparece como um fantasma. O galã de Hollywood também já não se apresenta interessante e atrativo como imaginei que seria, parece melhor nas telas. É só mais um e eu só penso em Amon Cavanagh. E no Wolf. O sonhado encontro com o ídolo de todas as garotas é somente mais um detalhe da noite.

— Este é um evento social chato promovido pelo meu pai. — segreda — A verdadeira festa, realizarei num clube mais tarde. Está convidada, princesa. Posso ficar um tempo com você.

Pisca para mim. Dá-me a sensação de que é um “Aiden número 2”. Tenho algo mais significativo a resolver. Pego suavemente em seu queixo com pele de bebê.

— Você não faz o meu tipo. — digo, olhando em seus olhos, e saio.

Volto para o salão, distribuindo simpatia enquanto desvio das pessoas. Sei que Wolf está me seguindo. Encontro meu acompanhante cercado de prováveis modelos, que estão se jogando em cima dele com tudo que têm. Tomo seu braço e assumo a postura “parem, vadias, ele é meu”. Toda mulher decifra esses sinais, então elas começam a se mover como gazelas, indo embora. Ele ri da atitude, até que apreende o meu olhar apontando para o canto onde o chefão das apostas se situa.

Poderia ser só mais um entre os convidados, porém Amon entende tanto

quanto eu que ele não é exatamente normal. Tem uma elegância sobrenatural e uma aura intensa, como se o ar ao seu redor fosse diferente. Usa um terno preto *slim*, o corte rente ao corpo define bem seu biótipo relativamente alto e magro. O prendedor de gravatas e as abotoaduras antiquadas dão um contraste harmônico ao visual. Isso me diz que é sofisticado e ousado, porém não dispensa regularidade e conservadorismo. Pelo rosto de feições sérias e linhas ora duras, ora delicadas, concluo que seja austríaco, russo ou tcheco. Ele sobe as escadas espiraladas e nós o seguimos despojadamente, mantendo distância.

Uma das portas no corredor está entreaberta. Entramos e a trancamos. Minha vida mais do que nunca parece uma produção de ação e suspense. O estranho desabotoa o paletó e se senta à beirada da cama. Partilhamos um longo silêncio, estudando-nos uns aos outros, até que ele fala.

— Boa noite. Chamo-me Kirill Aksakov. Sabem quem sou e porque estou aqui, creio.

Tem sotaque russo.

— Veio me parabenizar pelos meus ganhos, não? — tomo a iniciativa de enfrentá-lo de frente. Não me esconderei atrás de ninguém.

— Claro. Felìcita Del Vecchio... Uma mulher sagaz e travessa. Graciosa e astuta como um lince. Aquilo foi realmente incomum. Sorte não seria o suficiente para uma aposta como aquela. — olha de esguelha para o outro e prossegue — Confesso que fiquei ansioso para conhecer os dois. Tenho grande curiosidade em saber até onde chegarão, por isso estou deixando um presente.

Tira do bolso uma caixinha dourada, decorada com fita vermelha, e a põe sobre o colchão.

— Tem certeza, Aksakov? — indaga Amon, no usual tom afiado de negócios — Se um rei transforma cavalos em torres, ele pode entrar em xeque num instante.

— O que seria do jogo sem um adversário que possamos chamar de rival? Aguardo avidamente o próximo movimento. Apenas respeitem as regras.

Kirill Aksakov sai. Imediatamente tranco a porta e encaro o lunático na minha frente, que pega a caixinha e deposita em minhas mãos. O sorriso malicioso estampa sua face.

— Só abra quando tiver absoluta certeza. — comenta.

— Eu entendi errado ou você acabou de me meter no seu desafio ao “Rei do Crime”? Isso tudo já foi longe demais!

Ignoro o conselho e abro a caixa sem rodeios. Há um anel de ouro de mau gosto e um pen drive.

— E o que é isso agora? Eu acabei de entrar para a Liga do Mal? Para o Sindicato do Crime? Explique-se!

Ainda com o sorriso malicioso, chega perto. Muito perto. Estamos sozinhos em um quarto trancado. Apreender isso faz cada parte minha vibrar no timbre da luxúria, ainda sob os efeitos da explosão de adrenalina. O meu corpo já não me pertence mais. Eu o quero. Eu quero Amon Cavanagh mais que qualquer outra coisa. Ele parece ler os meus pensamentos. Beijo-o com ardor e paixão. Começo a tirar o seu paletó, mas desisto, recuo. Recobro os sentidos, isso não pode acontecer. Porém é tarde demais.

Puxa-me para si novamente. Não conseguirei parar a nós dois agora. Alcanço seu dedo mindinho e o quebro. Ouço o estralo seco.

— Eu quero... — interrompe-me com um beijo.

Tenho a sensação que estou em chamas. Não existe mais nada, apenas este momento. Baixa o zíper do meu vestido, e o retira com facilidade. Explora minhas partes mais íntimas, conduzindo-me até a cama.

— O quê? O que você quer? — sussurra, entre beijos que vão descendo pelo meu ventre e me fazendo arquejar.

— Você...

Capítulo 8

Dizem que pela paixão se faz grandes loucuras, ela é como o fogo que tudo consome até se extinguir. As paixões são estados passageiros de uma embriaguez sem álcool. O amor é bem mais perigoso, ele próprio é a loucura. Para mim ele é como a água, se adapta, muda de forma, ferve, jorra, cruza obstáculos e no final está sempre ali. Mesmo que escorra pelas nossas mãos, queremos pegar essa água. Sacia nossa sede, porém sempre precisaremos de mais dela para continuar vivendo, faz parte de nós, diferentemente da paixão que queima e se vai.

Queimei-me em um grande incêndio, mas a chama não se apagou. O que sinto por Amon Cavanagh é a embriaguez da paixão e a sede do amor. Ele continua ocupando minha mente, é o dono dos meus pensamentos. Ontem foi o amante intenso e apaixonado, hoje é o contratante que envia uma mensagem de texto formal avisando que estará fora nos próximos dias. Parece que foi redigida por uma secretária. Mas o que eu deveria esperar? Sou apenas uma peça no jogo de xadrez dele, um nome num quadradinho azul entre dezenas de outros.

Ainda não sei se o que fiz foi certo ou errado, realmente não existe um limite definido entre um e outro. Questiono os valores que eu tinha. O que sei é que ainda o quero, não apenas para saciar os meus desejos em uma noite. Quero que ele seja meu e diga que me ama. Talvez seja pelo risco, pela sua imprevisibilidade ou o seu charme de criminoso. Ou talvez ele tenha planejado tudo desde o início. Plantou em mim esses sentimentos para que eu não abandonasse o seu projeto. Faz de mim uma prisioneira livre. Enlaça-me com correntes invisíveis, frágeis, mas que não se quebram facilmente. Não consigo arrancá-las de mim e não quero ser mais uma de uma só noite, contudo nada posso fazer. Ele é uma força da natureza, a água que escorre entre minhas mãos. Devo apenas seguir o seu curso?

Ele deve cumprir o acordo e me dar o que eu quiser, já que quebrei o seu dedo. Obviamente não levou a sério quando eu fui levada a dizer que o queria. Ele provocou isso. Pedirei para que nunca mais me procure e que me dê um novo nome para recomeçar em algum lugar bem distante. A quem eu estou tentando enganar? Não entendo o motivo, mas o meu interior me diz que vou segui-lo até o fundo do poço sem fundo, seja do crime ou do que for. Não ficarei lastimando, Felìcita não perde para homem nenhum. Nem para o Scorpion. Serei a mulher mais incrível do mundo e o farei perceber que não pode viver sem mim. Definitivamente não sou a “garota de um fica na festa”. Eu até dispensei o Chris West. Este deve ser o tipo de amor de filmes de romance, que nasce tão rápido que não se percebe, quando o descobrimos já nos domina.

Se existe algo que se possa aprender com tudo isso é que herdeiras da máfia também amam. A diferença é que elas têm uma diversidade de outros assuntos também complicados a tratar. Atendo ao chamado de tia Adalina e dirijo até uma cafeteria, seguindo as direções do GPS. Qualquer outro membro da família receberia uma resposta negativa, porém a senhora conquistou meu respeito. Fico contente em sair do hotel e me distrair um pouco, esquecer as emoções que me agitam.

A cafeteria não parece um cenário escolhido por Adalina para um

encontro. Fica em um lugar movimentado, tem uma decoração bastante agradável e contemporânea. Vejo a mulher sentada em uma das mesinhas, imagino que não esteja confortável. Como eu previa, Rebecca está ao seu lado e é a provável responsável pelo encontro, trazendo a outra por receio que eu não viesse. Refletindo melhor, nenhum Del Vecchio entraria no hotel do Scorpion, eles precisam que eu saia do território inimigo. Faz sentido e minha prima é esperta.

Por coincidência, estamos ambas de vestido branco. Começo a suspeitar que anda me copiando, não é possível que tenhamos gostos tão similares. Quando me vê, levanta-se e me dá um abraço amigável. Sinto que é verdadeiro, assim como o abraço da tia. Greg se senta conosco e percebo os olhares da jovem em sua direção. Ela está muito interessada, detecto todos os sinais, mexe nos cabelos, toca o rosto, cruza as pernas. Mais do que isso só se disser “gato, olha pra mim, estou aqui disponível”. Contenho uma risada.

A atendente, uma garota enérgica e esguia de avental laranja, anota nossos pedidos e rapidamente traz o meu cappuccino gelado. O guarda-costas não merece nada, ainda estou chateada por não ter me protegido quando deveria.

A tia conserva traços de uma beleza taciturna, exibindo características que vem com a idade e a sabedoria, como as de Tess. É outra senhora do chá beneficente, com um conjunto azul e branco que valoriza suas formas nos lugares certos. Ninguém veria este como um encontro entre três mafiosas, somente três mulheres bebendo e conversando. Aprecio o cappuccino enquanto jogamos conversa fora. Compreendo que não entrarão no tópico central enquanto Greg estiver presente. Indico-lhe uma mesa do lado de fora da cafeteria. As duas não me farão nada, julgo-as confiáveis o suficiente. Digo “o suficiente”, pois nenhum Del Vecchio é confiável.

— Então, sobre o que queria conversar, Rebecca? — questiono.

Ela se surpreende com minha dedução de que é ela e não a tia que quer me dizer algo, porém logo se recompõe. Gosta de manter a expressão solícita sempre que pode, é o que faz dela boa negociadora.

— Jonathan Marshall. — anuncia ela — Ele é um dos detetives que trabalha conosco, facilitando nossas manobras aqui em Trenton. É da Narcóticos. Ontem ele disse ao Viktor que não aceitaria o pagamento de sempre, que quer o dobro. Disse que quer conversar com nossa nova “representante” ou não trabalhará mais conosco e nos exporá, mas não tem provas, por enquanto. Em todo caso, precisamos dele esta noite, sairá uma carga importante para Nova York. Não temos tempo de substituí-lo.

— E você sugere que eu, pessoalmente, ponha o Marshall no lugar dele?

— É. Assim passa de uma vez a mensagem de que não estamos fracos para os demais que tentem se rebelar aproveitando a falsa oportunidade. Como você disse, precisamos de disciplina. E quem melhor para pôr ordem na casa?

O que a prima me pede é algo que vai além de ameaçar membros de gangue local. Intimidar um policial corrupto exige mais do que simples pressão psicológica barata, contudo não posso recusar. Procuro fazer uma cara de tédio. Espera-se que eu seja inabalável e esteja "acima da lei". Tenho que improvisar, ser quem esperam que eu seja, ultrapassar de vez as fronteiras.

— Marque um encontro com o Marshall, naquele parque de diversões a duas quadras daqui. Diga que estarei lá às quatro. — determino em meu novo tom *business*, que começa a sair de maneira natural.

A outra concorda com a minha escolha, se sabe que só vi isso em filmes, não demonstra. Apenas parece uma criança, animada com a expectativa de ir também e ver chutarem a bunda do detetive.

— Você não irá comigo, Rebecca. Farei isso do meu modo e nem preciso dizer para que ninguém mais saiba desse encontro. Entendido?

— Tudo bem.

Percebo a decepção, porém não irá discutir comigo sobre isso, sabe que não vencerá e quer ser meu futuro braço direito, tenho certeza. É só uma jovem, mas uma que enxerga longe e almeja quanto sucesso for possível. É como um elemento químico que, se manuseado sem a devida atenção, explodirá um prédio inteiro. Farei dela minha melhor amiga.

— Espere por mim lá fora, querida. Quero falar em particular com Felìcita. — a senhora diz.

A aspirante a braço direito solta uma breve expressão de insolência e insubordinação, dá uma leve bufada. Entretanto, sai a passos largos e se junta ao guarda-costas na mesa da calçada. Observo-os por um tempo através do vidro, até que volto minha atenção para Adalina. Não esperava que quisesse realmente falar comigo. Examinamo-nos longamente. Estou ficando acostumada com o gesto mafioso. Ela põe os cotovelos sobre a mesa e apoia a cabeça nas mãos entrelaçadas. Tenho a inusitada sensação de que receberei a bronca de uma mãe.

— Vi uma foto sua na internet, em companhia do Sr. Cavanagh. "Solteiro cobiçado e jovem herdeira chegam juntos em festa", era a matéria. Pelo que ouvi vocês parecem bastante próximos. Sei o que você está tentando fazer. — murmura.

Nem mesmo atores iniciantes mandam no coração quando se trata de amor.

Amon surge novamente em meus pensamentos conflituosos. Procuro não deixar a máscara cair, mas os olhos me traem. São os únicos que revelam a verdade quando todo o restante do corpo mente. Adalina apreende isso tão bem ou até melhor do que eu. Permaneço muda, como uma discípula da estátua Gregory. Se falar agora, as emoções ecoarão em minha voz.

— É uma tentativa válida. Conquistar um homem poderoso como ele nos traria grandes vantagens. Isso nos salvaria de um confronto que nos destroçaria. — põe a mão gélida sobre a minha — Não estou julgando, filha. Se eu fosse você certamente faria o mesmo. Mas a vida me ensinou que quanto mais uma mulher tenta envolver um homem, mais envolvida ela fica. Acaba tecendo uma teia de ilusões enquanto o vê sorrindo. Quando ele tem o que quer e a vê presa em sua própria teia, esmaga-a como um inseto. Ele é esse tipo de homem. Não seja um inseto, Felìcita.

Suas palavras realistas são como uma bofetada na minha cara. Trazem-me de volta a delicada posição de peça de um tabuleiro de xadrez, facilmente manipulada pelas mãos do Scorpion. Fico irritada, não com ela e sim comigo mesma e com ele.

— Tia, eu... — tento me explicar.

— Não precisa mentir. A juventude é a juventude, apesar de tudo. Quando você tiver o que precisa dele, deixe-o. É o melhor conselho que posso... — a frase é interrompida por um estrondo e o estilhaçar dos vidros da cafeteria.

O carro preto foge em disparada, vejo Greg e Rebecca abaixados. Ele a protege com o próprio corpo. Corro até eles, com os joelhos trêmulos, passando pelos fragmentos do vidro. Inspiro fundo, após constatar que ninguém se feriu. A única com a consciência necessária para lidar com situações como essa é Adalina, que me adverte para ir embora antes que os assassinos retornem. O entendimento só chega depois. Tentaram me matar e Rebecca era o alvo errado.

Faço um esforço para não ceder ao pânico. Pego as chaves na bolsa e com a respiração entrecortada entro no carro. Greg, no banco ao lado, está em alerta constante enquanto mantenho a atenção no volante. As mãos começam a formigar.

— Eles estão vindo. — avisa.

O tom calmo que utiliza me deixa ainda mais nervosa. Não é todo dia que faço perseguições de carro. Eles não deveriam ser mais discretos? Avisto pelo espelho retrovisor a BMW preta que se aproxima. Sinto o sangue fugindo de minha face. Meu coração quer sair pela boca. Piso fundo no acelerador, minha vida depende disso. Uso a calçada para evitar os carros estacionados pela rua

estreita. Faço uma curva fechada, entro na contramão. Pedestres desviam, ultrapasso carros por todos os lados, ignoro completamente as leis de trânsito. As aulas de direção segura são somente uma vaga lembrança de um passado remoto. Causarei um acidente a qualquer minuto. Passo o sinal vermelho, veículos se chocam atrás de mim.

Preciso muito de um dublê, porém aqui não é o cinema. Tenho um frio na barriga, os músculos estão tensos, a visão fica turva e continuo dirigindo como louca. Se eu não morrer hoje, contratarei um motorista. A pista vai ficando mais larga conforme pego a entrada para a via expressa e ganhamos mais velocidade. Sem pedir permissão, o filme da minha vida passa diante de mim, como se estivesse em câmera lenta. Minha vida começa no bar, quando vejo o homem sedutor pedindo um *Dry Martini*. Em seguida vejo tão somente as imagens pelos olhos da Felìcita. Essa é a minha vida e é essa mulher quem está em perigo. Ao encarar as coisas dessa forma, sou invadida por uma calma incomum, raciocinando com clareza.

— Você sabe o que fazer nestas ocasiões? — questiono meu parceiro.

Greg pega a pistola enquanto avanço por um cruzamento. O semblante dele é o de quem sabe o que fazer. Rezo para que não esteja me enganando. A BMW continua se aproximando. Olho de relance e percebo o outro motorista com um braço para fora da janela. Ouço os disparos não muito distantes. Um deles quebra o meu retrovisor.

— Vá para o outro lado da pista! — vocifera o careca, entre os tiros que ele próprio começa a propelir contra o perseguidor. Acho que tenta acertar um pneu.

Driblo um ônibus de turismo e faço como ele diz. O barulho de buzinas e de rodas toma os meus sentidos e me mantém focada. Alguém abre a porta de um carro estacionado, não consigo desviar. A porta é arrancada e num instante desaparece. O guarda-costas então sorri em vitória e, violando mais um sinal vermelho, verifico o porquê pelo espelho. A porta arremessada para longe atingiu o para-brisa da BMW. Subitamente, um caminhão que vinha pelo cruzamento colide com a lateral do carro do perseguidor. O impacto destrói inteiramente o carro e o lança a vários metros, até que o perco de vista.

Sirenes soam distantes, marcando o término da fuga alucinante. Rio de mim mesma, aliviada como quem é aprovado por pouco em matemática. Dou um soco de cumplicidade no ombro de Greg. Não morri ainda, contudo acredito que tantos picos de adrenalina possam diminuir minha expectativa de vida.

Tudo bem, o que um criminoso experiente faria agora? Devo me livrar do carro,

contatar o meu advogado, preparar uma defesa consistente e encontrar o culpado da tentativa de assassinato. E ainda tenho o problema do Marshall a resolver. Estarei bastante ocupada.

Paro a Ferrari em frente a uma loja de pets. Entrego as chaves a Greg para que faça o carro desaparecer. Chamo um táxi pelo celular e aguardo embaixo de um toldo da loja, protegendo-me do sol do verão. Duas crianças saem felizes com seus novos bichinhos, dois filhotes de cão pug, um de gravata borboleta e outro de laço cor de rosa. Gostaria de ser uma criança inocente e sair daqui feliz com um animalzinho também. Contudo, o tempo de levar uma rotina normal já se foi.

Contento-me em ter morrido na explosão do apartamento, não ver mais os meus parentes, não me formar na faculdade que pretendia e não dividir mais o apartamento com Amber e Emma. Mas o que o submundo tem reservado para mim? Sinto-me doente. “Doente da alma”, diria minha mãe.

•••

Sento-me no banco do parque de diversões. Assisto a movimentação de pessoas, o girar dos brinquedos, a venda do algodão doce. Escuto o eco de risadas e gritos infantis. Cores sortidas e alegres e o cheiro de pipoca predominam. Já não estou mais com medo. Dentro de mim só há monotonia, embora existam desafios cada vez maiores diante de mim.

Volto a pensar em Amon, agora com a cautela de alguém que necessita relatar fatos. Ele é alguém que não me pertence, é proibido. Mais do que o namorado da irmã ou o melhor amigo. Pego o celular e digito uma breve mensagem de texto. Quem sabe ele tenha algum sábio conselho de chefe do crime organizado.

“Tentaram me matar hoje. Houve tiros e uma perseguição de carro. Cuidei de tudo da melhor forma que consegui, mas não sou uma profissional. Espero que você volte logo”.

Apago a última parte e envio. Antes que possa guardar o celular dentro da bolsa, ele vibra. Rejeito a chamada quando espio um homem caminhando até mim. Está atrasado em dez minutos, acredita que está no controle. Falta apenas uma seta luminosa indicando que é ele. Tem um andar duro, óculos escuros que não ficam bem, especialmente neste horário, e barba bem cheia. Pela barriga, diria que abusa da cerveja e que não é, não foi e nem será um ágil policial que

defende cidadãos. Usa um chapéu na tentativa de esconder sua calvície precoce e identidade não secreta. Ele é ridículo, nota zero em disfarce. Se todos os caras da lei fossem como ele, a humanidade estaria condenada. Caso eu tivesse outra escolha, jamais o deixaria sequer com uma mínima participação em nossas "preciosas operações ilegais".

— Detetive Marshall, aqui! — berro, para quebrar a sua tolice pautada em nada.

Ele se assusta com minha provocação, como se houvesse uma ameaça de bomba no parque. Investiga ao redor. Ninguém se importará com o que fizermos nem parará sua diversão sem bons motivos. Senta-se no banco e relaxa os braços sobre o encosto alto, deixando à mostra nojentas manchas de suor na camisa. Permaneço com minha cara de tédio. O detetive quer passar a impressão de que é poderoso e astuto, mas não passa de um idiota. Será mais fácil do que eu esperava. O discurso que ensaiei em frente ao espelho durante quinze minutos servirá.

Não preciso que ele fale para saber exatamente o que se passa em sua cabeça calva. Sou somente uma garota, poderá pintar e bordar a partir de agora e não farei nada. Estou em suas mãos e os Del Vecchio não são nada com alguém como eu à frente deles.

— Queria falar comigo, então comece. Está desperdiçando o meu tempo, Jonathan. — digo, fitando a roda gigante dando voltas lentas.

Pela visão periférica percebo que faz o mesmo que eu, porém finjo melhor que estou confortável e despreocupada.

— Vou ser direto, bonitinha. Eu quero o triplo do que estão me dando para limpar a sujeira de vocês. Sabe, sou eu que estou com o meu na reta enquanto vocês vivem aí numa boa. Se me derem isso, talvez eu continue com vocês.

O celular vibra novamente. Rejeito a chamada. Viro-me para ele, que se vira também. Já quer o triplo, pensa que vencerá. Faz um gesto limpando os dentes com a língua. Inspeciono-o do modo que Tess e Adalina me inspecionam, com o olhar crítico. Arqueio uma sobrancelha. Ele torce os lábios em uma linha fina. Pressinto uma agressividade covarde nele, mais notável que a de Francesco. Ele desvia o olhar. Perdeu.

— Ou o quê? Irá frustrar os meus negócios? Acha que é insubstituível? Que pode nos levar à prisão? Pessoas como eu não caem facilmente, Jonathan. Já você é uma pena, carregada ao menor dos meus sopros...

Mais uma ligação interrompe meu monólogo. Ele me encara atônito e, em seguida, com ódio.

— Humm. Eu, uma pena? Carregada ao seu sopro? — rosna.

O detetive corrupto toma o celular de minhas mãos abruptamente e o arremessa em direção à multidão.

— Bom, Felìcita... — pronuncia meu nome com destaque e depreciação — Você tem duas opções: ou você aceita o que eu propus ou aguenta as consequências.

Fico em silêncio e apenas considero sua ameaça falsa com desprezo. Deixo transparecer o meu deboche.

— É melhor que comece a me levar a sério, senão farei um estrago tão grande que não restará um único familiar seu fora da cadeia. — afirma, apontando o dedo em minha cara, desafiando-me abertamente.

Tenho vontade de quebrar o dedo, mas não o farei. Estou perfeitamente controlada, mesmo que tenha perdido o celular. Capturada nesta torrente de acontecimentos nefastos, a última coisa que desejo é ter que lidar com esse sujeito. Meu dia já está ruim o bastante. A impaciência quer se apossar de mim. Começo a ter indícios de que tipo de pessoa eu sou. Maquiavel estava certo.

Será verdade também que somos produto do meio? Viver entre feras me torna uma fera? Talvez a maldade seja algo contagioso, um vírus que se espalha e nos subjuga. O que tenho em mim agora é só maldade a ser projetada contra o Marshall. Ele pagará caro por isso, não tenho dúvidas. A fúria sutil é rapidamente aplacada pelo autocontrole, sempre bem vindo. Volto ao discurso ensaiado.

— Você pensa que tem a vantagem, mas não tem. É apenas um moleque inconsequente tentando brincar com os grandes. Deixe-me esclarecer algo: os grandes não brincam. — pronuncio com forte entonação cada sílaba.

Ele leva um momento para entender que não receberá nem mais um centavo de minha parte. Parece ter uma resposta na ponta da língua, porém não permito que as revele.

— Eu não faço ameaças vazias. Sugiro que vá trabalhar agora. E que trabalhe bem. Do contrário me arrependerei de deixá-lo ir. — faço sinal para que vá embora.

Os seus dedos oleosos se fecharem em minha garganta, todavia não pressiona, não tem intenção de me machucar. Sabia que era só um estúpido ganancioso que teve uma ideia ruim. Sigo com os olhos a luz vermelha que dança pelo corpo dele até parar no peito. Ela também chama sua atenção e, instantaneamente, a tentativa de estrangulamento fictício se desfaz. A melhor parte é a expressão de surpresa e medo. Abro um sorriso impiedoso.

— Vadia traiçoeira. — insulta entre dentes.

— O que foi, Jonathan? Fiz o mesmo que você. Não vim sozinha. A diferença é que eu sei quem é o seu cara. — dou uns segundos, depois acrescento — É, sei que é aquele ali de verde, perto dos balões. Vocês estão na mira, mas não sabem de quem ou de quantos.

Ele olha para todos os lados, procurando. Está irremediavelmente derrotado. Assim que recuperar meu celular, ordenarei que Rebecca providencie uma surra que o deixe incapacitado por pelo menos dois dias, servirá como aviso aos demais “rebeldes”.

— Terá uma redução de trinta por cento em seus rendimentos a partir de agora. Boa tarde, Jonathan. — finalizo.

O outro sai com o rabo entre as pernas. Certamente não teremos mais problemas com ele. Ainda o considero um inútil, contudo aposto que tentará fazer o serviço direito. Vários minutos após a retirada estratégica do comparsa tão mal disfarçado quanto Marshall, Greg se senta no banco. Hoje está sendo bastante prestativo, não pediria um cúmplice melhor. Misturou-se bem entre as pessoas, apesar da cara de pedra habitual, e utilizou com excelência um simples chaveiro com laser. Eu quase acreditei, ele nem tremeu. Sucesso total.

A única perda desastrosa foi o celular com tão pouco uso. Meu cúmplice deposita os restos mortais do aparelho sobre a madeira do banco. Abriu com a queda e foi pisoteado. Avalio os danos e não recupero absolutamente nada. Felizmente fiz um *backup*. Mas essa questão fica para amanhã, quero apenas voltar ao Havere e visitar o SPA. Não me sentia tão cansada desde os treinos de educação física na escola. O dia de hoje não será esquecido enquanto eu respirar.

Capítulo 9

Estranha e impulsivamente, os pés me guiam até aqui. É o quarto dele. Vazio e envolto em sombras, que vão ficando para trás à medida que sigo o tênue brilho vindo da sacada. O que faço aqui, nem eu sei ao certo. Dou três passos pelo piso transparente, não mais que isso. Acho que é o meu máximo, o mais longe que posso chegar sem o apoio dele. Sinto as rajadas de vento em meu rosto e contemplo a lua. Não é a fase de lua cheia, ela é crescente e tem seu próprio

encanto. Parte luz e parte escuridão. Não sou do tipo melancólica, que aprecia a lua ou se permite refletir acerca de dúvidas filosóficas, porém comparo essa lua a Amon. O que vejo dele é a parte iluminada, o restante está oculto pela escuridão.

Como confiar em alguém tão profundo e tão raso? Alguém que só mostra a beleza e a ambição e esconde todo o resto. Pensar nele é dar voltas em círculo, não levará a lugar algum. Adalina está certa. Nunca estive tão confusa antes. Sempre fui a aluna na média, não me destacava em nada além de pequenas nerdices com a informática e devaneios. Sabia o que eu queria. Em que esse homem me transformou?

Considero os fatos que realmente importam no momento, descobrir quem tentou me matar. Por mais que queira culpar todos por tudo, apenas dois nomes se sobressaem: Marcus e Giovanni. Provavelmente foi o Giovanni, coisas vis como essas são o estilo dele. Percebeu que não conseguiria o poder através de mim e agora quer me tirar do caminho.

Volto para minha suíte, imersa em pensamentos sobre que medidas tomar em relação ao atentado. Minha porta está entreaberta, alguém ainda pode estar lá dentro. Enviaram mais um. Pelo visto, o hotel não é seguro. Um barulho abafado ecoa da sala. Não há como me esconder em um extenso corredor vazio. Não tenho nenhuma arma, nada que possa me defender. A mente trabalha insistentemente, procurando formular algo. “Use o corpo como arma e o elemento surpresa”, é a ideia extraordinária de cinco segundos. Apago a luz desta parte do corredor suavemente.

Escuto passos arrastados lá dentro, está vindo em minha direção. Encosto-me à parede, rente à porta, de modo que não fico em seu campo de visão. Não entendo o motivo, faço uma pose instintiva de karatê. Sei que isso não me faz uma lutadora, mas os gatos também não ficam maiores eriçando os pelos. As paredes do corredor parecem ir se fechando, diminuindo conforme aguardo impaciente a ação, com os músculos rijos. Sequer pisco os olhos, temendo perder a única chance. A porta se abre devagar. Atinjo sua perna, para que perca o equilíbrio, mas não é forte o suficiente. Não lhe afeta em nada. Segura meu braço. Seguro os dele e pressiono o meu salto agulha contra seu abdome com força. Um som tenebroso sai de sua garganta e me solta.

Entro em um grande dilema: correr ou continuar batendo até que fique impossibilitado e eu tenha uma fuga segura? *Correr!* Agarra-me novamente, impedindo que eu escape. Arranho o pescoço, mordo a mão e desvencilho-me. Encaixo seu braço sobre o meu ombro e tento impulsioná-lo para frente como pratiquei. Não funciona como eu pretendia, ele me joga também e caio por cima

dele. Os braços se apertam sobre mim e me imobilizam. É aí que reconheço o cheiro amadeirado e levemente cítrico que tanto gosto.

— Calma. Sou eu. — Amon exprime, com a voz rouca e baixa. Não se assemelha a sua voz habitual.

A imobilização se torna um abraço que me desarma. Paro de lutar e me deixo repousar sobre o seu corpo, acompanhando sua respiração irregular.

— Filho da puta! Você me assustou... — suspiro e solto as lágrimas acumuladas do dia, as que eu prometi não derramar em hipótese alguma.

É besteira ser emotiva agora, sei bem disso. Ele viu tanto do pior de mim que não me preocupo mais. Contudo, preocupo-me se minha maquiagem estiver toda borrada. Aninho minha cabeça em seu peito largo e ele descansa o queixo em minha cabeça, alisa meus cabelos. A maior contrariedade é que me sinto reconfortada e protegida nos braços do homem que me põe em risco constante. Queria continuar batendo nele. Ele não é humano. Sempre me leva ao excepcional.

— Sabe, você é bem durona pra uma garota tão pequena. Acho que supera o Chuck Norris.

Não consigo evitar dar uma risada.

— Não sou pequena, tenho altura normal. — ralho, fingindo que continuo chateada. Permaneço aninhada em seu peito — Se os outros criminosos soubessem que você apanhou de uma garota qualquer...

— Você não é uma garota qualquer. Quem mais usaria os saltos da forma que você usa?

— Não pedirei desculpas, foi você quem provocou tudo isso. — recrimino-me pelo comentário, e acrescento — Pensei que você só voltaria em alguns dias.

— Fiquei preocupado por você não me atender. Liguei para o careca e ele também não atendeu. Disseram-me que você não estava aqui. Precisava ver se estava bem, mas acho que está melhor do que eu.

Uma parte de mim tem aquela pontada de remorso e me faz querer ser perdoada. A outra só pensa “bem feito”.

— Eu deveria ter percebido antes que você curte sadismo, poderia ter trazido alguns brinquedinhos. — graceja.

Fico irritada. Levanto-me e me apoio propositalmente sobre o abdome machucado. Ele faz uma careta e me dou por satisfeita. Entro e Amon segue minhas passadas, querendo um relatório completo. Serve vinho para ambos e ouve atentamente cada palavra, mas algo em sua expressão me diz que está maquinando algo. Ele está diferente. Mais brando e menos *business*.

— Deve ter sido o Giovanni. Orgulho ferido leva os homens a atos extremos. — conclui.

— Também acredito que tenha sido ele.

— E o que você pretende fazer com o seu primo?

— Eu? — indago.

— Claro. Um de seus homens lhe traiu. Não existe respeito se não houver pulso firme.

— Não quero mais lidar com a máfia. — despejo finalmente as palavras que estavam me torturando. — Eu não levo jeito. Você escolheu a pessoa errada.

Meu enigmático contratante me avalia. Não compreendo os sinais nebulosos que seu rosto me passa, embora a confiança jamais deixe de ser visível. É isto que me frustra, não saber o que virá dele, o que esperar.

— Eu não costumo fazer escolhas erradas.

Pousa a taça sobre a mesa, senta-se ao meu lado e cobre minha mão com a sua. O orgulho me inunda quando me deparo com o mindinho e o anelar envoltos por faixas. Não parece que tenha se tratado no hospital. Ele próprio deve tê-los colocado de volta no lugar.

— Você se saiu muito bem hoje. Prometo que nenhum mal vai lhe acontecer. Vou proteger você. — diz e beija minha mão.

Tudo bem, ele está muito estranho. Talvez seja o gêmeo bonzinho ou levou uma pancada que danificou o cérebro que já não era muito saudável.

— E como vai me proteger se nem se protegeu direito de mim?

Abre o sorriso branco e malicioso que me confirma sua identidade de Amon Scorpion, o criminoso encantador.

— Eu não queria ferir você, então nem me defendi. Mas acredite, sou plenamente capaz.

— Se sabia que era eu, por que não me avisou que era você e não um assassino com sede de sangue?

— Adiantaria alguma coisa com você em modo “Chuck Norris”?

Lanço-lhe um olhar que não sai furioso como gostaria, pois gosto de sua personalidade relaxada e divertida.

— Eu deveria ficar aqui esta noite. Para lhe proteger.

Percebo onde está querendo chegar. O lascivo Amon Cavanagh começa a roçar os dedos em minhas coxas, produzindo uma reação em cadeia que me percorre da cabeça à ponta dos pés. Não sou como as garotas bobas dos romances, sei o que significa autocontrole. É uma questão de não ceder à tentação.

— Você se acha irresistível, mas você não é. É um manipulador de corações barato. — declaro.

Levanto-me do sofá e dou as costas, indo até as portas duplas do quarto. Quando constato que não se vai, detenho-me. Está poucos centímetros atrás de mim. Não me viro.

— Boa noite, Amon.

— Não sou um manipulador de corações. De mentes, quem sabe, mas não de corações. Nenhum homem, por mais que se esforce, pode entender de fato o coração de uma mulher. Menos ainda controlá-lo. Ontem você disse que me queria. — sussurra a última frase e sinto seu hálito quente de vinho em minha orelha.

— Queria, não quero mais. Quero distância. — replico, fazendo um movimento de ombro para afastá-lo.

— Mas eu já sou seu. E você já é minha. Não negue o que está acontecendo entre nós. O que sente quando nos tocamos e nos entregamos um ao outro. Você me divide e me completa.

Beija o meu pescoço, desliza a alça do meu vestido. Derreto-me. São as queimaduras de terceiro grau das chamas da paixão. Mas não me darei por vencida. “Autocontrole, autocontrole”, repito internamente. Inspiro profundamente, capto apenas o seu perfume cujo nome desconheço. Poderia ser Sedução Fatal, versão concentrada. Empenho-me em contar até dez.

— Sei que não faço as coisas da maneira correta. Não sou o cara bonzinho... — posiciona-se entre mim e as portas. Olha-me nos olhos, desta vez reconheço a expressão. — ...O príncipe ou o romântico em série, mas eu te amo.

A esta altura, não penso em nada além da sua boca na minha, o corpo dentro do meu.

— Que se foda o autocontrole. — murmuro e expulso qualquer sinal de raciocínio.

Livramo-nos apressadamente das roupas, espalhando-as numa trilha até a cama. Cedo às tentações deliciosas de suas mãos, sua língua, nossos corpos unidos em um ritmo lento e constante, depois frenético e avassalador, em meio aos gemidos de prazer mútuo.

Amon não me solta, conserva-se sobre mim e me fita como se ao nos separarmos ambos fôssemos quebrar não somente a nós mesmos, mas a nossa conexão. Queria congelar esse instante intenso, onde víamos somente um ao outro como somos, despidos de máscaras e adornos.

— Prometo que jamais terá uma unha quebrada por minha causa. Nunca

deixarei que ninguém a machuque.

Beija-me longa e profundamente. Não há vestígios do homem de negócios agora, apenas o amante em quem me aconchego para dormir, o que não consigo fazer. Estou encharcada de suor, entretanto, tenho receio de ir tomar banho e quando voltar ele não estar mais aqui. Ele também não dorme, observa-me. Predomina um silêncio constrangedor. Pondero se é adequado questioná-lo sobre suas ações criminosas.

— Pergunte. — ele diz, lendo-me como um livro.

Nem Adalina é perspicaz como Amon.

— Você... — vacilo, não sei se quero mesmo saber — Você matou a Felìcita?

A fisionomia era a mesma, tranquila, até contente.

— Não. Ela mora no Canadá. Quando era criança, adoeceu. Perdeu a visão e a audição. O Vincenzo a levou embora, antes que alguém descobrisse e tentasse algo contra o filho dele que acabava de assumir a família. Eles tinham muitos inimigos na época. Eu não matei nenhum Del Vecchio, só aproveito oportunidades.

— Acaba de subir no meu conceito.

Ele beija a minha testa.

— O que levou você para o crime? Teve uma infância difícil? Era abusado na escola? Ou teve um mentor daqueles cartéis de drogas que lhe ajudou e você ficou devendo algo? Daria um bom documentário.

— Nem sempre o comportamento das pessoas é facilmente explicável por problemas na infância ou cartéis de drogas. Você assiste séries demais.

— Então como foi? Você só quis e aconteceu? — minha curiosidade se sobressai.

— Não exatamente. Eu só tinha a rede certa de informantes, fui ganhando dinheiro, influência e acabou acontecendo. Não consegui sair. Por isso digo que também não conseguirá. Porque você é como eu.

— Eu acho que não sou.

É feita uma súbita pausa no diálogo, até que ele fala.

— Amanhã... Ou melhor, mais tarde, falarei com os Del Vecchio. É hora de assumir o controle. Precisarei de você ao meu lado.

Reflito sobre o significado de suas palavras. Se tiver o quer, meu papel chegará ao fim. É a parte em que o ator despede-se da plateia e do elenco e volta a ser quem era. Demoro a pegar no sono. Não posso perder tudo isso. Não agora.

Acordo com o retinir da campainha. Braços fortes rodeiam minha cintura.

Ele está acordado e vigilante. Ecoa um novo toque.

— Que horas são? — indago, ainda sonolenta.

Amon se estica e pega o celular. O rosto fica carrancudo.

— É o FBI. Atenda e enrole. Seja cautelosa. Farei uma ligação e estarei lá daqui a pouco.

Novamente me deixa sozinha para enfrentar os problemas causados por ele. Visto rapidamente um roupão de seda preto, curto demais para defrontar homens da lei, e vou voando atender a porta. Cogito milhões de possibilidades, de motivos para ser presa pelo FBI, com todo o combate ao crime organizado. Lembro-me dos tiros disparados e da BMW destruída, e das ameaças de Marshall, porém abro a porta simulando surpresa.

Um homem de uns trinta e poucos anos, barba bem feita e olhos amendoados se apresenta com a colega, uma moça alta e morena, que estreita os olhos quando me vê.

— Agentes Hensen e Groves. FBI. Podemos entrar, senhorita Del Vecchio?

Dou espaço e faço um gesto para que entrem. A mulher é a primeira e já começa a dar voltas e examinar o local. É como nas séries policiais, um fará o interrogatório e distrairá o suspeito, o outro investigará cada detalhe, buscando provas que levem a uma condenação ou pelo menos maior “cooperação”. Entrarei no jogo deles.

— A que devo a visita a esta hora, agentes? — pergunto, sentando-me preguiçosamente no sofá e cruzando as pernas.

— Eric Trevino. Conhece?

Ele mostra uma foto, que pego com indiferença. Miro-a uns segundos e a devolvo.

— Não, nunca o vi.

— Ele faleceu ontem em um acidente de trânsito. Vocês tinham um primo em comum. Giovanni Del Vecchio.

— Não sabia que o FBI investigava acidentes de trânsito.

— Esse é especial. — informa a mulher, que em seguida volta a se entreter aparentemente com a decoração.

— Eric Trevino era procurado em outros três estados por fraude, crimes violentos e atividades ligadas ao crime organizado.

— Então pelo visto sua morte não foi tão ruim... — comento.

— Testemunhas afirmam que ele perseguia uma Ferrari na cor branca. Mesmo carro que está em seu nome. Não há muitos por aqui. Pode explicar isso? — ele inquire.

— De fato, meu carro foi roubado há alguns dias, enquanto eu fazia compras. Pode confirmar com a camareira do hotel, Emily.

Ele não está acreditando, porém prossegue.

— Se foi roubado, por que não foi prestada nenhuma queixa? Não quer seu carro de volta?

— Uma Ferrari a mais, uma menos, não fará diferença. — retruco, como se por toda a vida tivesse tido rios de dinheiro a gastar.

— Serei direto, senhorita, onde esteve ontem à tarde?

— Aqui.

— Não foi perseguida por Eric Trevino ontem?

— Não. Se tivesse sido lembraria, agente Hensen.

Faço a melhor atuação da minha carreira para soar convincente. Estava me afeiçoando aquela Ferrari. Pensei em chamá-la de Olaf.

— Tem uma casa aqui em Trenton, não é mesmo? Por que se hospedar neste hotel?

A voz dessa mulher é doce, mas me irrita. Está fazendo o trabalho dela, mas quem gosta de ser suspeito?

— Tenho um motivo pessoal. — afirmo em tom cortante.

Amon surge das portas do quarto, ainda abotoando a calça e com a camisa aberta. A agente do FBI corre os olhos sobre ele e para no hematoma causado pelo meu salto. Sinto o rosto enrubescer quando ela volta a cabeça até minha sandália em estilo gladiador e salto carretel jogada no canto. Ela acha que pisei nele, que sou algum tipo de pervertida sem noção!

— Eu sou o motivo. — esclarece ele. — Amon Cavanagh, empresário e dono dos Hotéis Havere.

Ele se posiciona ao meu lado e passa o braço sobre meu ombro. Os outros dois se entreolham e ela franze a testa.

— Com licença um instante. — o homem diz e se afasta com o celular ao ouvido.

A agente Groves continua nos estudando, como se fosse do Criminal Minds ou coisa assim. Tem a mim como a assassina mais hedionda do país. Queria jogar o salto na cara dela.

— Estes arranhões em seu pescoço, senhor Cavanagh... — Andei rolando pelo chão com uma gata selvagem. Ela também morde, quer ver?

Baixa meu roupão e me dá um beijo no ombro. Ela persiste na observação. Mira os dedos de Amon.

— Descobri que ela gosta de sadismo, mas não me incomodo. Acho sexy.

— cochicha com a mão perto da bochecha como quem conta um segredo.

Puxo sua orelha.

— Pare de inventar essas histórias. Alguém vai acabar acreditando. — brigo.

Dá uma gargalhada, o que faz a Groves entortar os lábios. Sente-se tão constrangida quanto eu. O parceiro dela retorna bufando. Encara-nos com olhar fulminante.

— Vamos embora. Desculpe o transtorno aos dois. —ele fala.

Algo no telefonema o irritou muito. Por estarem de saída sem mais perguntas, Amon deve ter mexido os pauzinhos. O crime organizado é o crime organizado, mesmo se tratando do FBI. Tenho que dar o braço a torcer, eles trabalham bem e depressa.

— Sem problemas. — afirmo e faço sinal com a mão.

— O quê? — ela emite, perplexa.

— Estamos indo embora, Amanda.

— Mas... Tom, temos que ver as câmeras. E as testemunhas...

— Não há mais caso, Amanda. Foi um “acidente de trânsito”. Esqueça.

— Thomas, essa mulher está tentando nos esconder pistas sobre a morte de um criminoso federal. Isso pode nos levar a encontrar um peixe grande. Não podemos simplesmente esquecer!

— Deixe pra lá. Sabemos que ela não o matou.

— Deixar pra lá? Você ficou louco?

— Eu tenho que explicar a situação, jovem? Tenho que dizer como são as coisas? — ele está mais irritado que antes, até mais do que ela — Acabou. O peixe grande já nos encontrou e as ordens vieram de cima. Não temos evidências, testemunhas ou caso. Se quiser continuar nesta carreira, acostume-se ou desista.

Groves me espia, lendo a sentença “culpada por tudo de ruim na face da Terra” em minha testa. Penso que quer atirar em mim. Parece que afinal achei minha arqui-inimiga. Quase rio da cara dela quando é rebocada pelo braço. O mal às vezes triunfa.

— O que faremos agora, Senhor do Crime?

— Apressaremos os planos, Senhora do Crime. Devo dizer que a agente do FBI a odeia.

— Será? Gostei tanto da moça. — ironizo.

Capítulo 10

Tento contatar Greg, já com meu novo celular. Ele não apareceu, nem deu notícias. Não é típico dele. Começo a ficar preocupada pelo seu desaparecimento. Encaminho-me até a suíte de Amon, ele pode saber de algo. Detecto uma movimentação estranha no corredor assim que desço do elevador. Parece que o Serviço Secreto deixou a Casa Branca e veio parar aqui. Dois homens de terno preto rondam o corredor. Olham-me passar de maneira desconfiada. Retribuo o olhar e passo de cabeça erguida, mantendo uma atitude desdenhosa. São capangas dele. Rio do pensamento de que alguém que se diz empresário tenha “capangas”. Ninguém acha isso bizarro?

Mais dois deles guardam a porta. Suspeito que esteja acontecendo algo que só eu não sei. Algo perigoso. Talvez faça parte de apressar os planos. Esses dois me avistam alguns metros antes de chegar até eles. Meu celular novo toca. É o guarda-costas.

— Greg, por onde você anda? — vou logo perguntando.

— *Estou passando por... Problemas familiares. Desculpe-me... Posso tirar o dia de folga hoje? Somente hoje.*

Quase não o identifico pela voz, sinto a tristeza e aflição em suas palavras. Justo hoje, um dia tão importante. Sem mencionar Giovanni tentando me matar. Mas não posso exigir demais dele, passamos por muita coisa ontem e família sempre vem em primeiro lugar. Parece ser o ponto fraco dele. Cada palavra de Teresa Hines ecoa em minha mente. Jamais esquecerei o que ela disse naquele

dia em que a conheci. “Mesmo o mais resistente dos homens por baixo de sua couraça esconde um cristal frágil. Basta que tenhamos a chave que abre o caminho para chegarmos até lá”. A família é a chave de Gregory Larson.

— Tudo bem. Espero que as coisas por aí melhorem.

— *Obrigado.*

Os dois parados em frente à porta examinam o que tiro da bolsa, imaginando que seja uma granada, pistola ou arma de choque. Pego meu cartão magnético de VIP e abro um sorriso inocente.

— Abram espaço, rapazes.

— Não podemos. Ninguém pode entrar sem uma indiscutível autorização, dona. — um deles diz, dando a checada dos pés à cabeça.

— Dona? Tente barrar a minha entrada e se arrependerá amargamente.

Por trás dos olhos verdes, o grandão se diverte com a minha ameaça, porém o outro permanece sério.

— Perdoe-nos o transtorno causado pelo meu colega, senhorita Del Vecchio. Ele chegou atrasado e não sabe de sua indiscutível autorização ininterrupta. — fala o sério.

O primeiro fica branco como papel. Acho-o engraçado.

— Como se chama, grandão?

— Carter Morrison.

Morrison? Será que é parente do professor Morrison ou é uma coincidência? O fato é que ele acha que está encrencado. Afasta-se e entro.

Se não fosse a segurança excessiva, diria que Amon não está. Não o vejo em parte alguma. O quarto transmite quem ele é. Ou pelo menos o conceito que tenho sobre ele. Cada objeto está em seu devido lugar, é tudo impecável e monocromático. Tudo cinza. Impessoal e ao mesmo tempo tão “ele”. Encontro-o no amplo closet, escolhendo uma entre dezenas de gravatas. Notou minha presença bem antes que eu notasse a dele e passa a difícil tarefa para mim.

Opto por uma gravata azul clara e listrada, que combina perfeitamente com seu terno azul royal. Transpasso-a por seu pescoço e dou o nó. Fica maravilhoso.

— Eu sempre quis fazer isso. — confesso sorrindo.

— Imaginei que sim. Você sempre cravava os olhos nas minhas gravatas.

Beija-me de leve nos lábios. Se se prolongasse um pouco mais, nos atrasaríamos horas, o que me faz voltar à realidade.

— O que está acontecendo? Você está escondendo algo de mim?

— Estou apenas tomando medidas preventivas. Tudo sairá bem.

Fico com uma pulga atrás da orelha. O que ele fez quando esteve fora

desta e da outra vez? Não acredito que as medidas preventivas sejam para os Del Vecchio.

— O Greg está de folga, problemas familiares. Posso substituí-lo hoje pelo grandão da porta? — pergunto em tom de gracejo.

— Já percebeu quem ele é? É mais perspicaz do que pensei.

— É uma versão sarada do Morrison. Irmão mais novo?

— É. Ele era alguém de confiança, mas agora começo a me preocupar...

— Ciúme e insegurança não fazem parte de você.

— Agora fazem.

Ele não está brincando, fala a verdade. O ambiente de repente se torna sufocante. Ele continua tão imprevisível quanto antes.

— Então, o Giovanni realmente fugiu? — mudo o foco para uma conversa segura.

— Fugiu. Não sou capaz de localizá-lo aqui em Nova Jersey. Usarei os contatos dos Del Vecchio, mas demorará até que seja separado o joio do trigo. Não sabemos quantos estão dispostos a ajudá-lo. — alisa meu rosto — É por isso que quero que você esteja acompanhada vinte e quatro horas por dia. Mesmo quando o careca voltar, fique com o Carter também.

A saída de Giovanni do cenário me deixa contente. Não saberia lidar com ele, puni-lo sem manchar minhas mãos de sangue. Porém tenho receio de que seu desaparecimento possa estar ligado ao de Greg. Ele é um cara legal, mas essa é uma possibilidade que não foi cogitada somente por mim. Quando passamos pela porta, Amon Cavanagh volta a ser o *businessman*.

— Carter, agora você trabalha para a Felìcita. Boa sorte. — expõe rapidamente enquanto caminha.

Meu mais recente “capanga” me observa com um misto de incredulidade e desolação. Dou batidinhas em seu peitoral.

— Acho que este é o início de uma linda amizade, Carter. — caçoo. — Você tem experiência em perseguições de carro, tiroteios e acertar alvos a longa distância?

Ele me acompanha, mudo.

— O meu outro segurança tem...

“Faça piada hoje do que te fez chorar ontem. É assim que superamos as adversidades da vida”. Era isso que dizia meu tio Eddie. Trago o ensinamento comigo. Se hoje for o meu último dia com o nome Felìcita e tudo que vem com ele, aproveitarei cada segundo, embora depois me torne uma infeliz desajustada que teve tudo e perdeu. Esta reunião com minha família pode ser a derradeira.

Na garagem está minha Ferrari branca, intacta. Amon a recuperou para mim. Talvez no fundo, bem no fundo, o Senhor do Crime seja fofo e atencioso. Dou-lhe um sorriso de agradecimento quando me arremessa a chave de Olaf. Seguimos em carros separados, ele com os seguranças dele e eu com o meu. Silêncios no carro são desagradáveis, então puxo conversa.

— Aqui vão as regras, Carter. — falo enquanto dirijo — Nada de ficar mudo, nada de ficar parado como estátua, nada de paquerar minha prima e nada de se fazer de chato. Ah, e nunca, em hipótese alguma, chame-me outra vez de "dona". Pode falar o que quiser contanto estejamos a sós. Perguntas?

Ele não diz nada. Tem a cara de bom moço do professor Morrison e a pele clara, que muda para rosada facilmente. Quer falar, mas tem receio, precisa de um incentivo.

— Não vai mais falar? É por que farei você se arrepender amargamente? Não se preocupe, agora você é meu camarada. Gostei de você. Só sorria de vez em quando para me deixar feliz.

— Eu sinto muito pelo que aconteceu... Eu realmente não sabia. — ele finalmente cede.

— Sem problemas, Carter. Aposto que trabalhar para mim será mais divertido que trabalhar para o senhor Cavanagh. — rio, recordando-me da primeira metade da festa do Chris West.

Com mais algumas tentativas e mencionando diferentes atrativos de Ohio, conquisto a simpatia do capanga. É como se nos conhecêssemos a vida inteira. Ele se mostra aberto e até engraçado quando revela que julgou que eu o estaria levando para um local desolado e me livraria do corpo dele. Acalmei-o com uma gargalhada sonora. Ele é meio criança, é como conversar com alguém da faculdade, por isso lamento estar me aproximando do meu destino.

— Certo. É hora do serviço.

Mudo minha fisionomia e ele faz o mesmo, volta a ser o "grandão mal-humorado". Os portões da frente se abrem e entro. Pelo espelho retrovisor consertado, certifico-me de que o outro carro me segue. Contorno a fonte e estaciono.

— Mais uma regra, Carter: sempre abra a porta para uma mulher. Lembre-se disso nos seus encontros. Faz diferença.

Ele desce, dá a volta, e abre a porta para mim. O mordomo me recebe e diz que todos os parentes que reuni estão no escritório me aguardando. Aproximo-me levemente e escuto vozes sufocadas vindas do outro lado da sólida porta de mogno. Abro-as como um furacão e todos se calam em minha presença. O

escritório é uma sala relativamente pequena para tantas pessoas, mas estão todas bem acomodadas em poltronas contadas, sobrando apenas uma vazia. Pesadas cortinas marrons pendem de janelas fechadas. Há um tapete persa no chão e as paredes são abarrotadas de livros.

Cruzo o cômodo e me sento atrás da mesa, em uma cadeira giratória. Carter é um amador, fica plantado ao lado da porta fechada. Entrelaço os dedos e encosto as mãos sobre a superfície lisa da mesa. Estudo os rostos ao meu redor. Todos sabem o que aconteceu ontem. Em Adalina, Rebecca, Dorian e Frederick, vejo expectativa. Em Viktor, inquietação. O restante são rostos nublados, exceto por Francesco, que está nitidamente desesperado. Assim que apreende meu olhar, começa a despejar suas defesas no timbre de bulldog raivoso.

— Eu não tive nada a ver com isso. Se estiver achando que tive alguma participação, a resposta é não. Nunca faria algo assim.

— Não o estou acusando, tio Francesco. Não é necessário que prove sua inocência. Sabemos quem foi o autor do atentado contra mim. Alguém tem notícias de Giovanni? — interrogo, dissimulando uma irritação contida.

— Ele foi visto de carro atravessando o estado e indo para a Pensilvânia ontem à noite. — comunica Filippo — Não será fácil encontrá-lo em outro estado.

— Espalhem que estou oferecendo cinco milhões para quem o trouxer até mim. Vivo.

— E morto? — indaga Rebecca. Ela mesma quer matar o primo.

— Morto não me serve para nada. — retruco. — Mas chamei-os aqui por outro motivo.

Dou um aceno para que meu atrapalhado funcionário abra a porta. Amon entra do jeito garboso que só ele possui e se posiciona ao meu lado. Os remanescentes da comitiva ornam as paredes como quadros emoldurados em roupas pretas. O escritório, que fica ainda menor, se torna um campo de batalha com vozes alteradas e expressões estarrecidas. Instaura-se um caos maior que o do nosso jantar.

— Mas o que este cara está fazendo aqui?! — reclama Dorian, se contorcendo na poltrona.

— Felìcita, o que está havendo? — tenta sondar Viktor. Os olhos arregalados são uma punhalada no meu coração.

— Sua desgraçada traidora. Por que o trouxe aqui?!

O comentário de Marcus, somado a outros, desperta a minha falsa ira. Bato as mãos na mesa e o estrondo cala a todos.

— Devo lembrá-los novamente que esta é a minha casa e convido quem eu bem entender para entrar? — elevo a voz o suficiente para estremecê-los. — Deixem os protestos para depois dos esclarecimentos.

Amon passa até a frente da mesa, abre os braços para traz e se apoia desleixadamente na mobília. Com isso, toma a palavra. Penso que virá um discurso cheio de termos administrativos, vinculado à prosperidade nos negócios.

— Não perderei tempo com apresentações. — inicia — Todos nós sabemos quem é cada um e porque estou aqui. Vim para Nova Jersey para expandir os meus negócios, se necessário utilizando meios radicais.

A algazarra volta a rolar solta, assemelham-se a uma turma baderneira do jardim de infância. Não sabem simplesmente prestar atenção, estão temerosos demais.

— Silêncio! — explodo.

— Entretanto... — ele prossegue — Felìcita me convenceu das vantagens de tê-los como meus aliados, contentes e trabalhando comigo em prol de algo maior. Então faremos uma aliança.

— O quê?! — vocifera Francesco.

Lanço-lhe um olhar mortífero para que se mantenha de boca fechada. O tio acata a mensagem.

— Desde os primórdios da História, nada consolida mais uma aliança do que o casamento.

Meu cérebro não quer assimilar a última frase. Não pode ser. Amon não faria uma coisa dessas. Se ele fizesse, eu deveria saber. Definitivamente não fará isso. Fita-me de relance por sobre o ombro. Suas íris assumem um tom dourado à luz do lustre, os lábios se curvam em um leve sorriso. Ele fará isso sim. Não pede minha aprovação, apenas anuncia.

— Por essa razão, Felìcita e eu vamos nos casar. Uniremos nossas forças e partilharemos o que possuímos. Assim, tudo que é dela será meu e tudo que é meu será dela. Daremos origem a uma fusão estratégica e em menos de um ano controlaremos toda a costa leste. Acredito que vocês queiram estar conosco para desfrutar de nossa ascensão.

Faço um esforço colossal para não deixar meu queixo cair. Em vez de me deixar ir embora e fazer o que quiser da minha vida de cabeça para baixo, de me proporcionar no mínimo o direito de escolha, ele me arrasta mais fundo sem sequer me informar antes. Mas o que eu estava esperando? Ele é o Scorpion, um criminoso procurado! Ele não ama, ele usa para um propósito. E não precisa da

minha permissão para absolutamente nada. Ele é um eterno mistério.

Sinto-me a ponto de chorar e nem presto atenção nas outras loucuras que profere. Casamento não faz parte do plano. Direi tudo que está engasgado quando voltarmos para o hotel, mas ardo de raiva e de mágoa. Não sou importante, sou uma boneca que não tem vontade própria. Trabalho a concentração nos únicos objetivos de não sair correndo e flexionar os músculos do rosto para mantê-lo animado com a tal fusão.

Os minutos se arrastam e Amon não para de se gabar sobre ocorrências que vi nos noticiários, ressaltar que os Del Vecchio estão apegados a valores obsoletos e explicar como removerá os “pormenores que os levam à ineficiência”. Por fim, a família o aceita de braços abertos como um novo membro. É mais bem recebido do que eu, com tapinhas nas costas e tudo. É um conversador nato. Deve ter feito o mesmo dezenas ou centenas de vezes, com a sua voz de cantor romântico e discurso bonito. É um caricato político ganhando eleitores. Isso só me deixa ainda mais estressada e impaciente.

Tia Adalina puxa-me para o canto, radiante como se cumprimentasse a filha no dia do casamento, embora já tenha percebido meu estado de espírito. Ela é menos humana que Amon, todos são livros abertos diante dela.

— Por que está assim, menina? As coisas não poderiam ter sido melhores. Você conseguiu algo maravilhoso. Se eu fosse uns vinte ou trinta anos mais jovem, queria estar no seu lugar.

Separo meus lábios para dizer algo, porém não sei o quê. Para eles tudo acabou bem, para mim tudo é incerto. Quero me casar com alguém que sente algo por mim, que eu conheça e que possa me fazer feliz, como uma garota normal.

— Casamento é casamento. Não se iluda com o amor. Pessoas como você e principalmente como ele não se dão ao luxo de amar. Ele parece apreciar você, então aproveite. Mas não espere amor, só gera conflitos. — abraça-me e murmura — Um dia você entenderá, criança...

— E aí, quando é a festança? — berra Rebecca do outro lado do cômodo.

— Em três dias. — soa Amon atrás de mim, tão entusiasmado quanto eu.

É só falar em mais dinheiro e poder que a família já abana o rabinho. Alguém me passa uma taça de champanhe que viro de imediato. E em seguida mais uma. Queria a garrafa inteira, ficar bêbada ao ponto de provocar um escândalo e acabar com o casamento. É uma opção. As despedidas são longas e cheias de abraços tão sinceros quanto se é possível.

— Senhora Cavanagh, vamos?

Pego o braço que meu noivo me oferece, com um desejo intenso de esquartejá-lo ou pelo menos pôr o pé para que ele tropece. Quando saímos, carrega-me até seu próprio carro e manda o Serviço Secreto de volta no meu. Ele se acha de fato “o indestrutível”, cheio de autoconfiança, pode vencer sozinho a Terceira Guerra Mundial e a invasão alienígena enquanto decapita alguns zumbis. Não pergunto para onde vamos, evito contato visual.

Chegamos a um restaurante requintado. Assim que ponho os pés fora do veículo, sou atacada por fotógrafos e repórteres. Imito novamente as celebridades, sorrio e aceno. A pequena multidão esperava por nós, pois no restaurante não há outros clientes. Questiono-me o motivo de tanta privacidade aqui dentro e falta dela lá fora. É como nos romances, o cara reserva um restaurante para pedir a amada em casamento. Mas ele não vai me pedir em casamento, ignorou esse pequeno detalhe duas horas atrás.

Nem nos meus sonhos entrei em um restaurante tão divino, excede o do Hotel Havere no quesito design. Sou transportada para uma dimensão de ouro, branco e vermelho. Nada sobrepuja os clássicos. O Amon cavalheiro afasta uma cadeira para que eu me sente e me beija no rosto. Acredito que minha raiva começa a se dissipar. *Maldito!* Ele pede uma bebida com um nome em francês e avalia o cardápio.

— É agora que vai me pedir em casamento? Isso era apressar o plano? — faço submergir meu desgosto.

— Eu disse que não faço as coisas do jeito certo.

Não tira o sorriso safado do rosto enquanto beberica do vinho caro. Quando põe a mão sobre a minha, retiro-a.

— Você quer saber por que não lhe pedi em casamento antes de oficializá-lo?

— Não. Eu sei que é porque você é um egoísta, prepotente e megalomaníaco. Por que se daria a esse trabalho? — ressalto, ácida.

Amon não se importa com os adjetivos, está se divertindo com o meu comportamento. Deve ter previsto até o que eu diria. Quando o prato que escolhi aleatoriamente sem entender nada de francês é posto à mesa, quase tenho um ataque. O estômago revira com diferentes tipos de pescado amontoados em um caldo ralo e pedacinhos verdes e pretos. Meu acompanhante astutamente troca os nossos pratos sem esperar que o garçom dê as costas. Tento não demonstrar minha felicidade pela suculenta vitela, salada e batatas com molho.

— Eu fiz isso porque você me diria não. Diria que quer se afastar de mim por ser o mais sensato a fazer. — revela.

— E é.

Tira a caixinha vermelha do bolso e abre. O anel prateado tem um formato de infinito e no meio uma pedra azul delicada. Não é o mais chamativo dos anéis, porém seria o que eu mesma compraria. Para mim é perfeito. Combina com os meus olhos.

— A verdade é que eu não a escolhi somente pelo seu talento e leitura das pessoas. Eu a escolhi porque foi feita para mim e é o meu par perfeito. Ontem você disse que escolhi a pessoa errada, mas você sempre será minha escolha certa. Eu realmente a amo. Aceita se casar comigo, Felìcita?

— Você não me ama. Se amar, ama a outra, a Felìcita e não a mim, Audrey.

— Não existe outra. Essa sempre foi você. Sem os padrões espúrios da sociedade, sem as máculas e os comportamentos pré-programados pelo sistema que nos induz a pensar que temos que ser o que precisam que sejamos. Não resista, apenas seja quem você é. Alguém que quer experimentar todas as sensações que o mundo tem para lhe proporcionar. Fique comigo e eu a darei esse mundo, Felìcita.

— Você é louco, Amon Cavanagh.

Meu largo sorriso o faz saber que venceu. Eu não tinha chances desde o início. Põe o anel que se ajusta precisamente em meu dedo e beija minha mão.

— Como você pode falar de amor? O amor nos torna fracos. — reclamo.

— É, mas também nos torna mais fortes. Somos mais fortes juntos. E, além disso, como não amar uma mulher que fica tão linda com alface entre os dentes? — ele troça.

Morro de vergonha. Nada do dia está sendo como eu imaginava.

Capítulo 11

É o dia do meu casamento. Muitas pessoas se agrupam nos bancos da igreja. Marcho ao som da tradicional música da entrada da noiva, não consigo conter o grande sorriso por estar indo até o homem que amo. O homem que o sorrateiro destino trouxe para mim. Observo os rostos dos convidados, porém não conheço ninguém a não ser aquele que está no banco da frente: Kirill Aksakov. Sou acometida por uma tontura quando o vejo sacar uma arma e disparar contra o peito do meu futuro marido.

Acordo assustada. Na escuridão, tateio a cama. Amon não está mais aqui. Demoro a pegar no sono mais uma vez, pensando em quantas noivas têm esse tipo de preocupação. Não devem ser muitas. Quando amanhece, tomo um bom banho para enfrentar um novo dia e quem sabe novas surpresas. Abro a porta para receber o café da manhã e me deparo com um Carter desconfiado que examina a comida. Sinto pena de Emily.

Reclamo e ele simplesmente dá de ombros. Minha parceira de compras me parabeniza e diz como ficou feliz por mim quando soube da notícia em um site de fofocas. Procuro online e encontro até mesmo minha foto usando o anel de pedra azul ao deixar o restaurante. Tudo continua parecendo surreal. Quando Greg aparece, o rosto de Carter se ilumina.

— Gregory Larson! Cara, eu acompanhava suas lutas do UFC. Você é uma lenda...

Não sei o que é mais estranho, se o fato do Carter ser um fã do Greg ou de que eu seja totalmente excluída da conversa sobre os lutadores da atualidade, defesa de títulos, golpes e outras coisas. No início, o funcionário sênior parece evasivo e monossilábico como de costume, depois fala mais que um comentarista esportivo. Percebendo que o assunto não irá parar, vou até o quarto e ponho uma calça de ginástica e camiseta. Tirarei vantagem da situação.

— É isso aí, Clube da Luta, que tal vocês me ensinarem alguns desses ataques fantásticos? — sugiro, entusiasmada.

Nenhum dos dois se mexe.

— É uma ordem. Vamos afastar os móveis.

— Mas e os preparativos para o casamento? — comenta o guarda-costas número dois — Não está ocupada?

— Isso é muito mais importante, Pequeno Gafanhoto. Você sabe com quem eu vou me casar? Não é que eu não conte com vocês, mas nunca se sabe...

O guarda-costas número um parece não saber da novidade, porém nada diz. Trata apenas de mover a mesa de centro. A verdade é que quero procrastinar o quanto possível o inevitável casamento. Não pensar que não terei minhas amigas para me ajudarem a escolher o vestido e me levarem para uma despedida de solteira em Las Vegas. Tenho que me distrair.

Os dois discutem alguns minutos a respeito do que podem tentar me ensinar e começam a fazer demonstrações. A cena é muito engraçada, dois marmanjos brincando de luta. Mostram umas chaves de pescoço, fintas, socos em uma sequência de "*jab*, direto e cruzado". Outros socos no fígado e até cotoveladas e quedas. De vez em quando se empolgam e se esquecem de mim,

jogam-se no chão. Pensam que estão no octógono.

Dou um chute alto e perco o equilíbrio. Convenço-me de que não levo jeito para as artes marciais mistas ou qualquer tipo de luta. No chão, prendo a perna esquerda de Carter e Greg muda o ângulo do meu joelho dobrado para que meu adversário não escape. Nessa hora, a porta se abre e surge o noivo do ano. Posso sentir que agora virá uma piada sobre meus supostos fetiches inusitados. Contudo, o que transpassa sua fisionomia é um grande incômodo pela situação.

Nunca esteve assim, nem quando intimidou Giovanni durante a dança. A expressão me dá um calafrio que percorre a espinha. Estende-me a mão e me levanto, relutante. Mil coisas diferentes passam na minha cabeça. Jamais irei prever o comportamento desse homem. Beija-me apaixonadamente, de um jeito que desperta meus sentidos e desejos. Então volta ao seu natural. Se é que alguma coisa nele possa ser chamada de natural.

— O que vocês estão fazendo está errado. — se dirige ao Um e ao Dois. — Deem uma boa olhada. Ela não tem força nos braços nem nas pernas. Precisaria de uns dez anos de musculação antes de limitar os movimentos de um homem determinado.

— Obrigada, meu bem.

— De nada. Em todo caso, você precisa aprender é a se defender, não atacar. Utilizar a agilidade para se esquivar e o ataque do agressor contra ele. Precisa de defesa pessoal, não puro MMA.

— Não concordo. Não dá certo contra caras como eles. — digo.

— Não? Então, observe.

Amon tira o paletó e o acomoda cuidadosamente no sofá movido para o canto da parede. Situa-se entre Carter e Greg.

— Vai lutar com os dois? Com o dedo quebrado?! — pergunto, incrédula.

A confiança dele ultrapassa a razão. Greg é o primeiro a investir contra ele, com um soco lateral. Ele para o ataque girando o braço do oponente, levando-o ao chão. Desvia com presteza das tentativas de imobilização de Carter. Faz uso dos antebraços e das coxas para bloquear as ofensivas. Assim que Greg volta ao ataque, Carter já está no chão. Greg logo é projetado para frente pelo braço e também cai. Foi exatamente o que tentei fazer com Amon na outra noite e não deu certo. Não há como não ficar espantada e maravilhada.

— Como eu disse, defesa pessoal. — ratifica e ajusta o paletó.

Ele é irritantemente demais. E sabe disso. Atende o celular e fala sobre um piloto estar aguardando. Compreendo que me deixará sozinha e cheia de problemas novamente.

— Estou viajando com urgência à Nova York. Tenho assuntos pendentes a resolver, mas voltarei para o casamento. Depois quem sabe saímos em lua de mel.

— Para onde? A Ilha de Alcatraz?

— Se você quiser, por mim tudo bem. Deixei a lista de convidados com a recepcionista, Nora. Pode pedir a ajuda dela para organizar o casamento. Sei que não será uma tarefa fácil.

Franzo a testa e dou alguns meneios de cabeça.

— O que foi? Está preocupada? — pergunta.

— Não sei. As coisas não parecem no lugar. Esse não é o tipo de história que tem um final feliz.

— Quem disse que é o final? Este é somente o nosso início. — segura meu rosto com as duas mãos e beija minha testa em despedida.

Amaldiçoo outra vez. O que ele faz de tão importante nessas viagens? A necessidade de compreendê-lo, saber o que está fazendo, se me ama ou se tudo é um plano diabólico grita dentro de mim. Reviro a gaveta onde escondi a caixa do Aksakov com o anel e o pen drive, onde também guardei o cartão de memória com os “projetos de expansão”. Tudo parece intocado, porém o último item não está. Sumiu. Foi roubado.

Meu corpo gela, procuro controlar o pânico e raciocinar. Concluo que a única explicação lógica é a de que Amon o pegou em uma das noites, enquanto eu dormia, pois ninguém mais sabia de sua existência. Ou não quer que eu tenha provas contra ele ou não posso saber dos seus planos. Algo no cartão, que era insignificante, agora é um segredo que esconde de mim. Como preparar um casamento com um noivo que em um segundo é o cara perfeito e no outro um criminoso calculista? Que me engana e não confia em mim.

O dia segue e faço Nora contratar uma especialista para preparar todos os detalhes do casamento. Não anseio ter nenhum envolvimento além de comprar um vestido pela Internet. Mesmo com tanto dinheiro para gastar, o casamento dos sonhos se foi. Dependendo do segredo, o divórcio dos sonhos também.

Por mais que analise os fatos, nada me leva à verdade. Todavia, a noite chega e uma lâmpada se acende: a do meu cérebro. Aproximo-me de Carter Morrison para obter informações. Não posso ir direto ao ponto. Ele é tagarela, mas é leal, acredito. Não sairia espalhando segredos ou não seria um dos homens de confiança do Scorpion.

— Carter, você trabalha há muito tempo para o Amon? — procuro ser despretensiosa. Mexo no cabelo e finjo estar vendo algo mais interessante no

celular.

— Há dois anos. — responde, todo orgulhoso.

— E agora trabalha para mim, não é? Para nós dois. — ele assente, e prossigo — Conto com você para me proteger, especialmente com tudo isso que está acontecendo em Nova York, você sabe, fico preocupada...

— Pois é. O russo é como um fantasma. Uma pedra no sapato. Mas não se preocupe, ele com certeza o encontrará desta vez, mesmo sem aquela armadilha.

Russo? Armadilha? Nada faz sentido. Imediatamente, correlaciono tudo ao meu sonho. Tenho uma sensação hostil. Algo ruim vai acontecer no meu casamento.

— Qual é o nome desse russo? É o Aksakov? Ele está em Nova York?

Carter empalidece, dando-se conta de que falou demais. Agora é tarde, não há volta.

— Diga tudo que você sabe, Carter. Se eu ficar às cegas, pode ser perigoso. Você quer que eu acabe morrendo? — dramatizo — Quando meu corpo for encontrado numa vala por ter que viajar à Nova York para obter as respostas que não me deu, você será o culpado.

Toma um tempo refletindo, como se tivesse um anjinho e um diabinho sobre os ombros, até que decide contar.

— Ninguém sabe o nome dele. É da máfia russa e chegou há uns três meses. Está tentando derrubar o Scorpion. O chefe tinha tudo preparado para pegar ele aqui quando ele aparecesse, mas desistiu.

— Desistiu? Por que ele desistiu? — questiono, espantada. Ele jamais desistiria dos planos metódicos.

— Não sei. Mas em Nova York ele está caçando o cara. Então vai ficar tudo bem.

O segurança tenta me consolar, mas não acredito. Só vejo Amon morto em algum lugar escuro. Ele pode ganhar dos lutadores de MMA, mas não é o *Superman*. Parece que o mundo está desabando. É como se ele não fosse voltar. Mas o que eu estava pensando? Que ele trabalharia de segunda à sexta, no horário comercial?

Mais um dia se passa e as coisas começam a melhorar. Telefona e me diz que voltará no prazo previsto. Os meus capangas se revezam na porta e não fico um minuto sozinha. A equipe organizadora do casamento me enche de perguntas e apenas concordo com a primeira coisa que propõem. A solenidade do registro civil e uma comemoração simples no salão de festas do hotel. O melhor que se pode programar em dois dias.

Quando Amon retorna já estou quase pronta, com uma maquiagem escura e pomposa e o cabelo preso sofisticadamente de lado e com enfeites de diamantes. Ele parece o mesmo de sempre, de sorriso malicioso e pose de negócios. Não está nervoso como eu. Sou preenchida de alívio em vê-lo bem. Abraço-o forte. Esqueço todos os sérios motivos para lhe dizer não e me entrego ao único motivo que me faz querer dizer sim. Eternamente sim.

O futuro marido me pega pela cintura e me ergue. Seguro em seus ombros para não cair quando me gira. Não estou acostumada com as demonstrações de afeição. Ele não é o mesmo. É sempre um Amon diferente. Talvez a alegria seja fingida, como ele finge para todos ao redor.

— Já pensou no nosso destino para lua de mel? Iremos a Alcatraz? — sorri.

— Não. Desisti dessa ideia. Você teve bom gosto para as alianças?

— Pensei que você providenciaria tudo para o casamento com a Nora.

Sabia que algo daria errado. Nenhum casamento às pressas pode ser bem programado.

— Você é o mestre dos planos, não eu.

— Darei um jeito. Amanhã compraremos juntos. — diz e vai se trocar.

Ponho meu vestido de desenho ousado. Curto, justo e de corpete que lembra um lingerie, coberto de rendas e com uma cauda de babados. Pareço mais uma capa da Vogue que uma noiva. Isso me agrada. Não é o casamento de príncipe e princesa e sim de criminosos. Criminosos com estilo.

Quando ele reaparece, está trajado inteiramente de um preto lustroso, com um meio fraque de dois botões, gravata italiana e colete. Mais charmoso que nunca, com a barba por fazer, similar à noite em que o vi no bar. Continuo não acreditando que me casarei com Amon Cavanagh.

— Penso em elogiá-la, porém nada do que eu disser será o suficiente para expressar o que estou achando da sua aparência, senhora Cavanagh. — sussurra ao meu ouvido e minhas pernas tremem.

Tento não sucumbir ao estereótipo de noiva exasperada.

— Apenas diga que eu estou arrasando.

— Você sempre está.

Greg em seu smoking se contém, entretanto, Carter fica aos risinhos pelo episódio. Amon vai até o quarto e traz a caixa dourada. Não pergunto sobre o cartão de memória furtado, estragará o momento. Retira o anel da caixa e outro idêntico do bolso.

— Os anéis do Sindicato do Crime serão nossas alianças?! — ponho a mão

na boca, achando a ideia absurda.

— Só até comprarmos outras. E não é o Sindicato do Crime e sim uma "Associação de Filantropos que Realiza Eventos em Prol de Questões Sociais".

— Sei...

— Viu que nome você recebeu do Wolf?

Mostra-me o interior do anel e leio as letras gravadas. Diz "Lynx".

— Lynx é o meu codinome de vilã agora? Todos têm nomes de animais? Que ridículo.

— É.

— Escorpião e Lince não combinam muito.

— Não se apegue a esse detalhe. Combinamos mais do que você imagina.

A decoração do salão faz valer a pena ter contratado uma excelente equipe de última hora. O número de rosas brancas espalhadas é suficiente para cada convidado sair com uma dúzia de buquês gigantes. Depois que assinamos nossos nomes e ouvimos um breve discurso, Amon põe a aliança improvisada em meu dedo e faço o mesmo. Para mim tem um significado profundo. Não estou casando somente com um homem, estou casando com o crime. Por mais que o ame, ou pense que o ame, a noção de que as coisas não se encaixam não me deixa aproveitar a experiência em plena felicidade. Não sei se quero este tipo de vida para mim.

Cumprimentamos os convidados e ele não me solta um instante. Só conheço minha família, Tess, o senador Westbrook, e alguns que estavam na festa do Chris West. Todos enviaram os presentes mais cedo e agradeço gentilmente a cada um. Ninguém deu os populares eletrodomésticos. Todos foram obras de arte, exceto o de Rebecca, que me deu uma coleção de lingeries de grife. Único presente que gostei.

Sentamos em uma mesa acentuada e o ápice da noite é um discurso de Francesco afirmando que está muito feliz com o matrimônio e que me tem como filha. O marido ouve tudo como se as palavras dele tivessem alguma credibilidade e promete me fazer feliz. Parece uma comédia, só falta o convidado bêbado que tira a noiva para dançar. Tudo transcorre inesperadamente bem e em um clima agradável, tirando o peso de noites sem dormir direito que recai sobre mim.

Sinto-me exausta, sem conseguir dar um passo sequer. Enquanto Amon praticamente expulsa os últimos convidados, aviso-o com um gesto que vou embora. Procuro com o olhar meus funcionários bem vestidos, para que me acompanhem até o quarto. Não vejo Carter em lugar algum, mas Greg me segue

até uma das saídas. De repente, sinto uma pontada forte no pescoço. Viro-me para ele e tudo vai ficando borrado e escuro.

Capítulo 12

Luto para me conservar acordada por pelo menos alguns instantes, porém só tenho um flash de estar sendo colocada por Greg na mala de um carro. As sensações não parecem reais, são todas oníricas e de chacoalhadas.

Acordo sendo carregada nos braços do guarda-costas, e tento ajustar a visão ao choque da luz. Deve ter passado boa parte da manhã dirigindo até este lugar. Movimento-me em vão para me livrar de suas garras. Minhas mãos estão atadas com algum material resistente. Ele apenas me encara com uma expressão deplorável.

— Eu sinto muito. — é a única frase que sai de sua boca enquanto continua caminhando.

Considero insultá-lo, queixar-me e reagir de todas as maneiras possíveis, mas sei que não adiantará. Limito-me a avaliar onde estamos indo, uma espécie de construção antiga, no meio do nada e cercada de grades. É um covil do mal. Acredito que eu seja uma refém.

— Você está trabalhando para o Giovanni? — indago ao adentrarmos o local. — Você é um porco imundo e desprezível. Canalha maldito!

Seus olhos não encontram mais os meus, foca-se somente à frente. Trata-se de uma indústria, obviamente abandonada, com várias máquinas grandes já em processo de oxidação. Muitas colunas de ferro com pintura azul desgastada e

vigas à mostra sustentam o teto alto por onde das frestas incidem raios solares que iluminam lugubremente o espaço. Nunca poderia supor que esses prédios existiam e eram usados por criminosos reais. É um set de filmagens, só precisa de um fosso de crocodilos ou um tanque de tubarões. Homens portando armas de alto calibre, cujos nomes não faço ideia, dispõem-se na entrada, nas escadas e em volta de alguém.

A primeira coisa que vejo dessa pessoa são os sapatos Prada. Não há como o abalo em minha mente ser maior. Teresa Hines. É um pesadelo que não posso assimilar. As duas pessoas em quem eu despendia a frágil confiança que eu tinha me traíram. É demais para mim, não é a vida que quero ter. E ela pode durar só mais alguns minutos.

— Puta merda! Não faça isso, Greg. Você não é cruel. — peço.

— Antes eu quero ver a minha irmã. — ele transmite. Não se dirige a mim e sim à Tess.

Os homens se dissipam e vejo uma jovem amarrada, de rosto aterrorizado, mas que se mostra aliviado quando nota Greg. Não tem mais que dezesseis anos. Rapidamente entendo o que se passa. Uma troca de reféns. Tess pegou a irmã de Greg para obrigá-lo a me raptar. Inteligente e sórdida. Não sou seu alvo verdadeiro, é Amon que ela quer. As palavras dela fazem mais sentido que nunca. Desde o começo sabia que ela não gostava dele. Como tudo chegou até aqui? A situação se complica ainda mais a cada descoberta. Agora ela chantageará Amon. Algo tinha que dar errado.

Greg me põe no chão e me entrega como um pacote a outro cara. Pega sua irmã e saem juntos sem olhar para trás. Não o culpo por isso, talvez eu fizesse o mesmo. Entregaria qualquer desconhecido para ter um ente querido de volta. Preocupei-me tanto com Amon e agora sou eu que estou na pior. O sujeito cheio de tatuagens me arrasta pelo braço rudemente até uma sala no andar de cima, onde sou amarrada em uma cadeira desconfortável. A corda começa a pinicar a minha pele.

Fico sozinha com meus pensamentos pelo que parece um século. Pergunto-me se Amon me ama de verdade, se tudo isso é um plano dele para me usar, se virá me resgatar. Mas não tenho vontade de me lamentar. Não espero que venha, preciso trilhar minha própria saída. Observo a sala atentamente. Não há nada além da cadeira, canos e um duto de ar. E não sou o MacGyver. Logo perco as esperanças e torço por um resgate e que tenha sido elaborado um bom plano. A porta se abre e a própria Tess aparece com um sorriso de quem ganhou no bingo.

— Não tive chances de dizer ontem, mas adorei o seu vestido, garota.

Atrevido demais para mim... — elogia com a cara cínica.

— Pois é, você está velha demais para algo assim. Deve ter pelancas nas pernas. Não se preocupe, encontrarei algo adequado para sua idade quando for vesti-la para o seu prematuro enterro. — solto a ameaça corajosamente, apesar de não acreditar nela.

A mulher dá uma risada estridente.

— Ao conhecê-la, Audrey... Ou devo chamá-la de Felìcita? — desfila pela sala enquanto fala — Enfim, ao conhecê-la acreditei que fosse esperta. Vi a mim mesma anos atrás. Só não imaginei que conseguiria fisgar um homem tão... Que palavra poderia usar para descrevê-lo?

— Impessoal e sem sentimentos? — ajudo.

— Isso.

— Eu não fisguei ninguém. São somente negócios.

Ela dá mais uma risada, não é a senhora do chá e sim uma bruxa.

— Não, não é. Sorte minha que percebi assim que vi como ele se comporta com você. Ele a ama. Não poderíamos pedir algo melhor, entende? O intocável Scorpion com um “Calcanhar de Aquiles”. Quem não se aproveitaria? Não pense que é algo pessoal, querida.

— O que você pretende fazer?

— Agora faremos um pequeno vídeo e enviaremos para o enlouquecido que perdeu sua amada. Então ele virá até nós e será entregue ao meu contratante.

— Contratante?! Quem?

Ela não me responde. Achei que vilões com a vantagem se vangloriavam mais e revelavam tudo. Sigo as instruções dela, que faz a filmagem com o celular. Está confiante o suficiente para visualizar o vídeo novamente antes de enviar.

— Amon, como você deve ter percebido, fui pega pela Teresa Hines. Venha sozinho até o local indicado na mensagem. Se fizer isso, serei bem tratada e liberada em breve. Se não fizer, serei enviada em pedaços a cada hora, começando pelo dedo com a aliança.

— Ótimo.

— Você acha que ele é tão burro assim?

— Homens que amam não pensam duas vezes. Ele virá. Não se subestime tanto.

O tempo se passa e minha bunda fica dormente de estar sentada nesta cadeira. A tentativa de fuga indo ao banheiro não surte efeito. Arrependo-me de me deixar envolver em tudo isso e sonho acordada em jogar Tess do alto de um

edifício. Luzes se acendem e Amon é arremessado pela porta, com mãos e pés atados. É de fato o fim.

— Como você pode ser tão idiota? — berro.

Ele apenas me olha, impassível. Ainda está com a roupa do casamento. Vê-lo caído e indefeso me causa terror. Em seguida, a ira me invade. Quero bater nele enquanto está no chão. Onde está o homem incrível que sempre consegue o que quer? O empresário que nunca perde? Ou o político que ganha eleitores? Sem que eu possa dizer algo, Teresa retorna com sua cara cínica.

— Tem o que quer. Agora a liberte. — proclama.

— Infelizmente, senhor Cavanagh, não recebi autorização. Terá que falar diretamente com o meu contratante. Talvez saiba de quem se trata. Ele estará aqui a qualquer minuto. Foi bom vê-los novamente. Adeus.

Dito isso, um dos homens fica dentro da sala, vigiando Amon e eu.

— Você está bem? — sonda baixinho.

— Ah, é claro que estou bem. Tirando o fato de que estou amarrada em uma cadeira aguardando a hora de morrer, estou uma maravilha. Mas isso é um mero detalhe, não é mesmo?

— Tudo acabará bem. Eu prometo.

— Não acredito nas suas promessas. Nada de bom vem de você.

Ele não parece se abalar pelas verdades desferidas. Está calmo, diria até que concentrado. Planejou algo, certamente. Agarro o fio de esperança, respiro fundo e tento pensar. Conecto tudo que aconteceu desde que ele me abordou no bar e chego até o cartão de memória. Plano... Ele tem um plano! Só pode ser isso. Tudo conduz a este exato momento. Ele não me usou somente para conseguir o controle dos Del Vecchio. Ele quis que todos soubessem que sentia algo por mim. Um “falso Calcanhar de Aquiles” para atrair o tal russo. Carter disse que ele tinha uma armadilha. Eu era a isca! Era isso que tinha no cartão de memória. Teresa Hines acredita que é algum tipo de “terceirizada” que faz contratos. O russo a contratou para obter o Amon. As lágrimas escorrem quentes pela minha face. Sinto-me inteiramente arrasada, nauseada e tonta.

— Como você pode fazer isso comigo? Você é um monstro! Espero que lhe matem da pior morte possível! — falo, com uma mágoa que me rasga por dentro.

— Não é como você está pensando. Explicarei tudo depois.

— Não precisa. Eu já entendi. No seu joguinho de xadrez eu sou um peão que você descarta para derrubar peças melhores.

— Você não é o peão. Você é a rainha. Olhe para mim, Felìcita. — diz.

Não acredito que ainda me chama assim, mas olho. Seus olhos permanecem firmes. — Nós sairemos dessa.

Dois homens aparecem e levantam Amon pelos braços, levam-no embora e fico sozinha novamente. Sozinha e cheia de medo do que estão fazendo com ele. Compreendo que não importa o que ele diga ou que eu diga. Eu o amo e ele me ama. Se não me amasse, não teria desistido da armadilha e não estaríamos nesta situação. Não saber o que está acontecendo com ele me corrói. É algo interminável.

Levanto-me com cadeira e tudo e a faço colidir contra a parede com força. Na quinta vez, uma perna se parte. Procuro me ajoelhar para apanhar o pedaço de madeira, rezando para que por um milagre consiga romper a corda. Dou de cara no chão e não consigo me levantar. Nunca teria êxito.

O cara tatuado entra e começa a desatar a corda que me prende à cadeira. Pela minha posição, não enxerga o pedaço de madeira em minhas mãos. A cauda do vestido de noiva esconde a faltava de uma das pernas. Mesmo com as mãos ainda ligadas por Greg, tenho uma chance. Quando ele me vira, enfio com vigor o objeto pontiagudo em seu peito e corro desesperadamente. Noto um dos bandidos vindo até mim e dou meia volta, mas esbarro em outro. Tenho intenção de chutá-lo, contudo ele me suspende e me leva sobre o ombro, fazendo o caminho que acabei de percorrer.

Depara-se com o tatuado caído e grita algo em outro idioma. Os demais capangas vêm correndo. Ele fica de costas para a porta enquanto discute com os colegas. Espreito dentro da sala o resultado do meu ato. O sangue jorra e forma uma poça. Um dos que chega, alto, encorpado e que fuma cigarro, vai até lá. Joga o cigarro no chão e pisa em cima. Põe os dedos no pescoço do tatuado e faz uma negativa com a cabeça. Ele morreu! Pelos rostos, sei que querem fazer o mesmo comigo. Sinto o ódio deles por mim em todos os meus poros. O alto encorpado diz algo e então sou passada para o ombro dele.

Conduz-me por um corredor estreito, infestado de outros capangas. Talvez tenha dezenas deles pelo prédio. Entramos em um cômodo isolado e ele me solta de maneira brusca. Olho em volta. Existe apenas uma iluminação central e lados cobertos por sombras. Amon está pendurado pelos braços, os pés não tocam o chão. Apesar de uma linha de sangue escorrer pelo canto da boca, o resto parece perfeitamente inteiro. Próximo a ele está o provável autor de tudo, o contratante de Tess. É um homem esguio, de rosto fino e cabelos negros, levemente cacheados e sobrancelhas grossas. O capanga fala com ele no outro idioma e sai. O mafioso russo me analisa dos pés à cabeça e dá uma gargalhada. Não sei por

quais motivos os vilões sorriem tanto.

— E você é...?

— Ora, mas que moça curiosa. Pois bem, permita-me que eu me apresente. Sou Borislav Dvornikov.

— Dvor... Quê?

— Nikov. Dvornikov. Chame-me Boris. — tenta esconder a irritação. A fala é carregada de sotaque — Soube escolher bem sua esposa, Scorpion. Essa aí acabou de matar um dos meus.

Ronda-me e me inclino para acompanhar sua movimentação.

— Que casal lindo. Não queria deixá-lo viúvo tão cedo. Então é melhor que coopere Scorpion. Dê-me Nova York e poderá aproveitar sua lua de mel. O que acha? Eu quero os nomes, quero os detalhes do sistema. Quero os fornecedores do melhor produto.

O silêncio assustador e troca de olhares é interrompido pelo meu grunhido ele puxa meus cabelos e os enfeites de diamantes caem.

— Não toque nela! — a voz de Amon é como um rugido. A fisionomia é de um temor surpreendente. Remexe os braços tentando se soltar.

O homem dá um puxão mais intenso, penso que me arrancará os cabelos. Mantém-me presa. Sinto suas mãos subindo pelas minhas pernas, os dedos penetrando entre minhas coxas em um toque sujo e gelado. Ele se vira para contemplar a expressão do meu marido. Passo meus braços de mãos atadas sobre a cabeça dele e pressiono seu pescoço reunindo toda força em mim. O russo luta ao máximo para se livrar da chave de pescoço, mas não o solto.

Amon aterrissa e se posiciona protetoramente entre mim e a porta que leva ao corredor. Não vi como conseguiu se soltar. Quando o chefe russo perde a consciência, largo o corpo. Ele vasculha nos bolsos do homem, pega uma pistola e atira friamente em sua testa. Entro em estado de pânico, o corpo não obedece. Testemunho um assassinato. Também matei alguém, mas foi diferente. Não tive a intenção.

Ele vai se aproximando e vou recuando para trás, ofegante. O relógio de pulso soa um alarme pouco audível, que é imediatamente desligado. Guarda a arma na parte de trás da calça e me abraça. Fico imóvel, mas então me sustento nele. Ouço vários tiros e gritos vindos do lado de fora. A sinfonia da morte dura não mais que alguns minutos, depois cessa. Ele realmente não era burro para vir sozinho. Afinal ele é um criminoso calculista e altamente organizado. Homens de coletes à prova de balas invadem o cômodo mal iluminado.

— Tudo limpo. — um deles avisa.

Meu marido, ainda com os braços em volta de mim, guia-me para a saída, desviando dos mortos esparsos pelo caminho. Noto que um dos homens de colete é Carter. Sorri quando me vê. Não sei como uma pessoa pode sorrir em um momento como esse. Sinto que vou vomitar o que não tenho no estômago.

Entramos os três em um dos carros estacionados de maneira aleatória.

— Vocês... Vocês pegaram a Tess? — pergunto.

— Pegamos. — Carter diz.

— E o Greg?

— Também.

— Decidirei o destino deles depois. — comenta o Scorpion. O criminoso. O *businessman*.

Levanto a cabeça e me afasto dele o máximo possível.

— Desculpe-me. Não queria que você passasse por isso. Eu só...

— Só o quê? Só ia me usar como isca numa armadilha sem me dizer nada? E depois escondeu isso de mim? Seduziu-me e fingiu que me amava para atingir os seus propósitos?

— Eu não fingi. Eu a amo. No começo, admito, pretendia usá-la para me livrar de alguém que estava causando problemas. Mas eu me apaixonei por você. Em um instante, entendi que você sempre seria a coisa mais importante na minha vida. E eu quis protegê-la...

Esfrega a têmpora, é difícil para ele dizer isso. Está perturbado. Acredito no que confessa. Porém não torna as coisas fáceis.

— Era tarde demais. E você não estava pronta. Quando chorou nos meus braços naquele dia, percebi que não estava. E não consegui dizer, você me deixaria. Eu sinto muito. Deveria ter previsto antes que precisaria de um tempo para se adaptar.

— Tempo para me adaptar? Eu não sou uma criminosa.

Faz menção de dizer algo mais, contudo o calo.

— Você disse que me daria qualquer coisa que pedisse se quebrasse o seu mindinho. Eu quero ir embora para um lugar distante. Não me procure. Não me envolva mais nos seus planos asquerosos. Só me deixe pensar por mim mesma e viver do jeito que eu quiser... Você me dará esse direito?

— Darei.

— Então esse é o nosso adeus.

Beija meus lábios ternamente e correspondo. O carro para e Amon desce. Sinto uma pontada no peito, o coração despedaçar e desfalecer aos poucos. Mas não quero viver entre dois mundos, ser Audrey Wells e Felìcita Del Vecchio...

EPÍLOGO

— Um *Dry Martini*.

A voz dele é grave. Um timbre melódico com um toque de confiança. Traja um terno cinza cujo corte lhe valoriza a musculatura do corpo. Senta-se com as costas retas e beberica sutilmente de seu drinque enquanto mira meu decote com seus perfeitos olhos cor de mel. Viro meu terceiro *Blue Moon* e ele se oferece para pagar a próxima taça. O barman prepara o meu drinque.

— Olá. — ele diz.

— Olá.

— O que uma mulher linda como você faz aqui, sentada sozinha?

— Estou procurando meu par perfeito.

— Teve sorte?

— Talvez...

— Não pude deixar de notar que muitos aqui têm falado a seu respeito. Isso despertou o meu interesse. Você é a Lynx, não é?

— E você deve ser o Bird. Quer uma revanche? Precisa do seu dinheiro de volta?

— Não, pelo contrário. Gostaria de... — cochicha ao meu ouvido — Propor uma parceria.

Põe sua mão sobre a minha e gira de leve meu anel. Numa fração de segundo pego seu dedo e espero o estralo. Ele dá um gemido fraco.

— A resposta é não. E nunca mais toque em minha aliança de casamento. — pressiono ainda mais enquanto falo.

O homem desocupa a banqueta e o barman me olha feio.

— Senhorita, já é o quarto. Está espantando os clientes. Quantos “drinques” tomará? — recrimina.

— Bobagem. Estou apenas mantendo a rotatividade.

Dou um gole na bebida, apreciando o sabor. Mais um homem se senta ao meu lado. No balcão, vejo de relance as abotoaduras antiquadas e reluzentes. Não preciso do rosto para saber quem ele é.

— Kirill Aksakov. — cumprimento.

— Felìcita Cavanagh. Sinto-me honrado em tê-la em meu evento.

— Posso dizer o mesmo. Seu navio é bastante agradável.

— Com sua presença ele fica ainda melhor. Está ainda mais encantadora que um ano atrás. Qual o seu segredo?

— Acredito que tenha sido o amadurecimento. Você deve saber o que significa. Parece que também amadureceu durante esse tempo.

— De fato. Espanto-me que tenha percebido. O que mudou em mim?

— Sua aura. Diria que encontrou realmente o amor.

Ele sorri.

— É uma pessoa perigosa, Lynx.

— Não tanto quanto você, Wolf. Mas quem sabe um dia eu chegue lá.

— Aguardo contente esse momento. Fique à vontade e desfrute do nosso passeio.

— Desfrutarei.

Dou uma checada ao redor. Vejo uma silhueta caminhando para fora. Saio rebolando sobre meus saltos a seguindo, capturando somente a visão de suas costas. Sou a Alice indo atrás do coelho branco. Meus passos me levam até o amplo convés. Ando até a proa do navio, bem no limite onde está a grade de proteção. Sinto o vento no rosto, que sopra para trás os meus cabelos. Observo o sol que dá indícios do finzinho da tarde. Braços fortes impulsionam os meus para cima. Apreendo o aroma amadeirado e cítrico de verão nos trópicos.

— Eu estou voando, Jack. — falo.

Meus lábios se curvam em um grande sorriso. Viro-me e encontro seus olhos dourados e dentes brancos de propaganda. Do jeito que me lembrava.

— Conseguiu ficar um bom tempo longe de mim, senhora Cavanagh.

Contento-me em abraçá-lo e ser abraçada por ele outra vez. Senti-lo com o meu corpo.

— Senti saudades todos os dias. Mas sabia que voltaria para mim. — sussurra. Segura gentilmente meu queixo, para que olhe em seus olhos. — Porque você é como eu. Quando eu a vi soube que este é o palco em que deve atuar. Onde brilha e ilumina os meus dias escuros.

— Eu te amo. — confesso pela primeira vez.

— Eu também te amo, Felìcita. Mais que qualquer coisa.

— Qualquer coisa? Desistiria dos seus projetos por mim?

Ele parece pensativo.

— Não desistiria deles. Porque você me acharia somente um chato e não me amaria mais.

— Você é somente um chato. Talvez eu deva evitá-lo nas festas de agora em diante.

— Serei melhor. — não passa muita convicção em sua voz.

— Soube que você pegou o Giovanni. — comento.

— Peguei. Eu o trouxe para você. Como um presente de casamento atrasado.

— O que faremos agora, Senhor do Crime?

— Executaremos um novo plano, Senhora do Crime.

— Acho que teremos uma ótima lua de mel neste navio.

Beija-me longa e apaixonadamente, fazendo-me suspirar. Iça-me como uma princesa e aponto a direção da minha cabine.